

Conhecida a identidade dos 46 portugueses presos pela UNITA em Angola

Pág. 8

Encontro marcado para amanhã

Maputo e Pretória ultimam pacto na Cidade do Cabo

Pág. 20



Mais um carro armadilhado explodiu ontem em Beirute, no sector muçulmano da capital libanesa. O último balanço refere duas dezenas de feridos e nenhum morto, apesar dos grandes danos materiais causados pela explosão. Na telefoto: um ferido é socorrido após a explosão. (Telefoto UPI/NP/«DL»).

Libano

Veto soviético na ONU impede substituição da Força Multinacional

Págs. 10 e 11

Canadá

Trudeau vai abandonar a chefia do Governo

Págs. centrais



Hoje

Ler /Escrever «Gravitações» de Ramos Rosa

«Gravitações», o mais recente livro de poemas de António Ramos Rosa, é hoje, no suplemento «DL» Ler/Escrever, um dos temas centrais. Outros escritos de interesse preenchem o suplemento.

Jornada de luta da CGTP

Para a margem Sul ponte foi «funil»



A paralisação total da Transtejo e de grande parte dos veículos da RN transformou a ponte sobre o Tejo num verdadeiro «funil» por onde se escoou, esta manhã, a totalidade do tráfego da margem Sul em direcção a Lisboa

Pág. 7

Primeiro teste é já no sábado

No próximo dia 3, no suplemento «Sábado», sairá a primeira série de perguntas relativas ao concurso «Los Angeles 84». Para além da repetição do respectivo regulamento, outros esclarecimentos serão então fornecidos. Entre eles a resposta ao teste-piloto que durante duas semanas publicamos apenas para exemplificar a mecânica do concurso.

CONCURSO DL Sábado Los Angeles 84





q opinião dos outros

o diário

«Um dirigente da Unita declarou em entrevista à BBC que existe um acordo entre aquela organização fantoche e o Governo português. Foi muito claro ao usar da palavra 'entendimento' quando falou sobre a sorte dos 44 portugueses sequestrados no Cafungo, na Lunda.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros limitou-se a emitir uma nota qualificando de 'especulativas' as afirmações do porta-voz de Savimbi. É muito pouco.

O bando da Unita assassinou dois cooperantes portugueses, além dos que sequestrou durante a sua operação criminosa. Ora, sendo conhecidos os antecedentes no relacionamento do Governo português com a Unita, a vaga tomada de posição das Necessidades não substitui uma declaração formal do Governo sobre o assunto.

O País está lembrado da carta do sr. Balsemão a Savimbi, do telegrama de parabéns do PSD no aniversário da Unita, e não esqueceu que um dirigente fantoche, Tito Chinguji, declarou em Lisboa, no dia 7 de Abril de 83, ipso facto: «O secretário-geral do PS, Mário Soares, com quem conversámos, disse que podíamos falar em Lisboa». Acontece que o sr. Mário Soares nunca desmentiu as palavras que então lhe foram atribuídas por Chinguji. Decorrido quase um ano, a Unita continua a distribuir comunicados e a dar conferências de imprensa em Lisboa. Daí a preocupação suscitada pelas referências a um 'entendimento' entre o bando de assassinos de Savimbi e o Governo Soares-Pinto.»

do Registo
1.3.84

Diário de Notícias

«(...) Quando chegou a I República, dezasseis anos não bastaram para que desabrochassem em cultura. Princípios mal assimilados, barafundas, impediram aos governos e instituições privadas que o governo inteligente e generoso de Afonso Costa se cumprisse. Depois, foi a jugulação de direitos e princípios, ou antes, foi a cultura, não do conhecimento mas da fachada. E mais quarenta e oito anos de folclore e palmitos, de esforço empírico, para dar ao povo um diploma de analfabeto — 3.ª classe obrigatória, ministrada por professores com a 4.ª classe. Nenhum sinal de convivência com a natureza, nenhuma doutrinação sobre o respeito pelo património cultural herdado, nenhum princípio de respeito que não fosse subversão perante o próximo. Vinham dos anos 40, pelo menos, os sinais preocupantes de uma crise próxima. Uma sociedade cidadina, mais ou menos endinheirada, divertia-se à mesa do majongue e da canasta, lançando os filhos não em busca de um destino equilibrado e consciente mas do acaso que lhes desse as compensações não encontradas no lar. Noutros estratos sociais, baseados noutros índices económicos inferiores, o exemplo generalizava-se, alastrava pelas cidades, vilas e aldeias. Sob a capa de dar à criança e aos jovens a liberdade de serem como Rousseau entendia que deviam ser, encobria-se um grande egoísmo, um grande desleixo, uma grande derrogação perante responsabilidades, um grande analfabetismo. A escola deixou de ter professores condignamente preparados para ser um bom exemplo: a família, corroída por larvares problemas de vária ordem, cada vez menos foi o abrigo tutelar e consciencializador dos jovens e cidadãos que anos depois, ao desencadearem-se sem doutrinação princípios de liberdade e democracia, estalaram com os últimos esteios da estabilidade moral e social (...)»

de Manuela de Azevedo
1.3.84

Povo livre

«Em política — uma política que se queira responsável — não contam só as boas intenções. Delas está na verdade, o inferno político cheio. Um dos aspectos em que a célebre distinção de Max Weber entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade se manifesta é, por exemplo, a diferença entre o comportamento dos partidos e dos seus dirigentes quando estão no poder ou quando estão na oposição. Se, no contexto desta, se tende a privilegiar, por princípio, uma atitude radical, por vezes exacerbada, decorrente do não exercício de responsabilidades governamentais, já estas fazem apelo a uma perspectiva de Estado, que supõe a superação de uma perspectiva parcelar e parcial dos problemas.

Só os homens políticos capazes de ter em conta esta distinção, revelando ao mesmo tempo a capacidade de equilibrar, com harmonia, essas duas vertentes da acção política, merecem com justiça a qualificação de homens de Estado (...)»

«Não é lícito, quando se é um social-democrata autêntico, fazer nem uma política situacionista nem uma política «oposicionista» sistemáticas. Há, sim, de acordo com as circunstâncias, que assumir os tempos e os modos do poder e da oposição (...)»

de José Augusto Seabra
29.2.84



«(...) Desde Maio de 1981 a França tem proposto diversas medidas para o desenvolvimento e protecção das novas tecnologias às quais Bruxelas ainda não deu qualquer importância.

Juntamente com a chamada «eurocracia» de Bruxelas, vários países europeus têm dado pouca atenção ao problema do desenvolvimento das indústrias comunitárias e têm-se oposto ou desprezado as propostas do executivo francês.

Verifica-se que os Estados membros desfavoráveis aos desejos expressos pela França são aqueles onde predominam os interesses comerciais sobre os interesses da produção.

Adivinha-se, assim, a existência de duas Europas: uma Europa produtora e uma outra comercial. E estas duas Europas têm como é óbvio, dois projectos políticos diferentes e, logo, duas maneiras diversas de encarar a solução da crise que avassala o velho continente.

Aquela a que poderemos chamar Europa produtora tem como projecto político-económico «resolver o problema do emprego, prosseguir o progresso social sobre bases novas e salvaguardar a independência do continente. Ou, dito de outro modo, independência e prosperidade europeias ao serviço das independências e prosperidades nacionais (...)»

de José Vilas Monteiro
1.3.84

Com a dissolução, pelo Presidente da República, da Assembleia de Macau, este território e o seu governador, contra-almirante Almeida e Costa, saltaram para as primeiras páginas dos jornais. Mas como se vive, o que acontece em Macau? O serviço especial que aqui publicamos fornece uma imagem colorida das preocupações e interesses da população chinesa local.



O almanaque «Tong Seng» é talvez a mais velha publicação do mundo e em Hong Kong ele é comprado por cerca de um milhão de pessoas.

O caso do almanaque «Tong Seng»

Chineses de Macau continuam fiéis ao livro que trata de tudo

Começou em 2 de Fevereiro o ano lunar, desta vez o do Rato, que se sucedeu ao ano do Porco. A festividade do Ano Novo Lunar é fulcro de várias tradições chinesas, entre as quais a reedição anual do velho almanaque «Tong Seng», uma das mais antigas publicações do mundo.

É mesmo um dos elementos indissociáveis da festividade do Ano Novo Lunar a publicação do velho almanaque «Tong Seng», que, além de informações de vária ordem, diz como vai ser o ano que se inicia. Neste aspecto, orientais e ocidentais não se encontram tão distanciados quanto se poderia pensar.

A mística do retorno, do recomeço anual, é afinal comum a todas as latitudes. Por exemplo, em Inglaterra publica-se ainda, todos os anos, o «Raphael's Astrological Almanac», de grande tiragem, que conserva o nome de um astrólogo famoso do século XIX e é editado pela mesma casa que publica as mais populares efemérides planetárias usadas pelos astrólogos de todo o mundo. É também por alturas do «recomeço anual» que grandes editoras se lançam na aposta da publicação das previsões astrológicas para os doze signos do Zodíaco — as americanas tomam a dianteira inundando o mercado internacional — e que astrólogos sensacionalistas ou simples franco-atiradores dizem como vai ser o ano que começa: prevêem catástrofes, assassínios de presidentes da república ou mesmo o fim do mundo, jogando assim na roleta da sensação e da publicidade.

A mais antiga publicação do mundo

A jornalista britânica Frena Bloomfield, residente em Hong Kong, afirma no seu livro «The Book of Chinese Beliefs» que naquela colónia britânica são vendidos anualmente cerca de um milhão de exemplares de almanaques «Tong Seng», num território com uma população de pouco mais de cinco milhões. E comenta: «um livro que é comprado por 20% da população, deve representar alguma coisa para essas pessoas».

Em Macau, se bem que não nos tenha sido possível apurar

números, a popularidade do velho almanaque não deve ser menor, entre a comunidade chinesa. Numa volta por vários pontos da cidade, encontrámo-lo em muitas papelerias e tendas, juntamente com os sobrescritos para os «lai-si» (oferta de dinheiro nas ocasiões especiais), larga variedade de calendários e cartões de boas-festas. Aos vários interlocutores fizemos as mesmas perguntas e obtivemos respostas semelhantes. «O almanaque ainda se vende», «Sim, acredito no «Tong Seng» porque as suas previsões são muito exactas».

Escrito numa linguagem arcaica, o velho almanaque não é entendido por todos, contendo passagens ininteligíveis. O que não admira, pois há quem defenda tratar-se provavelmente da mais antiga publicação do mundo, ainda editada, datando a sua origem de 2200 a.C. Em geral, são os membros mais velhos da família que mais confiam nele e sabem interpretá-lo. As gerações mais novas já se orientam para uma filosofia mais positivista da vida, mas é difícil garantir até que ponto se libertam da superstição, tão enraizada entre os chineses.

O Zodíaco da vizinha

Uma constatação curiosa relaciona-se com um fenómeno que tem o seu correspondente no Ocidente. A astrologia ocidental assenta num Zodíaco de doze signos, provenientes da tradição caldaica e grega, e foi através deles que esse conhecimento milenário ganhou popularidade.

Mas uma das modas actualmente em voga na Europa é o uso do Zodíaco chinês, também assente em doze signos, cada um representado por um animal. No calendário lunar os anos não são numerados mas sim nomeados, recebendo cada um o nome de um dos doze animais simbólicos. Assim, este ano que se inicia a 2 de Fevereiro é o do Rato,

o primeiro de um novo ciclo de doze anos.

Em Portugal, um dos grandes sucessos editoriais foi a publicação, há cinco anos, de um livro sobre os signos chineses, que já vai na sua quinta edição e tem sido mais vendida do que muitos dos que versam sobre astrologia ocidental.

E em Macau, como em Hong Kong, lado a lado com o velho almanaque, é possível encontrar pequenas brochuras em chinês com as previsões para os doze signos anuais chineses, mas surgem em número cada vez maior os livros com previsões segundo o Zodíaco ocidental. Embora as gerações mais velhas desconheçam a nova moda, ela vai ganhando popularidade entre os mais jovens. O Zodíaco da vizinha tem os seus atractivos.

O livro que trata de tudo

De que trata o «Tong Seng»? A primeira resposta, de facto a resposta correcta, é que é o livro que trata de todos os assuntos «desde o céu até ao inferno», como vem escrito na capa. Como todos os velhos almanaques, que não são um exclusivo da China — em Portugal ainda hoje se publica o «Borda d'Água» —, contém um vasto conjunto de informações práticas, muitas delas já ultrapassadas, ocupando porém um lugar destacado as que se referem a crenças várias e às previsões meteorológicas, as referentes às boas épocas do ano para as actividades agrícolas e, naturalmente, as que dizem respeito ao destino pessoal.

Com a ajuda dos redactores de língua chinesa do GCS e ainda do letrado Tomás Shih, da Repartição dos Assuntos Chineses, procurámos desbravar a mais volumosa das versões do «Tong Seng».

O verdadeiro nome do almanaque é «Tong Su», mas soa mal porque, em chinês, a palavra para dizer «livro» é muito parecida com o verbo «perder». Visto que «os chineses não gostam de perder», segundo nos explicaram, o livro é conhecido, sobretudo entre os cantoneses, como «Tong Seng» que significa «ganhar tudo» («seng» quer dizer «ganhar»).

Com cerca de quatrocentas páginas, na sua versão completa, o «Tong Seng», abre com indicações sobre agricultura, logo seguidas de informações sobre as festividades do ano e outras de natureza astronómica, como a hora do nascer e do pôr do Sol. Das várias secções do almanaque, referimos algumas: as cem maneiras de escrever a palavra «fok» que significa felicidade; as profecias do profeta Lau Pak Van, da dinastia Ming, que fez previsões sobre a vida futura do imperador Ming Tai Chou; o significado do peso dos ossos humanos em taéis, medida chinesa — um homem cujos ossos pesam menos de três taéis terá que trabalhar a vida inteira...; um texto muito antigo com ensinamentos aos jovens sobre as regras da boa conduta na vida; receitas com ervas medicinais, etc.

A informação sobre temas científicos tem também o seu lugar. Por exemplo, um dos capítulos do livro explica as diferentes fases da evolução do embrião humano, com ilustrações sugestivas acompanhando o texto.

Entretanto, e como seria de esperar, a adivinhação ocupa um grande número de páginas. Para quem queira estudá-las, a quiromancia e a fisiognomonia são explanadas. A leitura dos sinais do rosto é muito popular. Ter um sinal no lobo inferior da orelha significa «se for mulher, será muito conflituosa, mas se for do sexo masculino será um homem nobre»; ao passo que um sinal ao nível do malhar significa, para ambos os sexos, «que há de perder a sua posição social e o seu prestígio».

Entre as informações práticas, o almanaque ensina a dizer palavras em inglês, usando caracteres chineses com uma fonética semelhante, indica quais os números correspondentes a cada carácter chinês, para o envio de telegramas, as mil palavras mais usadas em chinês (já desactualizadas) e a lista dos principais apelidos usados na China.

Com ou sem almanaque, um novo ano se inicia e, com ele se renovam as esperanças de que seja melhor que o anterior. E, sobretudo, que traga muito dinheiro: «Kuang Hei Fat Choi!» (desejos de boa fortuna).

Os 50 irremissíveis inimigos da ditadura — II

Varela Gomes

Em apontamento anterior, com este mesmo título, ficaram identificados alguns dos 50 inimigos da «ditadura nacional» (1926-32), considerados sem perdão por Salazar. Constavam de uma lista anexada ao Dec. 21.943 de 5 de Dezembro 1932, alcunhado pela malévol ironia salazarenta, o decreto da «amnistia».

Falámos dos quatro civis nele incluídos: Bernardino Machado, Afonso Costa Pestana Júnior e Santos Monteiro; do militar insigne que encabeçava a lista: o general Adalberto Gastão de Sousa Dias, que viria a morrer na condição de deportado, em Cabo Verde, no mês de Abril de 1934. Referimos os dois nomes daqueles que julgamos serem os únicos sobreviventes: os coronéis Carlos Vilhena (95 anos) e Manuel António Correia (90 anos). E terminámos a primeira parte deste apontamento hesitando sobre qual a melhor maneira de apresentar aos leitores do «DL» o nome dos restantes 43 militares consagrados (alfabeticamente) por Salazar na lista dos heróis da democracia e da liberdade.

Relacioná-los com os movimentos revolucionários que tiveram lugar no período de 1926-32, parece ser um método aconselhável; visto que permitirá, por acréscimo, relembrar a sequência das revoltas contra a ditadura na sua fase pré-fascista; sem dúvida a de maior amplitude e violência que se verificaram em Portugal durante os 48 anos de regime totalitário.

Procuremos portanto, em primeiro lugar, identificar os «revolucionários de Fevereiro», como faziam gala em autodesignar-se aqueles que, a 3 e 7 de Fevereiro de 1927, no Porto e Lisboa respectivamente, pegaram em armas para tentarem derrubar a ditadura nascente. Tinham apenas passado oito meses sobre o golpe do 28 de Maio! E os militares republicanos e constitucionais lá estavam, iniciando o longo combate de quase meio século, precursores que foram dos capitães de 1974.

Ao general Sousa Dias cabe um lugar de destaque na Revolta de 3 de Fevereiro, visto ter sido o chefe escolhido para dirigir a revolta militar. Antigo comandante da Divisão do Norte foi o primeiro subscritor da proclamação do

Comité Revolucionário difundida às 8 horas da manhã do dia 3. Os outros subscritores eram: Jaime de Morais, Jaime Cortezão, coronel Freiria, capitães Sarmento Pimentel e César de Almeida, tenente Pereira de Carvalho, e o dirigente político da Esquerda Democrática, José Domingues dos Santos.

Ora nem todos estes nomes constam na Lista dos 50. Só lá figuram os nomes do capitão-tenente médico naval Jaime Alberto Castro de Morais (o grande impulsor da revolta), do coronel Fernando Augusto Freiria (chefe do Estado-Maior das forças revoltosas) e do tenente João Pereira de Carvalho (activo conspirador).

Os capitães Sarmento Pimentel e César de Almeida são duas ausências (na Lista dos 50) que merecem reparo, pois o ditador votou-lhes um ódio de morte. E bem justificado ele era em relação a esses dois eminentes patriotas, glórias do Exército português, inimigos indefectíveis da ditadura.

Encontravam-se ambos a salvo fora do País, em 1932, longe das garras do ditador; essa deve ser a razão por que não foram distinguidos com inclusão nominal na Lista dos Não-Amnistiados.

A personalidade de César de Almeida (morreu já depois de 1974) tem sido totalmente esquecida. Como tanta gente, e tanta coisa, dir-se-á. Mas poucos haverão tão merecedores do preito das Forças Armadas e da Nação em geral. Aos 17 anos era maçom/carbonário; cadete do 5 de Outubro; revolucionário de Fevereiro desde a primeira hora da conspiração; deportações e fugas; Guerra de Espanha, três anos, no Estado-Maior de Jaime de Morais; etc.. Uma vida que devia ser mostrada como exemplo às novas gerações de oficiais.

Com Manuel António Correia, combatente do 3 de Fevereiro, tive ocasião de conversar vai para um ano. Tenente então, comandando a sua tropa de Viana do Castelo, esteve nos dois combates principais em que as forças republicanas saíram vencedoras: rechaçar o inimigo que pretendia atravessar o rio junto da Ponte D. Luiz; suster o avanço das colunas governamentais na Praça Marquês de Pombal (cruzamento das Ruas de S. Catarina e da Constituição). Nesta segunda operação foi coadjuvado pelo tenente de



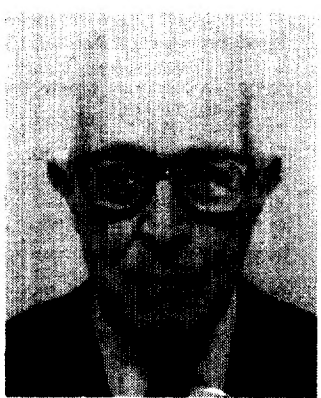
General Sá Cardoso e coronéis Hélder Ribeiro e Álvaro de Castro

artilharia Nuno Cerqueira Machado Cruz (assim consta, em penúltimo lugar na Lista dos 50), outra figura heróica da luta pela liberdade, também completamente olvidado, e que merecia destaque especial.

Torna-se, entretanto, inviável, biografar minimamente no espaço de um apontamento jornalístico, toda uma galeria de inclitos militares e cidadãos que se distinguiram na luta contra o fascismo emergente. Limitemo-nos pois a relacioná-los com os movimentos revoltosos mais importantes em que tomaram parte.

Revolucionários de Fevereiro são também o 1.º tenente Agatão Lança, cuja valentia e audácia o converteram em idolo romântico da resistência à ditadura; o comandante João Manuel de Carvalho que, com as peças do «Carvalho Araújo», tentou apoiar as posições republicanas escalonadas do Rato ao Bairro Alto; o coronel Mendes dos Reis, que comandava as forças do exército, em Lisboa, até à rendição, às 19.30 do dia 9 de Fevereiro. No Porto, ainda, o major Severino (Inácio Severino de Melo Bandeira), o tenente Oliveira Pio, meu herói estimado, a cuja memória dediquei um pequeno livro; e, porventura, mais alguns, mas sobre os quais não posso elementos que me permitam identificá-los na Lista dos Não-Amnistiados pela «amnistia» de Dezembro 1932.

Envolvidos na Revolta do Castelo (de S. Jorge, em Lisboa), a 20 de Julho 1928 — a 2.ª grande revolta armada contra a ditadura — aparecem os seguintes nomes: coronel Dias Antunes, sobre quem já escrevi algumas linhas a propósito da sua deportação e morte em Timor; os antigos ministros da República, coronel Fi-



lemon da Silveira Duarte de Almeida, o tenente-coronel Fernando Pais Teles de Utra Machado, o cap. Jaime Batista, o célebre «Batista das metralhadoras»; o tenente Quilhó, da Administração Militar, paralisado das pernas e que, de muleta em riste, dirigiu o levantamento da guarnição do Castelo de S. Jorge.

Entre os 50 irremissíveis inimigos de Salazar, grande número tomou parte na Revolta da Madeira e suas ramificações pelos Açores e Guiné.

Muitos eram revoltosos reincentes. Estavam afastados do continente, na situação de deportados. Foi o caso do general Sousa Dias e do coronel Freiria que repetiam no Funchal, em Abril 1931, a tentativa de instaurar um regime democrático e constitucionalista, que falhou no Porto em 1927. O capitão Carlos Vilhena, já protagonista de múltiplas conspirações, e futuro animador de muitas outras até 1974. O capitão Casimiro dos Santos, homem de letras, governador colonial, inimigo do salazarismo até morrer, e que ainda foi meu companheiro na lista da Oposição Democrática, em 1961. O coronel Mendes dos Reis, vencido em Lisboa no 7 de Fevereiro, (para estar novamente entre os vencidos da Madeira) Da guarnição da ilha aderiram à revolta, o cap. eng. Carlos Vasconcelos Frazão Sardinha, que morreu depois do «25 de Abril» reintegrado na patente de coronel; o major Varão, chefe do Estado-Maior; e muitos outros, mas que não ficaram registados entre os 50. Lê-se ainda o nome de dois famosos «operacionais»: os tenentes Sílvio Pélico e Camões. Um outro, ainda vivo, o alferes Hasse Ferreira, não teve a honra de ser incluído no nominalmente, no odioso decreto de Salazar. Da conjugada Revolta

caram.

Merece ainda referência o capitão Alfredo Chaves, homem que se notabilizou pelo seu espírito indomável. Na realidade, foi o autor da primeira sublevação contra a ditadura, a de Infantaria 19, a 11 de Setembro 1926. Por fim deve ser nomeado o único sargento que faz parte da Lista dos 50: José Maria Videira, fundador da ORS — Organização Revolucionária dos Sargentos, intemperado lutador antifascista (a quem já me referi em escrito anterior).

Terminarei por aqui, e por enquanto. Foram muitos nomes, evocações excessivamente rápidas de vidas longas e cheias, heróis da resistência contra o fascismo nascente, orgulho de uma Pátria (tão desalentada!), das suas Forças Armadas (tão despojadas de valores).

Destes, de que fiz a chamada, e de dezenas de outros, militares republicanos, constitucionais, antifascistas, não se ouve menção nas falas dos enfatuados governantes, hipocritamente preocupados com o património moral da Nação. Também os responsáveis pelas Forças Armadas da II República (desde 1974), mostraram (e demonstraram) preferirem esquecer-se dos avoengos militares revolucionários da I República. Compreende-se.

Um recadinho final — dividido em duas questões — para os camaradinhos comemoradores do 10.º aniversário do «25 de Abril»: 1.ª Será que já pensaram, alguma vez, que 10 anos, pouco menos é, em termos históricos, que 50?

2.ª Sabem, porventura, que a 27 de Abril de 1934 — há 50 anos, precisamente — morreu deportado em S. Vicente de Cabo Verde, um general insigne do Exército Português, Adalberto Gastão de Sousa Dias, depois de sofrer privações e enxaletos, a mando do sinistro Salazar?

Seria bonito, (decente) neste 10.º aniversário de uma revolução vitoriosa contra o (mesmo) fascismo, homenagear neste homem, símbolo perene do espírito democrático existente nas Forças Armadas, as centenas de militares (oficiais, sargentos e praças), que se bateram denodadamente e com honra, pela Liberdade e pela Democracia. Os irremissíveis inimigos da ditadura, não podem ficar esquecidos, nas comemorações do derrubamento do fascismo.

A bandeira da fome no Carnaval do Rio

Na era da democratização e da inflação com três algarismos, o célebre Carnaval do Rio de Janeiro está a transformar-se este ano em arena política, com segundas intenções lucrativas.

Defronte de apartamentos que chegam a ser pagos a 2 mil e 900 contos por assoalhada, ou seja, 48 anos de salários mínimo no Brasil pelos brasileiros e estrangeiros bafejados pela sorte, desfilarão entre outros, nos seus carros alegóricos, a fome que grassa no Nordeste, a pobreza e a eleição do próximo presidente da República em Janeiro de 1985.

Mas é sobretudo o preço dos bilhetes que espanta, embora seja certo que não irá ficar nenhuma entrada por vender. Se se tiverem em conta os aumentos e o facto dos bilhetes serem válidos este ano apenas para uma noite (no ano passado eram-no para os quatro dias), o preço dos «papelinhos» que permitem a entrada aumentou em certos casos cinco mil por cento. «As crianças vão ter falta de leite», assinalava um dirigente sambista quando foram publicadas as novas tarifas.



E para estes, que Carnaval?

Até mesmo alguns estrangeiros se mostram chocados com os preços dos bilhetes e a imprensa do Rio de Janeiro fez-se eco dos protestos feitos na RFA por agências de turismo alemãs-federais, que ameaçam boicotar o Carnaval do próximo ano.

Quando foram leiloados os primeiros camarotes do «Sambódromo», nas passadas se-

gundas e terças-feiras, foram ultrapassados todos os recordes.

Um deles foi adjudicado por mais de 2 mil contos, à Regine, a «Rainha da Noite» parisiense. Por seu turno, só o «Rei do Bicho» (apostas clandestinas) do Rio de Janeiro comprou quatro camarotes, por 4.500 contos.

Estes preços provocam, à evidência, um activo mercado

negro e os cariocas já estão prontos para ficar horas seguidas na bicha assim que os bilhetes forem postos à venda, o que acontece todos os anos.

Actualmente, há mesmo um conflito entre Leonel Brizola e os chefes das escolas de samba, que ameaçam fazer «a greve do Carnaval» se o habitual número de camarotes reservados não lhes for restituído pelas autoridades do Rio.

Esboçada discretamente em 1983, a politização das escolas de samba acentuou-se ainda mais. Os «Flagelados» (nome pelo qual são conhecidos os habitantes do Nordeste acossados pela fome) e as suas «sopas feitas de ar» serão cantados por uma das escolas. Outro grupo aludirá, no refrão, às difíceis horas dos habitantes das cidades, atrasados por causa dos comboios que não aparecem.

Por seu turno, a eleição do próximo presidente da República também será evocada numa altura em que são cada vez mais numerosos os brasileiros que desejam ver o actual escrutínio indirecto substituído pelo sufrágio universal directo.

ponto a ponto



PATENTE ao público até ao próximo dia 9, na Sociedade de Geografia de Lisboa (à Rua das Portas de Santo Antão), uma exposição sobre a vida e obra de Bernardino Machado, inaugurada na tarde de ontem. Trata-se de uma iniciativa da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, a propósito da homenagem nacional ao antigo Presidente da República e professor catedrático da Universidade de Lisboa.

O embaixador Antoine Blanca, enviado do chefe de Governo francês, foi recebido por Mário Soares, a quem entregou uma mensagem especial de Pierre Mauroy, informou o gabinete do Primeiro-Ministro português.

Mário Soares ofereceu ontem um jantar ao visitante, em que participaram vários membros do Governo.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INFORMÁTICA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 24.º dos Estatutos, convoco para às 21.30 h do dia 9 de Março de 1984 na sede da Associação, uma Assembleia Geral Extraordinária com a seguinte **Ordem de Trabalhos**:

Ponto Único — Discussão e aprovação de uma proposta apresentada pelo Presidente da Direcção-Geral com o fim de alterar o conteúdo do Artigo 8.º Capítulo I, Título II dos Estatutos — Definição de Sócios Colectivos — e eliminação do Artigo 16.º e renumeração dos Artigos seguintes.

Se, nos termos do Artigo 53.º, à hora indicada não estiverem presentes, pelo menos, 2/3 dos sócios no pleno uso dos seus direitos, a Assembleia Geral reunirá em segunda convocação, meia hora depois, desde que esteja presente metade dos sócios efectivos no pleno uso dos seus direitos.

Não se verificando qualquer destas condições, convoco nova Assembleia Geral para às 21.30 h do dia 23 de Março de 1984, no mesmo local, com a mesma Ordem de Trabalhos.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Mário Dinis Carrinho

Actividades do CI/ANOP

O Conselho de Informação para a ANOP aprovou na sua última reunião um parecer relativo ao anteprojecto de Lei de Imprensa posto pelo Governo à discussão pública.

Por outro lado, rejeitou o texto de parecer proposto por um grupo de trabalho constituído no âmbito do CI-ANOP com o objectivo de analisar o referido documento.

Com voto unânime, este Conselho manifestou, no entanto, reservas quanto às soluções legais referidas no anteprojecto relativamente à limitação do sigilo profissional dos jornalistas e à

obrigatoriedade de revelação das fontes em processo penal nos casos de crime público.

Considerou que essa obrigatoriedade poderá «transformar o jornalista em depoente ou testemunha, sendo assim envolvido no próprio processo de investigação».

Relativamente ao parecer dos Conselhos de Redacção sobre a nomeação dos directores de informação, vinculativo para a Imprensa do sector privado e consultivo para os órgãos do sector público, o CI-ANOP (com 14 votos a favor do PS e PSD e três contra do PCP e CDS) sa-

lientou que essa determinação «corresponde não a uma distinção desejada pela lei ordinária, mas antes a uma definição consagrada na Constituição da República».

Adiantou que a Constituição refere «a limitação dos jornalistas na orientação dos órgãos de Comunicação Social pertencentes ao Estado, aos partidos políticos e às confissões religiosas».

«É aliás na sequência dessa filosofia que, para o sector público, a Constituição previu a existência, primeiro, dos Conselhos de Informação e, actual-

mente, do Conselho de Comunicação Social» — sublinha o parecer aprovado na última reunião do Conselho de Informação para a ANOP.

Por outro lado, com 16 votos a favor do PS, PSD e CDS e uma abstenção do PCP, este Conselho congratulou-se com a consagração dos novos conceitos constitucionais referidos ao direito de «se informar e ser informado sem impedimento nem restrições».

O CI-ANOP volta a reunir-se no próximo dia 12 do corrente para discussão e votação do seu relatório anual de actividades.

«A Informação no Nordeste»

CFJ: colóquio de professor brasileiro

O Centro de Formação de Jornalistas (CFJ) promove no próximo dia 6, terça-feira, às 21.30 h, nas suas instalações à Rua do Melo, 2, no Porto, um colóquio orientado pelo professor universitário brasileiro Carlos d'Alge e su-

bordinado ao tema «A Informação no Nordeste Brasileiro».

Professor de literatura portuguesa e chefe do Departamento de Letras na Universidade do Ceará, Carlos d'Alge iniciou a sua actividade profissional no jornalismo, sendo ainda hoje colabora-

dor permanente do principal jornal do Ceará — «O Povo» — e de um dos programas radiofónicos de maior audiência na cidade de Fortaleza.

Carlos d'Alge é português de nascimento e brasileiro por opção de nacionalidade.

«France Soir» vai despedir por economia

A direcção do jornal da oposição «France-Soir» (de características populares), um dos principais títulos do magnate Robert Hersant, anunciou ultimamente aos sindicatos que tencionava proceder a 141 despedimentos, por motivos económicos, num total de 614 pessoas.

Com uma tiragem diária situada entre os 350 e os 400 mil exemplares, o «France-Soir» registou um défice de 26 milhões de francos em 1983.

Segundo a direcção, estas

perdas são provocadas, essencialmente, pela diminuição das receitas dos pequenos anúncios, designadamente a oferta de empregos, que constituía, até agora, uma das maiores fontes de receita do jornal.

Por seu turno, os sindicatos garantem que o défice deve ser imputado ao suplemento semanal do «France-Sior» («France-Soir Magazine»), uma onerosa publicação inteiramente a cores, ao título da qual Robert Hersant

consentiu importantes investimentos técnicos.

Aquilo a que os sindicatos chamam o «novo golpe de força» de Robert Hersant regista-se algumas semanas depois de ter sido aprovado, em primeira leitura, pelos deputados franceses, um projecto de lei «anti-trust» na Imprensa, que visa particularmente o «império Hersant».

Os despedimentos reclamados pelo «France-Soir» têm de ser submetidos à aprovação da Inspecção do Trabalho.

CI/RTP

O Conselho de Informação para a RTP, reunido em sessão plenária, deliberou aprovar por maioria, com votos favoráveis dos representantes do PS, PSD, CDS e MDP e o voto contra dos representantes do PCP, uma proposta de parecer sobre o anteprojecto da Lei de Imprensa.

A próxima reunião plenária está agendada para o dia 13 do corrente, de manhã, no Palácio de S. Bento.

Director da ANGOP

O jornalista Raimundo Sotto Maior foi nomeado director-geral da Agência Angola Press (ANGOP), de que era anteriormente chefe de Redacção.

De acordo com o despacho do secretário do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho para a esfera ideológica, a nomeação foi proposta pelo Departamento de Informação e Propaganda (DIP), acrescenta aquela agência.

**"IRRESISTÍVELMETE
CÓMICO!"**
Vincent Canby, New York Times

**MEL BROOKS & ANNE BANCROFT
TO BE OR NOT TO BE**
That's the movie!

SER ou NÃO SER

CHARLES DURNING - Candidato ao Óscar da Academia 1984

TIM MATHESON · JOSE FERRER Argumento: THOMAS MEEHAN
& RONNY GRAHAM Prod. Executivo HOWARD JEFFREY
Produção: MEL BROOKS Realização: ALAN JOHNSON
Música: JOHN MORRIS Maiores de 12 anos

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

FILME DE QUALIDADE

HOJE GRANDE ESTREIA
HOLLYWOOD-2 / VOX

INAUGURAÇÃO DA NOVA SALA
NO CENTRO COMERCIAL PÃO DE AÇÚCAR EM ALCANTARA

LAS VEGAS-2

FANDA SONC'RA — ISLAND — DACAPO

INTERARTE
USL84

CONCURSO DE
ARTESANATO
E ETNOGRAFIA
ARTES PLÁSTICAS E VISUAIS
JORNALISMO LITERÁRIO
ENSAYO

CONTACTA O
TEU SINDICATO

USL/CGTP-IN

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30

A SOBRINHA DO MARQUEZ
Comédia em três actos de
ALMEIDA GARRETT
Direcção e Encenação de
FERNANDA ALVES

com
**RUI de CARVALHO — VARELA SILVA —
CURADO RIBEIRO — CATARINA AVELAR
VIRGÍLIO CASTELO**

**VICTOR RIBEIRO — ANTÓNIO ANJOS — MANUEL
COELHO — MARIA AMÉLIA MATTA — PAULA NORA**
Luís Bandeira — Lúcia Maria — Carlos Pimenta

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 6 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª-FEIRA

**DEBATER LISBOA
VALORIZAR A CIDADE
SERVIR A POPULAÇÃO**

**CICLO
DE DEBATES**

**TEATRO
do
NOSSO TEMPO**
(Praça José Fontana, 12-B-Lisboa)

2 DE MARÇO • 21 HORAS
● **PLANEAR LISBOA E A REGIÃO**

9 DE MARÇO • 21 HORAS
● **OS TRANSPORTES
E O TRÂNSITO.**

16 DE MARÇO • 21 HORAS
● **HABITAÇÃO
E EQUIPAMENTO SOCIAL.**

23 DE MARÇO • 21 HORAS
● **PATRIMÓNIO
HISTÓRICO E CULTURAL.**

Debates Organizados pelo
Comité Local de Lisboa
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

METRO: Picoas
AUTOCARROS: 3-4-12-20-22-27-32

Ontem, em Madrid

Deputados portugueses e espanhóis debateram adesão comum à CEE

O processo de entrada de Espanha e Portugal na CEE e as relações bilaterais foram os principais temas debatidos na reunião que deputados portugueses efectuaram ontem, em Madrid, com a Comissão de Negócios Estrangeiros do Congresso Espanhol.

Os deputados espanhóis e portugueses coincidiram em que Portugal e Espanha devem evitar qualquer enfrentamento e coordenar esforços para conseguir, quanto antes, e em condições óptimas, a entrada de ambos na Comunidade Económica Europeia.

A delegação parlamentar portuguesa, que se encontra de visita oficial a Espanha desde o domingo passado, visitou, ainda ontem, a sede do Senado, onde foi recebida pelo presidente desta câmara, Frederico de Carvajal.

Na reunião celebrada no Congresso, os deputados portugueses e espanhóis coincidiram em que os dois países devem entrar simultaneamente para que nenhum se veja prejudicado pelas condições do outro.

As duas partes destacaram a conveniência de que Portugal e Espanha entrem na CEE para que a Península Ibérica não fique isolada do resto da Europa, embora se tenha reconhecido que a adesão não constitui, em si, a solução dos problemas económicos de ambos os países.

Durante a reunião salientou-se a conveniência de que os dois países desenvolvam as relações bilaterais a partir do tratado de amizade e cooperação existente entre Espanha e Portugal.

Cooperação fronteiriça

A delegação portuguesa, integrada por 13 deputados de todos os partidos, comprometeu-se a apoiar a candidatura do ex-ministro de Negócios Estrangeiros espanhol, Marcelino Oreja, à Secretaria-Geral do Conselho da Europa.

A cooperação dos dois países num projecto de desenvolvimento das regiões fronteiriças e

a procura de soluções para os problemas com que se enfrentam alguns sectores da emigração portuguesa em Espanha também foram debatidos na referida reunião.

Hoje, a delegação portuguesa visitará, em Valladolid, o Arquivo de Simancas, onde se encontram importantes documentos históricos sobre as relações entre os dois países, e a cidade de Tordesillas, também de referência na história de Portugal e Espanha.

Sexta-feira, os deputados portugueses serão recebidos em audiências pelo rei Juan Carlos e pelo presidente do Governo, Felipe Gonzalez.

Papel em África

Portugal e Espanha encontram-se numa situação privilegiada para ajudar a Europa a melhorar os seus contactos com os países africanos e ibero-americanos, afirmou, também, ontem, em Madrid, o presidente da Assembleia do Conselho da Europa.

No final de uma visita de dois dias a Espanha, Karl Ahrens disse, em conferência de imprensa, que «os dois países têm possibilidades especiais de diálogo com os países do Terceiro Mundo e daí o papel que poderão desempenhar na Conferência sobre as Relações Norte-Sul que terá lugar em Lisboa de 9 a 11 de Abril».

Para o presidente da Assembleia do Conselho da Europa, a Espanha e Portugal «são as grandes esperanças do resto da Europa, pois o facto de terem conseguido sair da ditadura eliminando-a, e construir uma democracia constitui um êxito que é contemplado com admiração pela Europa».

Karl Ahrens reafirmou o apoio do Conselho da Europa à entrada de Espanha e Portugal na CEE e destacou a posição do seu país, a Alemanha Federal, que «não vai consentir, nem aprovar, novas contribuições financeiras à Comunidade, se antes não se solucionar a entrada dos dois países».

Macau: o conflito institucional à sombra da China

Apesar da importância do «espírito conciliador», realçado publicamente por Almeida e Costa, os ânimos estão longe de serenar em Macau. Para sábado, está já marcado um jantar de solidariedade e desagravo com a Assembleia Legislativa, o qual promete ser mais uma pedra na campanha em curso contra a Administração local.

Ontem, durante uma visita às obras da nova subestação da Companhia de Electricidade de Macau, Almeida e Costa diria: «Importa, sobretudo, ter consciência de que se está a fazer uma obra positiva, apesar dos erros e das dificuldades. O importante é fazermos essa obra em harmonia com o espírito conciliador, mesmo quando há um ou outro sobressalto que o tempo mostrará ser passageiro».

Esta palavras do governador só tiveram correspondência por parte da comunidade chinesa, nomeadamente através do deputado Ma Man Kei que na última sessão da dissolvida Assembleia Legislativa apelou à calma e para que o conflito que opõe o executivo ao legislativo de Macau fosse negociado localmente, dado tratar-se de «uma questão especificamente local».

Entre a comunidade portuguesa e luso-macaense partia, entretanto, a iniciativa de organizar, no sábado, um jantar de homenagem à Assembleia Legislativa cessante. Já estão inscritas 700 pessoas, na sua maioria oriundas do funcionalismo público, um sector dominado por portugueses e luso-macaenses.

Porta-voz destas comunidades, o único matutino de Macau,

Lemos Ferreira é o proposto

Mota Pinto (e não Soares...) informou Eanes do nome para CEMGFA

O ministro da Defesa, Mota Pinto, foi ontem a Belém informar o Presidente da República do nome escolhido pelo Governo para o cargo de CEMGFA. Fonte próxima do Executivo indicou ao «DL» que o nome proposto é o do general Lemos Ferreira, que tem vindo a exercer já, interinamente, as funções de CEMGFA.

Interrogado à saída da audiência com Eanes, o titular da Defesa escusou-se a revelar o nome do militar escolhido, afirmando que é ao Presidente da República que compete nomear o CEMGFA, embora por proposta do Governo.

Acrescentou, a propósito, que o Governo «vai agora formalizar a proposta».

Caso do PR rejeite o oficial proposto, o Conselho de Chefes do Estado-Maior voltará a reunir para indicar um conjunto de seis oficiais, dos

quais o Governo escolherá novamente um para propor ao Chefe de Estado.

Registe-se, ainda, o facto de ter sido Mota Pinto a informar Eanes do nome apoiado pelo Executivo. Como é sabido, foi um «acordo de cavalheiros» entre Ramalho Eanes e Mário Soares que permitiu desbloquear a situação criada na hierarquia do Exército com a proposta de exoneração de Garcia dos Santos, feita pelo Governo.

Segundo esse acordo, teria de haver consenso entre o PR e o Primeiro-Ministro quanto à designação dos nomes para as chefias militares.

Regiões Militares

Entretanto, o Conselho Superior de Defesa Nacional ratificou ontem as nomeações dos generais Correia de Cruz, Almeida Brito e Wilson Pereira

para os comandos das Regiões Militares Norte, Sul e Madeira, respectivamente.

Correia da Cruz, agora colocado no comando da Região Militar Norte, era o comandante da Região Militar da Madeira.

Os brigadeiros Almeida Brito, e Wilton Pereira, promovidos ontem a generais na reunião do CSDN, eram até agora segundo-comandante da GNR e director da Arma de Engenharia.

Além de Almeida Brito e Wilton Pereira, o CSDN promoveu a general os brigadeiros Cravo da Silva e Alves Moreira, e a brigadeiros os coroneis Pereira Coutinho, Oliveira Faria, Medeiros Ferreira, Maia Gonçalves e Rocha Vieira.

Ex-membros do CR

Além de ter confirmado os comandantes das referidas

regiões militares o CSDN deu parecer favorável à lei sobre o regime das leis de programação Militar.

Ainda na reunião de ontem, os conselheiros ouviram uma exposição do ministro da Defesa, Mota Pinto sobre o «conceito estratégico de Defesa».

O Conselho recomendou ao Governo a publicação de um diploma, relativo às «condições especiais de passagem à situação de reserva» de oficiais que foram membros do Conselho da Revolução. De acordo com esse diploma, os ex-membros do CR que passem à reserva receberão a respectiva pensão por inteiro.

Outra recomendação do CSDN refere-se à publicação de um diploma, relativo às pensões dos condecorados com a Ordem Militar da Torre e Espada, Lealdade e Mérito.

Mário Soares empossou César Oliveira na Comissão do Livro Negro sobre o Fascismo

O Primeiro-Ministro Mário Soares considerou meritória a obra já realizada pela «Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista», durante a cerimónia da posse de César de Oliveira para aquela comissão, realizada ontem.

Esta obra, que é já constituída por 11 volumes, é segundo Mário Soares «fundamental para se poder avaliar os malefícios de 48 anos de ditadura fascista em Portugal».

O Primeiro-Ministro fez ainda o elogio do historiador Joaquim Barradas de Carvalho, falecido e agora substituído pelo empossado, que classificou de «querido amigo e grande historiador português».

Soares reiterou o apoio do governo à comissão, sublinhando ser necessário dar a conhecer aos portugueses o período da ditadura que «às vezes há tendência para esquecer».

César de Oliveira, num



curto improvisado, manifestou a honra que a sua nomeação lhe confere, frisando ser preciso dar a conhecer à juventude «os horrores da ditadura fascista, a uma juventude que conhece a democracia e a liberdade e está longe de ir morrer por causas alheias como na guerra colonial».

EUA querem facilitar empréstimos a Portugal

Os Estados Unidos querem incluir Portugal entre os países com 10 anos de isenção e 20 anos para devolver empréstimos para a aquisição de equipamentos militares — disse no Senado, o director da Agência de Segurança e Defesa norte-americana.

O tenente-general Philip Gast acrescentou que essa medida «aliviaria» a carga financeira a curto prazo para o Governo português.

«Portugal é um aliado de confiança dos Estados Unidos e estrategicamente importante» — disse por seu turno William Schneider, secretário-adjunto de Estado para o Auxílio de Segurança.

Os 208 milhões de dólares propostos pela Administração para Portugal em assistência mi-

litar e económica para 1985 têm como objectivo — disse — «apoiar a consolidação das suas instituições democráticas, ajudar o País a modernizar as forças militares e resolver problemas económicos».

Os Estados Unidos e Portugal assinaram, em Dezembro, um novo acordo de defesa mútua. Chneider disse que a Espanha garante aos Estados Unidos o acesso a «instalações aéreas e navais importantes».

O auxílio militar norte-americano — de 415 milhões de dólares para 1985 —, «sublinha o nosso apoio ao progresso de Espanha no reforço das suas instituições democráticas e ajuda as Forças Armadas a garantir o cumprimento das normas de modernização da NATO» — concluiu Schneider.

CATHERINE DENEUVE · DAVID BOWIE · SUSAN SARANDON

FOME DE VIVER

THE HUNGER

Bizarro... Sensual... Chocante...

CATHERINE DENEUVE · DAVID BOWIE · SUSAN SARANDON

UM FILME POLÉMICO

ESTREIA

HOJE ÀS 21.15

MAIORES DE 18 ANOS

SÃO JORGE 2

ÁVILA

Protocolo de cooperação com a Tanzânia

Deverá ser assinado amanhã à tarde, no Ministério dos Negócios Estrangeiros um protocolo de cooperação com a Tanzânia tornado possível com a visita do ministro das Transportes e Comunicações daqueles país africano, William Malecela.

Malecela está em Lisboa desde o início desta semana e nos contactos com empresários e membros do Governo tem-se preocupado em conhecer o sistema português de telecomunicações e visitado as suas unidades mais importantes. Manifestou, também a intenção de discutir a possibilidade de a indústria portuguesa de telecomunicações instalar uma fábrica na Tanzânia, de modo a que depois possa fornecer equipamentos a todos os países africanos da área.

Empresa portuguesa constrói os portos da Guiné-Bissau

A construção do novo porto de Bissau e de quatro portos fluviais no interior da Guiné foi adjudicada à SOMEC, que ganhou o concurso a três outras empresas portuguesas, cinco francesas, três britânicas e outras da Holanda, Noruega, Itália, Japão, Brasil e Estados Unidos.

A SOMEC é a terceira empresa portuguesa da construção civil a entrar na Guiné-Bissau depois dos empreendimentos já ali adjudicados à Soares da Costa e à Ilídio Monteiro.

As obras são financiadas pelo Banco Mundial (17 milhões de dólares), Banco Árabe de Desenvolvimento dos Estados Africanos e Fundo do Kuwait (10 milhões cada) Fundo Saudita (8,5 milhões) e Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP - 4,5 milhões).

As obras de ampliação do Aeroporto de Bissau, que serve Bissau, a cargo da Soares da Costa, ficarão prontas em Abril e vão permitir a sua utilização em quaisquer condições de tempo e por todos os tipos de aviões - anunciou o ministro dos Transportes e Turismo, para acrescentar que posteriormente será também remodelada a aerogare.

O governo da Guiné-Bissau pretende levar o TAP a participar no projecto do Hotel Internacional de Bissau com 120 a 150 quartos, participação que seria feita com as somas em pesos guineenses que a transportadora aérea portuguesa tem imobilizadas na Guiné.

Os dividendos do estabelecimento, a dirigir por uma cadeia internacional de gestão hoteleira, seriam liquidados aos TAP em divisas.

Quanto às hipóteses de futuro para o turismo na Guiné-Bissau, Manuel dos Santos disse que se pensa em desenvolver centros turísticos praticamente autónomos em relação à cidade de Bissau, a qual não apresenta atractivos para o estrangeiro.

O Ministério dos Transportes e Turismo admite a viabilidade de clubes de férias serem criados na praia de Varella (litoral norte) na ilha de Caravela (arquipélago dos Bijagós) e junto à queda de água do rio Corubal (Saltinho e Cusselina, no Sul do País).

Animosidade contra o FMI

No Brasil, país que tem a maior dívida externa do mundo (cem mil milhões de dólares), é perceptível uma crescente hostilidade à tutela do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre a sua economia, constata os observadores.

As missões do FMI sucedem-se ininterruptamente em Brasília desde há muitas semanas, enquanto o vice-presidente Aureliano Chaves, um dos candidatos à sucessão do presidente João Baptista Figueiredo, acaba de pôr em causa o organismo (em declarações pronunciadas na passada sexta-feira): «Os manuais do FMI são respeitáveis, mas temos a nossa própria personalidade e a dívida não pode interferir no mecanismo do nosso próprio desenvolvimento».

O Brasil é obrigado mais uma vez, no corrente ano, a negociar a revisão dos seus compromissos no sentido de reduzir a inflação e o crescimento da massa monetária, para conseguir obter o desbloqueamento completo de um empréstimo de 1,6 mil milhões de dólares por parte do FMI.

Para já, os economistas estão conscientes da impossibilidade de limitar a 75 por cento o aumento dos preços para 1984 - taxa de inflação fixada pelo FMI -, quando tal percentagem já ultrapassou os 20 por cento, só no que diz respeito aos meses de Janeiro e Fevereiro deste ano.

O FMI é muito mal-visto pela opinião pública brasileira. Testemunham este facto os cartazes com os dizeres «FMI, fora», visíveis durante as manifestações organizadas diariamente nos quatro cantos do país pela Oposição, a favor do restabelecimento das eleições presidenciais directas para o escrutínio de 1985.

Todos os partidos de esquerda indicaram já que aderem à ideia de uma moratória da dívida externa. Aureliano Chaves faz declarações no mesmo sentido, garantindo que o Brasil «não pode pagar a sua dívida bloqueando a sua capacidade de produção».

A sensibilidade dos financeiros locais a esta questão também atingiu tal ponto que o mínimo eco de negociações em curso com a delegação do FMI, presidida por Thomas Reichmann, director da Secção Atlântica da Organização, provoca uma chuva de esclarecimentos.

As autoridades bancárias do Brasil tiveram de desmentir, assim, que a próxima libertação de cerca de metade do «empréstimo-gigante» de 6,5 mil milhões de dólares, concedido por um consórcio de bancos americanos, em Janeiro, dependia do acordo do FMI para o desbloqueamento do seu próprio empréstimo.

Grã-Bretanha reduziu auxílio

Estatísticas oficiais revelam que será reduzida a mais de metade a contribuição da Grã-Bretanha para a Agência de Desenvolvimento Internacional do Banco Mundial durante o período de três anos que se iniciará em 1 de Julho próximo em relação a igual período anterior, não devendo atingir mais de 585 milhões de dólares contra 1212 milhões.

O Ministério do Auxílio do Terceiro Mundo, explica que esta baixa resulta de dois factores.

1) As quotas partes dos diferentes países são proporcionais ao seu Produto Nacional Bruto, ora o PNB britânico desceu relativamente; 2) O total das Contribuições foi reduzido para 9000 milhões de dólares no próximo período de três anos, devido à oposição dos Estados Unidos, principal dador a que se mantenham os 12 000 milhões do ano que terminou.

A Grã-Bretanha estava disposta pela sua parte acrescenta-se a contribuir com base num total de 12 000 milhões de dólares.

A ADI concede empréstimos a longo prazo a juro baixo aos países mais pobres principalmente da África e da Ásia.

O Terceiro Mundo foi sangrado até à medula

— reconhece o presidente do Banco Mundial

Os países do Terceiro Mundo estão sangrados até à medula e serão necessários «anos» para que recuperem «da pior recessão mundial desde há 40 anos», afirmou, em Davos, o director do Banco Mundial, Alden Clausen, num discurso pronunciado no European Management Forum.

Clausen estigmatizou, a este respeito, a descida «dramática» dos empréstimos dos bancos internacionais. Esta, disse, teve como consequência, no ano passado, obrigar os países do Terceiro Mundo a «pagar a esses bancos 21 mil milhões de dólares mais do que pediram emprestado a médio e longo prazo».

«Em 1983, precisou, as transferências líquidas efectuadas por treze grandes países financiadores a favor dos emprestadores privados (internacionais) representaram 2 por cento do seu

rendimento nacional».

«Ainda não chegou o momento» de esses países efectuarem «transferências líquidas em semelhante escala a favor dos países de grandes rendimentos», sublinhou com energia o director do Banco Mundial.

Clausen defendeu, nomeadamente, a este respeito, que os rendimentos por habitante no Terceiro Mundo desceram em 1982 e 1983 e só aumentarão «modestamente» este ano.

Segundo as previsões do Banco Mundial, indicou, o crescimento económico dos países em desenvolvimento só atingirá, face a uma progressão demográfica de 2 por cento/ano, 3 a 3,5 por cento em 1984, contra 1 por cento em 1983 e menos de 2 por cento em 1982.

Clausen revelou, além disso,

que a dívida externa do Terceiro Mundo se elevava a perto de 810 mil milhões de dólares no final de 1983 e que, desde meados de 1982, 30 países procederam à renegociação de dívidas num montante próximo de 100 mil milhões de dólares.

A «queda» dos empréstimos bancários e dos investimentos directos efectuados nos países em desenvolvimento (10 mil milhões de dólares em 1983, contra 13 mil milhões em 1982), acompanhada «da muito lenta progressão» dos auxílios públicos, levou numerosos desses países a «reduções maciças» das suas importações, lembrou Clausen. É assim, disse, que o «défice das suas contas correntes desceu de 85 mil milhões de dólares em 1982 para 48 mil milhões em 1983».

O presidente do Banco Mundial sublinhou a necessidade de os países industrializados criarem um melhor ambiente mundial. A esse respeito, colocou particularmente a tónica num aumento dos fluxos financeiros para o Terceiro Mundo e um desenvolvimento das trocas, graças, mormente, à recusa do protecção.

Os países em desenvolvimento, segundo Clausen, deverão, sem dúvida, poder aumentar as suas exportações 6 a 7 por cento ao ano em termos reais se quiserem recuperar as taxas de crescimento económico de 6 a 7 por cento/ano. Devem, igualmente, «prosseguir sem tardar e com tenacidade as reformas essenciais para o relançamento do seu progresso económico e social».

QUANTO MAIOR, MELHOR!
A PRESENÇA DA MINHA EMPRESA NAS PÁGINAS DO **GUIA-MOR** É UM VERDADEIRO INVESTIMENTO

Porque o **GUIA-MOR** é uma fonte de informação organizada por sector eficaz e completa

Porque o **GUIA-MOR** ajuda a minha empresa a ser melhor conhecida



EM DISTRIBUIÇÃO GRATUITA **GUIA-MOR** CONSTRUÇÃO CIVIL 15ª edição

PARA A SUA PRESENÇA NO GUIA-MOR REFERENTE AO SEU SECTOR CONTACTE-NOS EM:

GUIA-MOR
Rua Joaquim Bonifácio n.º 21 - 5.º Esq.
1199 Lisboa Codex Telefone 56 33 31

Apartado n.º 1224 - 1007 Lisboa Codex
Telex n.º 13088 GUIAOL P

DELEGAÇÃO DE LISBOA
Rua da Sociedade Farmacéutica n.º 52 - 1.º e 3.º
1100 Lisboa Telefone 54 02 09 55 46 55

Telex n.º 42859 GUIADL P

SUB-DELEGAÇÃO DE SETÚBAL
Av. D. Manuel I n.º 40 - 2.º De
2500 Setúbal Telefone 7 12 57

Telex n.º 43639 GUIAO P

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Campo Alegre n.º 672 - 2.º De
4100 Porto Telefone 6 49 50 66 63 16

Apartado n.º 1019 - 4101 Porto Codex
Telex n.º 23456 GUIAO P

SUB-DELEGAÇÃO DE BRAGA
Av. João XXI n.º 553 4700 Braga
Telefone 2 71 734 Telex n.º 32259 GUIAO P

DELEGAÇÃO DE COIMBRA
Rua António José de Almeida n.º 214 - 2.º
3000 Coimbra Telefone 2 28 69 2 30 02

Apartado n.º 2014 Telex n.º 52200 GUIAO P

SUB-DELEGAÇÃO DE AVEIRO
Rua dos Marmelos n.º 1 - 2.º Letras I e J
3800 Aveiro Telefone 2 95 30

Apartado n.º 385 - 3800 Aveiro Codex
Telex n.º 37444 GUIAO P

SUB-DELEGAÇÃO DE VISEU
Rua Conselheiro Afonso de Melo n.º 39 - 3.º De
3500 Viseu Telefone 2 56 67

Apartado n.º 172 Telex n.º 53479 GUIAO P

SUB-DELEGAÇÃO DE LEIRIA
Rua do Município, Lote A Bloco B - 1.º Esq.
2400 Leiria Telefone 3 17 30

Telex n.º 18637 GUIAO P

DELEGAÇÃO DE TOMAR
Rua Dr. Joaquim Ribeiro n.º 7 - 2.º Esq.
2300 Tomar Telefone 3 21 84

Apartado n.º 113 - 2302 Tomar Codex
Telex n.º 42318 GUIAOT P

SUB-DELEGAÇÃO DE SANTAREM
Urbanização Sacapeto
Av. Madre Andaluz, Lote 5.º Esq. 2.º
2000 Santarém Telefone 2 75 14

Telex n.º 42568 GUIAO P

DELEGAÇÃO DE FARO
Largo do Carmo, Edifício "O Seu Café" 10.º Letra D
8000 Faro Telefone 2 82 50

Apartado n.º 271 - 8003 Faro Codex
Telex n.º 56569 GUIAO P

ASSEMBLEIA GERAL DE CÂNDIDO DA COSTA & FILHOS, LD.ª

Ficam convocados os sócios de Cândido da Costa & Filhos, Ld.ª, sociedade por quotas de responsabilidade limitada, para uma assembleia geral a realizar no dia 30 de Março, pelas 14.30 h, na Avenida Almirante Reis, n.º 202-r/chão, com a seguinte Ordem do Dia:

- 1.º — Aprovação do Balanço e Contas relativos ao exercício de 1983.
- 2.º — Dissolução da sociedade.

O Gerente
Alfredo da Costa

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação deste anúncio.

Execução SUMÁRIA, n.º 284, 3.ª Secção.
Exequentes — FERRAZ LYNCE, LDA.

Executado — JOSÉ PAIS DOS SANTOS CARDOSO, residente na Av. Alvaros Cabral, n.º 25-A em Lisboa

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1984

O Juiz de Direito
(legível)
O Escrivão de Direito
(legível)

D.L. — 1/3/84 — 1.ª Publicação

Em defesa do sector público

Grandes empresas estão hoje totalmente paradas

Acessos a Lisboa dificultados pela greve na Transtejo e Rodoviária

Os primeiros dados divulgados esta manhã pela CGTP-In e por várias estruturas sindicais indicavam já uma grande adesão à jornada nacional de luta do sector público, convocada para demonstrar a oposição dos trabalhadores à ofensiva do Governo contra as empresas públicas, nacionalizadas e participadas. Envolvendo mais de 250 mil trabalhadores de 17 sectores de actividade e de mais de 70 empresas, a jornada, que hoje decorre em todo o País, teve o seu arranque às zero horas, com paralisações sobretudo nas regiões de Setúbal, Lisboa, Porto, Leiria, Coimbra e Aveiro.

Promovida pela Intersindical, a jornada decorre sob o lema «Defender o sector público, continuar Abril» e tem como objectivos a defesa dos postos de trabalho, o pagamento e actualização dos salários e a defesa da economia nacional.

A central sindical refere que as paralisações em curso na Quimigal, Siderurgia, Lisnave, Transtejo e centros de Setúbal e Laranjeiro da Rodoviária Nacional atingem praticamente os 100 por cento de adesão.

Transportes

Por outro lado, um dirigente sindical dos transportes fluviais adiantou ao «DL» que na Transtejo estão completamente paralisados o serviço marítimo e o apoio de terra.

Um dirigente da Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviária e Urbanos (Festru) afirmou que em toda a zona sul do Tejo a adesão à greve da Rodoviária Nacional é 75 por cento, tendo saído apenas 45 por cento das viaturas escaladas.

Acrescentou que em Coimbra circulam 15 autocarros «o que significa que mais de 90 por cento das viaturas pararam».

A meio da manhã, e de acordo com a central sindical, já estavam paralisadas mais de 30 grandes empresas públicas, sendo os efeitos desta jornada bastante «significativos» nos transportes. Refira-se a este propósito que as ligações com a margem Sul não estava a efectuar-se, o que ocasionava imensas dificuldades nos acessos a Lisboa. A CP, na zona Sul e a RN (Laranjeiro e Setúbal, pelo menos) também não funcionavam, o mesmo acontecendo com as ligações Lisboa-Porto. A circulação na capital estava igualmente a ser profundamente afectada pela greve quase total do Metropolitano a partir das cinco da manhã. Na Carris decorria uma greve de duas horas, iniciada às 9 e 30.

No Algarve também não havia transportes, devido à paralisação da Rodoviária e dos Transportes Urbanos de Faro.

Na linha do Norte da CP, a circulação estava também muito afectada: basta referir que na Trofa não havia saído nenhum comboio; na Trindade-Póvoa as circulações processavam-se com horário de domingo; em Gaia ha-

O porquê de uma luta

Mais do que uma crise generalizada, o que actualmente se vive no sector público e nacionalizado é uma situação de iminente derrocada. De uma ruptura de funestas consequências para a economia nacional e perigosa até para o próprio regime democrático.

O alarme cresce no seio dos trabalhadores, confrontados com um quadro negro, sem precedentes. E a agravar o panorama, o Governo, dia após dia aperta o cerco com medidas que vão da ameaça de despedimentos em massa, encerramento e entrega de empresas ao capital privado, à oferta de indemnizações a quem se autodemite (como já aconteceu na Setenave). Por outro lado, as empresas visadas, com milhões de dívidas a credores nacionais e estrangeiros (parte substancial delas vindas do tempo da outra senhora) não logram uma saída para este enorme buraco. Têm as pernas cortadas: as dívidas do Estado não lhes são pagas e os financiamentos estão completamente bloqueados. Projectos, ficam eternamente no papel. E quanto a planificação, nada de concreto: navegam ao sabor do futuro incerto...

Mas o que se passa afinal neste País? A crise internacional tem sido uma bandeira sobejamente usada, desde os Governos da AD, para justificar esta calamitosa situação. Mas as razões profundas deste estado de coisas assentam num projecto político definido: criar condições objectivas para a reimplantação dos monopólios, satisfazendo deste modo os apetites do grande capital e as gravosas imposições do FMI.

Por todas estas (mais do que evidentes) realidades, ganha por todo o País cada vez mais nitidez o contorno de uma exigência de uma mudança: de política e de Governo. Hoje até os sectores tidos como mais próximos da coligação governamental (como é o caso da UGT) já erguem a voz contra a política de «destruição» seguida por este Governo.

A luz destes pressupostos, a jornada nacional de luta que os trabalhadores do sector empresarial do Estado hoje cumprem surge como uma resposta frontal à ofensiva do Governo PS/PSD e aos desígnios dela subjacentes. E mais: como uma clara demonstração de que os trabalhadores do Portugal de Abril não estão dispostos a ceder na defesa dos seus legítimos direitos e dos interesses (mais altos) do País que somos.

J.F.

viam sido suprimidos comboios; e em Campanhã apenas circulavam alguns comboios e com um atraso de horas nalguns casos.

Grandes empresas

Nas grandes empresas do sector industrial as paralisações começaram às zero horas de hoje tendo-se registado, segundo informação da CGTP, uma adesão maciça na Mompur, Tinto, Fisipe, Quimigal, Equimetal, Setenave e Lisnave (Margeira).

Estão ainda previstas paralisações por turnos — na EDP (quatro horas), Marconi e CTT (duas horas), Estaleiros de Viana (duas), Cometna (meio dia), Renault (duas), Feis (duas), Icosal (duas) Tabaqueira (duas), Petro-

gal (duas), CTM (duas), I.N. Casa da Moeda (quatro) — e de 24 horas na Cimpor, Portucel, Socarmar e na Cometna (unidade de Setúbal).

Ainda de acordo com a CGTP vão realizar-se durante o dia de hoje plenários em várias empresas, designadamente, nos STCP, Enatur, SPEL, Carris, Petroquímica (Cabo Ruivo), Petrolgal, Portucel, Sonadel, Lusofame, CTT, TLP, Centralcer, Unicer e ainda na Portugal e Colónias.

Prevenção policial

A CGTP-IN critica as duras «posições públicas do Governo de ataque à jornada, ontem divulgadas, considerando que o Executivo PS/PSD «ameaçou



Imagens como esta repetiram-se esta manhã nos vários locais de acesso a Lisboa, devido à greve dos transportes

claramente os trabalhadores com o recurso a acções de intimidação e até de repressão».

A central sindical «repudia as pressões e ameaças do Governo», comparando-as «às do tempo do fascismo» e «responsabiliza o Governo por quaisquer acções repressivas que venham a realizar-se».

Entretanto, a meio da manhã, chegou à nossa redacção a informação de que elementos da Polícia de Choque armados de metralhadoras e bastão, vigiavam alguns locais de trabalho de empresas públicas dos transportes, designadamente na estação da CP, no Cais do Sodré e na zona de Paço de Arcos.

Segundo uma nota da CGTP, também o Conselho de Gerência da EDP «recorreu a várias medidas ilegais e repressivas para impedir a actuação legal dos piquetes de greve, enviando forças policiais para várias subestações».

Por outro lado, e continuando a citar as palavras da central sindical, «os divisionistas da UGT, cumprindo mais uma vez o seu papel de instrumento activo da política do patronato e de todos os Governos que em Portugal têm tentado destruir o regime democrático e as conquistas e direitos dos trabalhadores, alinham desavergonhadamente pelas posições intimidatórias do Governo». Acrescenta que «apregando e invocando os pretensos direitos dos fura-greves» a UGT «dá assim cobertura às tentativas do Governo para impedir o legítimo exercício do direito à greve».

A Intersindical diz ainda no seu comunicado que «como sempre tem acontecido, os trabalhadores sentem, uma vez mais, que quando lutam pelos seus direitos e interesses, quando lutam contra uma política ruinosa e por um

futuro sem fome e sem miséria, quando lutam por uma vida digna, a UGT está contra eles».

O comité local de Lisboa do PCP divulgou um comunicado em que manifesta o seu apoio à jornada de luta de hoje, sublinhando que «é necessário dizer basta à política antipatriótica e subversiva deste Governo».

No Porto

Na capital do Norte, a jornada de luta terminará com a realização de um meeting, às 17 horas e 30, na Praça da Liberdade. Na ocasião intervirão dirigentes sindicais e membros das CT's de diversas empresas públicas.

Num comunicado emitido a propósito das acções de hoje, a direcção do Sindicato dos Metalúrgicos faz notar que «as nacionalizações são sobretudo uma condição essencial para a existência e funcionamento de centenas de outras empresas e para a continuidade de emprego de dezenas de milhares de postos de trabalho no sector».

Por isso, adianta aquele documento sindical, «ao defendermos as empresas nacionalizadas, estamos a cuidar dos interesses concretos dos trabalhadores metalúrgicos, sejam eles de empresas nacionalizadas ou não».

Posição da UGT

A UGT não apoia a jornada de luta no sector público convocada pela CGTP. Em comunicado, o secretariado nacional daquela organização sindical, depois de reafirmar «a sua determinação de prosseguir junto do actual Governo, a sua reivindicação de adopção de medidas em relação às empresas públicas e nacionalizadas» e de considerar as greves de hoje «como o exercício de um direito sagrado que o 25 de Abril possibilitou» adverte para a necessidade de «este direito dever ser exercido livremente e com responsabilidade pelos trabalhadores que assim o entendam».

Por isso, prossegue o documento, «a UGT ao reconhecer a legitimidade do direito ao exercício da greve pelas organizações que a levam a efeito, exige, por não terem os seus sindicatos aderido à referida paralisação, que o direito ao trabalho seja também reconhecido como um exercício inalienável dos trabalhadores que o queiram fazer».

Desta forma, a UGT afirma que «responsabilizará os conselhos de gestão e a CGTP pela negação deste direito ao trabalho nas empresas ou sectores em que tal se verifique».

Músicos portugueses contra contratação de espanhóis

A «incompreensível» proliferação de contratos de conjuntos musicais espanhóis para actuar no Norte do país durante o Carnaval poderá ter «por detrás um negócio escuro de importação ilegal de equipamento musical».

Isto mesmo é afirmado em meios musicais portugueses que protestam contra a concorrência que lhes fazem os mais de 50 agrupamentos do país vizinho que nas noites de sábado e domingo vão actuar entre Chaves e Coimbra.

Desta forma, «mais de cem músicos portugueses vão estar parados no Carnaval, alguns deles titulares de carteira profes-

sional há mais de 10 anos».

Esta situação é tanto mais de estranha visto que as bandas espanholas cobram cachets bem mais elevados do que as dos portugueses «e não se compreende a sua contratação numa situação de crise económica».

Os agrupamentos espanhóis que actuam na região de Trás-os-Montes — disse um informador — cobram no mínimo 120 mil pesetas (cerca de 108 mil escudos) enquanto os portugueses pedem em média 60 mil escudos por actuação.

Elementos de uma banda de Gondomar, arredores do Porto, afirmaram que «alguns empre-

sários contratantes estabelecem com os conjuntos espanhóis um acordo segundo o qual o equipamento de fabrico estrangeiro que trazem não regressa a Espanha e é adquirido para ficar em Portugal sem pagamento de taxas de importação».

«Esta prática corresponde concretamente a uma forma de importação ilegal» — acentuaram.

Grupos portugueses que habitualmente se deslocavam todos os anos a Vila Real para trabalhar nesta quadra não são chamados àquela cidade transmontana desde há dois anos.

Por outro lado, a maior parte dos agrupamentos portugueses

que tinham trabalho nas quatro sessões de Carnaval (sábado, domingo e segunda-feira à noite e terça-feira à tarde), conseguiram este ano, na melhor das hipóteses, contratos para duas destas sessões.

Ainda há poucos anos, eram tão numerosas as solicitações dirigidas a conjuntos desta natureza que alguns eram formados de improviso nas vésperas do Carnaval, usando equipamento emprestado ou alugado, para satisfazer a procura.

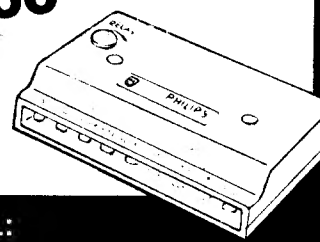
Estes grupos espontâneos desapareceram nos dois últimos anos e presentemente já não há trabalho sequer para os profissionais.

O AVANÇO DA ELECTRONICA NOS NOVOS AUTO-RÁDIOS E ANTI-ROUBO PHILIPS

Compre um Auto-Rádio Philips com leitor. OFERECEMOS-lhe* um Anti-Roubo electrónico Philips de 7.000\$00



* Esta oferta é limitada.



AGENTE OFICIAL:

FERNANDUS

RUA ARTILHARIA UM, 44 - 1200 LISBOA - TEL. 65 10 21

de ontem para hoje

Academia de Coimbra
contra «Opção Nuclear»PLANO ENERGÉTICO
NACIONAL

E com grande pesar e profunda mágoa que o GRUPO ECOLÓGICO DA A. A. C. vem por este meio participar que esta para aprovação governamental o Plano Energético Nacional, que contempla a OPÇÃO NUCLEAR no nosso país.

Desde já apresentamos os nossos pêsames às famílias futuramente enlutadas.

Conselho de Prevenção do Tabagismo

O próximo dia 3 de Novembro foi proposto pelo Conselho de Prevenção do Tabagismo (CPT) como o «Dia do Não Fumador» em Portugal. A proposta terá de ser agora homologada pelo Ministério da Qualidade de Vida, do qual depende o CPT, um órgão recentemente criado, que reuniu pela primeira vez a 3 de Novembro do ano passado.

O roubo dos 2400 contos na Azambuja

Os 2400 contos roubados na Azambuja destinavam-se ao pagamento de salários na Sociedade Agrícola Fonte do Pinheiro e tinham acabado de ser levantados na agência do Banco Totta e Açores daquela vila ribatejana. Quando a carrinha em que seguia o dinheiro manobrava para sair da estrada e entrar no portão da quinta, os dois assaltantes, que estavam escondidos atrás de um pinheiro, atravessaram a estrada obrigando o condutor a travar sob a ameaça de uma

pistola 6.35. Depois de se apoderarem do dinheiro e das chaves da carrinha, e para impedirem a perseguição por parte dos dois ocupantes do veículo (empregados da empresa), os assaltantes fugiram na motorizada. A Sociedade Agrícola Fonte do Pinheiro, propriedade do ganadeiro dr. Ortigão Costa, produz diariamente 7000 litros de leite e fornece ainda, entre outros produtos, milho e semente de girassol para a indústria alimentar.

Automobilistas controlados pela GNR

Mais de um quinto dos automobilistas controlados pela GNR em Janeiro apresentavam taxas alcoólicas superiores aos mínimos legais, informou ontem um porta-voz daquele corpo para militar. Dos 1949 condutores fiscalizados, 158 apresentavam uma taxa variável entre os 0,5 e 0,9 gramas de álcool por litro e 407 taxas superiores a 0,9.

Condenação original em Cantanhede

Quinze e oito fins-de-semana na prisão foi a pena ontem aplicada pelo Tribunal de Cantanhede a dois homens que agrediram e insultaram agentes da GNR. Trata-se da aplicação do novo Código Penal, mas a sentença parece ter

sido a primeira de tal tipo proferida em Portugal. Para além dos próximos fins-de-semana na cadeia, os dois presos terão ainda que pagar multas, indemnizações aos ofendidos e o imposto de justiça.

Comerciantes lesados em 11 mil contos

Várias empresas dos ramos do vestuário, calçado, loiças e bebidas, do Norte e Centro de Portugal, foram lesadas em cerca de onze mil contos, por um bando de falsos comerciantes, sediados em Caneças. Nove dos doze implicados já foram detidos e actuavam requisitando mercadorias que pagavam com cheques falsificados e que depois revendiam a baixos preços.

A morte de Clariano Baía

Quatro anos volvidos, a Polícia Judiciária acaba de receber o relatório do Instituto de Medicina Legal relativo à autópsia ao cadáver do industrial Clariano Marques Baía. Ento com 43 anos, Clariano Baía, administrador de uma empresa de móveis com sede no Barreiro, apareceu morto, em 12 de Maio de 1980, no interior do seu carro, no Parque Florestal de Monsanto. Um porta-voz da Polícia Judiciária disse esta manhã ao «DL» que «o relatório da autópsia ainda não é conclusivo» sobre se a morte de Clariano Baía foi motivada por homicídio ou por suicídio. Junto ao corpo do industrial foi encontrada uma



pistola «Star», de calibre 6.35, três cápsulas detonadas e um projectil.

IPC ameaçado pelas chamas

Um incêndio de origem ainda não determinada deflagrou ontem à tarde nas instalações do Instituto Português de Cinema (IPC), na Rua S. Pedro de Alcântara, em Lisboa. As chamas que destruíram apenas algum material de escritório, foram combatidas pelos Sapadores Bombeiros.

Divulgados os nomes dos portugueses
raptados pela UNITA em Angola

-cinco mulheres e quatro crianças entre os prisioneiros

O Consulado-Geral de Portugal em Luanda divulgou ontem a lista dos nomes dos portugueses sequestrados pela UNITA quando do ataque à vila mineira de Cafunfo no passado dia 23 e em consequência do qual morreram dois portugueses e dois cidadãos filipinos, segundo informou ontem o cônsul de Portugal, na capital angolana, Fernando Guimarães.

A mesma fonte precisou que entre os raptados há cinco mulheres e quatro crianças, tendo cinco portugueses e um casal de brasileiros conseguido fugir.

Entretanto, o Ministério português dos Negócios Estrangeiros considerou «especulativas» e «destituídas de fundamento» as

declarações de um dirigente da UNITA à BBC acerca de um «entendimento» com o Governo português. Numa nota distribuída à Imprensa, o MNE afirma que tais declarações «são destituídas de fundamento no que respeita à posição de princípio do Estado português sobre o seu relacionamento internacional».

O MNE frisa também que «o Governo português age e agirá pelos meios diplomáticos adequados, como é o caso das organizações humanitárias internacionais, para, em todas as circunstâncias, proteger a vida dos seus cidadãos, sempre que estes se encontrem em situação difícil fora do território nacional».

Quanto à lista dos portugueses sequestrados ela é a seguinte: Manuel Joaquim da Silva Alberto Dias; Alfredo Fernandes dos Santos; José de Almeida Mendes; António Cunha; António Filipe; Augusto de Matos Ferreira; António Barbosa Rodrigues, sua mulher Maria de Lurdes e a filha Vanessa Andrea, de cinco anos; Carlos Silva Bento; Carlos das Dores Magalhães; João Esteves Ferreira; Francisco José Martins Nicolau e mulher; Manuel António Gomes Ribeiro; Agostinho da Graça António; Jorge Manuel Grade da Costa, mulher e filha com cerca de um ano; Henrique Duarte Zeferino; Joaquim da Costa; João Manuel Ribeiro Barrei-

ros; João de Jesus Santos, mulher e filha de seis anos; José Afonso de Jesus Barreira; José António Bispo; José João Heitor Felgueiras, mulher e filho de quatro anos; José Gomes Guimomar; José Luís Moreira Martins; José Luís Rodrigues; Manuel Joaquim Frederico; Manuel Rodrigues Fonseca Nogueira; Maximiano de Assunção Baptista; Carlos Manuel Nogueira da Costa; José Carlos Ferreira Rodrigues; José Santana de Melo; Aníbal da Silva Ferreira; Manuel da Silva Gonçalves; Fernando Américo Soares Ferreira; Vasco Manuel Franco da Silva; Vera Inês da Silva Serodio Gomes Poppelwell e Vítor Maria Rosalino.

Por quatro assaltantes armados

Seiscentos contos roubados
numa empresa em Ermesinde

Seiscentos contos foi quanto rendeu o assalto que um grupo de quatro indivíduos levou a efeito, ao fim da tarde de ontem nas instalações da firma de produtos alimentares Castanheiras e Pinto LDA, situada na Palmilheira, Ermesinde. Os assaltantes apresentaram-se de luvas, devidamente embaçados e armados com pistolas, revólveres, uma caçadeira de canos serrados e navalhas de ponta e mola, aproveitando o momento em que dois empregados da firma iam a sair para vibrarem o seu «golpe».

Nas instalações da empresa encontravam-se nove pessoas, incluindo dois sócios e um menor de 13 anos, filho de um dos gerentes. Primeiro entraram dois elementos da quadrilha empunhando, cada um duas armas que, depois de avisarem que se tratava de um assalto, cortaram as ligações telefónicas e afastaram as pessoas para um canto. Alguns instantes volvidos entraram mais dois assaltantes, enquanto um quinto elemento do grupo ficava no exterior das instalações em missão de vigilância. Depois de terem revolido

todas as gavetas e arrecadado cerca de 360 contos, os assaltantes exigiram dos dois sócios da firma a entrega do dinheiro reservado aos salários. Como a resposta fosse negativa, porque de facto não havia mais dinheiro em caixa, um dos assaltantes revistou os bolsos dos sócios da firma recolhendo mais cerca de 30 contos e um relógio de boa marca, avaliado em 40 contos. Ainda assim, os assaltantes não se deram por satisfeitos e dispararam um tiro de revólver embora, que a escassos centímetros dos pés de um dos gerentes da empresa. Entretanto, já tinham decorrido mais de uma dezena de minutos, chegaram dois viajantes da firma, cada um com sua pasta, na qual traziam dinheiro, cheques e vales. A pedido do pessoal da empresa, os assaltantes pegaram apenas no dinheiro (170 contos) e deixaram o resto. Seguidamente, meteram tudo num saco de papel que estava cheio de café e que foi despejado para o efeito.

Durante a sua permanência nas instalações da firma um dos assaltantes demonstrou conhecer bem os «cantos à casa», pois

sabia onde podia haver dinheiro e, bem assim, onde se encontrava o guarda da noite com as chaves. Por outro lado, será de salientar também o facto de um deles se apresentar muito bem vestido — fato, gravata e sapatos castanhos — e de falar «à lisboeta». Este indivíduo, no dizer de um dos sócios da firma, «destoava dos restantes». Para além disso, teve uma atitude que justificava uma certa reflexão: antes de sair, voltou-se para o menor, filho de um dos gerentes, e disse-lhe: «Olha rapaz, nunca na tua vida faças aquilo que me viste fazer hoje a mim». E saiu.

O assaltante que havia ficado no exterior já tinha dado um sinal — três toques de buzina ou apito — e por isso não havia tempo a perder. Já tinham decorrido 20 minutos. Estacionados defronte das instalações da firma encontravam-se seis viaturas ligeiras e um camião da firma ou de pessoas a ela ligadas. Como medida de precaução, os assaltantes golpearam dois pneus de cada carro e um pneu do pesado, causando assim um prejuízo avaliado em 150 contos.

Andamos a comer batata importada

A maioria dos portugueses terá de comer batata estrangeira nos próximos tempos, até que produtores, distribuidores e consumidores encontrem a fórmula para evitar a importação daquele tubérculo.

Mais de dez mil toneladas de batata importada serão distribuí-

das no mercado nacional, na próxima semana, enquanto produtores semontanos se queixam de ainda terem batatas para o consumo nacional.

A importação tinha sido autorizada pelo Governo «com o objectivo de regularizar o mercado, em resultado da fraca produção

de 1983», de acordo com um comunicado do Ministério do Comércio e Turismo. Há no entanto, em vários pontos do País, indivíduos que estão a vender batata, sobretudo em mercados ambulantes e municipais, acima do preço da tabela — e em sacos de cinquenta quilos.

Câmara de
Loures arrasa
duas vivendas
e dez barracas

A Câmara Municipal de Loures ordenou ontem a demolição de duas vivendas e uma dezena de barracas em tijolo e madeira num loteamento clandestino do Zambujal, freguesia de S. Julião do Tojal. O loteamento há dois anos que se encontrava em posse administrativa da CM de Loures — afirma o Município em comunicado.

As construções destinavam-se a segunda habitação e os seus proprietários — diz a Câmara Municipal no mesmo documento — já tinham recebido ordens de embargo e demolição por diversas vezes, sem, contudo, terem acatado as decisões da edilidade. As brigadas municipais destruíram ainda os muros e arruamentos do loteamento.

O loteador na origem desta situação, conhecido pelo alcunha de «Batateiro», é apontado pela Câmara Municipal de Loures como «especulador imobiliário responsável por outros loteamentos clandestinos existentes na área concelhia», e retalhou os 12 hectares do terreno em lotes sem se preocupar com as infraestruturas e condições de habitabilidade. O local não dispõe de rede de águas, nem de electricidade, nem de esgotos nem de acessos para servir as populações.

Acrescenta ainda a CM de Loures que nas cheias de 19 de Novembro este loteamento clandestino provocou grandes problemas à povoação do Zambujal, destruindo as drenagens de água e provocando o arrasamento de terras.

TEATRO DO BARRIO ALTO
R. Ten. Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Tel. 66 15 15/66 92 05

teatro do bairro alto

teatro da Cornucopia

A MISSÃO
de HEINER MÜLLER

3.ª a 6.ª às 21.30 h,
sábado às 17 h e 21.30 h,
domingo às 17 h.

10.º ANO DE ACTIVIDADE
DA COMPANHIA

GRUPO DE CAMPOLIDE

1383

de VIRGÍLIO MARTINHO
encenação JOAQUIM BENITE

CARNAVAL
ULTIMOS ESPECTACULOS
DIAS 3, 4, 5 e 6 às 21.30 H

PARA AS CRIANÇAS
1383ZINHO
DIAS 4 e 6 às 16 H

teatro da academia almadense
TEL 2752175

POUPE
ELECTRICIDADE

AutoExpresso AutoAcompanhado

diariamente

Lisboa - Porto - Lisboa
Guarda - Porto - Guarda
Castelo Branco - Lisboa - Castelo Branco
Guarda - Lisboa - Guarda
Faro - Lisboa - Faro*
Faro - Porto - Faro*

Informações Telefónicas
87 75 09 das 9.00 h às 18.00 h
(c. int. 13.00 h - 14.00 h)

Caminhos de Ferro Portugueses

DE

CA-
RAS

Teresa Teófilo só chegará a Lisboa em meados do corrente mês de Março, segundo divulgou ontem uma fonte oficial portuguesa. Para os mais esquecidos relembramos que Teresa é a enigmática chefe da delegação do Fundo Monetário Internacional (FMI) que, de tempos a tempos, passa por Lisboa para saber como vai isto de dinheiro.



Carlos do Carmo e José Mário Branco actuam hoje num espectáculo de solidariedade para com a República combrã do «Ninho dos Matulões». Depois de alguma preocupação quanto ao futuro, a situação parece ter estabilizado, embora os «matulões» aguardem com alguma expectativa a nova avaliação do edifício solicitada pela Fleitoria.



Manuela Aguiar, secretária de Estado da Emigração, manteve em Paris um encontro com a sua homóloga francesa, Georgina Dufix. Durante a reunião a secretária de Estado portuguesa ficou a saber que trabalham em França menos 200 mil emigrantes portugueses. Uns tornaram, outros aceitaram contratos temporários no norte de África.



Fernando Nicholson e António Feio anunciam para hoje a estreia de uma farsa na sala de café concerto da Comuna. Durante um pouco mais de uma hora, os dois actores propõem-se dissecar factos, personalidades e um certo quotidiano nacional. O título do espectáculo: «A Mamã é Fresca! Está no Frigorífico para Ficar com as Carnes mais Rijinhas»!



Michèle Mouton, a brilhante vencedora do Rallye de Portugal, edição 82, não participa na prova máxima do automobilismo desportivo nacional que se inicia dentro de uma semana. Alegando motivos pessoais, Michèle não passará pelas estradas portuguesas. E, entre os 80 inscritos para a edição deste ano, não há nenhuma condutora.

Este menino precisa
de fazer exame

Faltam 28 contos para que uma criança de cinco anos possa fazer um exame médico indispensável. Esta a constatação dramática dos pais de José Luís Teixeira de Carvalho, que vieram de Mirandela assentar arraiais em Lisboa, para permitirem ao menino a indispensável assiduidade ao Instituto Português de Oncologia.

O pai faz o que pode por essas obras de construção civil que o capital oferece em ordenados de passagem. A mãe cumpre a via sacra das consultas externas, dos tratamentos de cobalto, de alastramento do mal.

Tudo começou na terra de origem quando a criança foi ope-

rada a um quisto na virilha. Os exames posteriores permitiram ajuizar da profundidade da doença e foi aconselhada a vinda para o IPO, em Lisboa. Um primeiro exame, que a «caixa» não cobre, ainda foi pago pela família.

Mais tarde começaram a aparecer sintomas ao nível do tórax. Primeiros tratamentos feitos, os médicos optaram pela necessidade de um segundo exame. O problema pôe-se, agora, quando já está a consulta marcada mas se põe o problema do pagamento.

O que aqui fica é, de verdade, um apelo. A consciência e às posses de cada um.

Que tal um passeio?

Por Lisboa, coisa boa

Não sabe o que fazer no fim-de-semana? Não se preocupe, temos sugestões e surpresas para si. Sair de Lisboa (hotéis, refeições, gasolina... fogo!) é uma hipótese a excluir porque os contos de reis desaparecem enquanto o diabo esfrega um olho. Ficar em casa, em frente da televisão também não adianta. Nada aprende e só se chateia. É sempre o mesmo. Os pergaminhos tontos, as falsas festas, os telejornais que provocam aumento de tensão. Ora, deixe-se disso. Vá para a rua e passeie-se pela cidade. Porém, não vá assim à toa, sem mais nem menos, procure orientar-se, trace um plano de conquista que lhe permita descobrir o que Lisboa, púdica e misteriosa esconde dos olhares inadvertidos.

Prepare-se, leia o que sobre a cidade se diz. Para quem não quiser perder tempo em fastidiosas consultas aceite o que as edições Rolim lhe oferecem. Trata-se de um roteiro sobre Lisboa e arredores, sintético mas com tudo o que é necessário para se movimentar. Orientações, pistas, itinerários, informações históricas — de tudo um pouco. Nesse livro verificará como a cidade tem evoluído ao longo do tempo, como tem crescido em população e espaço.

Para começar, seguindo a indicação do roteiro, veja a Lisboa antiga e pombalina, iniciando o trajeto no Marquês de Pombal. Repare na arquitectura, tem ainda muito (Raul Lino, Cassiano Branco, expressões do neoclássico e do neomanuelino, etc.) com que se deliciar. Na Praça do Comércio detenha-se junto ao rio, sujo, mas sempre belo. ... Essa a razão de no sangue dos meus livros correr tanto a veia azul do meu Tejo. Assim perceberá Alves Redol.

Depois, rumo a Alfama, de uma vista de olhos pelas igrejas (Madalena, Sé...) e repouse um bocado no castelo de S. Jorge desfrutando a vista da cidade. Deslumbrante, o que o olhar abarca. Lembre-se do que Carlos Botelho pintou. Das cores, dos telhados. Aquilo que fez inveja ao mexicano Portinari. (Se vivesse em Lisboa tinha aqui material para pintar a vida inteira).

Já entendido na cidade velha parta à busca da nova. Logo, na rua Pinheiro Chagas, entre na Casa-Museu Anastácio Gonçalves, inaugurada em 1980, e onde o pintor Malhoa trabalhou. Aliás na zona nova há fartura de museus: Traje, Bordado Pinheiro, Gulbenkian... Não esqueça a praça de Touros, a Biblioteca

Nacional a Cidade Universitária.

No outro lado da cidade, em direcção a Alcântara e Belém, também há surpresas. E já agora visite o Jardim Zoológico. Não é dos melhores do mundo mas serve...

Cascais, Sintra, a zona saloia, a margem Sul do Tejo, são passeios que se fazem sempre de boa vontade. Tanto mais que os gastos das deslocações também não somam uma fortuna. E diverte-se, certamente. Um conselho: lanche em Sintra, chá e queijadas, numa daquelas pastelarias antigas no largo do Palácio Real. Em S. Pedro, mesmo que não compre nada, percorra os antiquários e, se for dia de feira, talvez tenha a «chance» de encontrar alguma pechincha.

Na margem Sul opte pela Costa da Caparica, sossegadíssima no Inverno, Sesimbra e Setúbal. Mas não passe de Palmela porque, então, chegue ao fim do mês completamente endividado. Volte para Lisboa e se o dinheiro não chegar, para um copo num dos bares da Praça das Flores ou do Bairro Alto, meta-se na cama e sonhe: Ah, Lisboa, coisa boa... Sonhe, porque o sonho ainda é de borla.

Lourdes Féria

Ensino do Hino Nacional é obrigatório

O ensino do Hino Nacional vai ser obrigatório em todas as escolas e a bandeira portuguesa será obrigatoriamente hasteada nos estabelecimentos de ensino «em todas as datas de significado nacional e local».

Esta vaga de patriotismo obrigatório tem oficialmente origem num despacho do vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Mota Pinto e passa pelo zelo patriótico do ministro da Educação.

No despacho original, de 3 de Fevereiro último, afirma MP que, a bandeira e o Hino Nacional «são os símbolos da Nação portuguesa e por isso merecedores de todo respeito, sendo dever de todos os portugueses respeitá-los e fazê-los respeitar».

Apressou-se o ministro da Educação, pela parte que lhe toca, a fazer respeitar os ditos símbolos, emitindo por seu turno um despacho que já está em vias de publicação no «Diário da República».

O diploma assinado pelo ministro da Educação determina que o «cumprimento efectivo» do ensino obrigatório do Hino Nacional seja assegurado pelos responsáveis de todos os estabelecimentos de ensino dependentes do Ministério da Educação.

Determina ainda Seabra que quem não tem bandeira, adquira uma

A BARCA
SEM OS CORVOS“O Governo adverte que
o uso do dinheiro pode ser
prejudicial à economia”

Isto, preponho que seja inscrito na orla das notas do Banco de Portugal, tal como, de modo análogo, se faz nos maços de cigarros. Porquê?

É evidente. Gastem dinheiro, gastem dinheiro, comprem coisas à farta — e depois venham queixar-se da inflação! Gastar dinheiro é perigoso, sempre me pareceu... mas então o Governo que o diga claramente logo ali nas notas como faz nos cigarros, em vez de arranjar argumentos obliquos para falar de austeridade por um lado e por outro lado esperar que certos consumos aumentem para poder aumentar também as tributações (chama-se a isso, nas direitas, «A reprise da actividade económica»!).

Assim, o Governo assumiria com clareza louvável mais uma das ambiguidades de todo o nosso sistema.

Repare-se: os Tabacos são um dos sectores públicos mais florescentes, e o rendimento fiscal que dali vem para o Estado é do tamanho que se sabe (e não é coisa de agora: lembremo-nos da importância da chamada Questão dos Tabacos quando da queda da monarquia...). Mas, por outro lado, o Governo enche-

-se de virtuosa benevolência curando da saúde dos cidadãos, e até vai ao ponto de propor um «Dia do Não Fumador». Deste modo a ambiguidade que parece ser necessária à prática da governação mantém-se. O Governo fica moralmente justificado, porque avisou, e cada um fica moralmente culpabilizado, porque utilizou.

Ah! então é assim?

Se é assim, tenho outras propostas a fazer:

«O Governo adverte que o uso do automóvel pode causar engarrafamentos e congestão nas estradas» (esta é para pôr junto às bombas de gasolina).

«O Governo adverte de que o uso da televisão pode prejudicar a saúde mental» (para pôr antes de cada Telejornal).

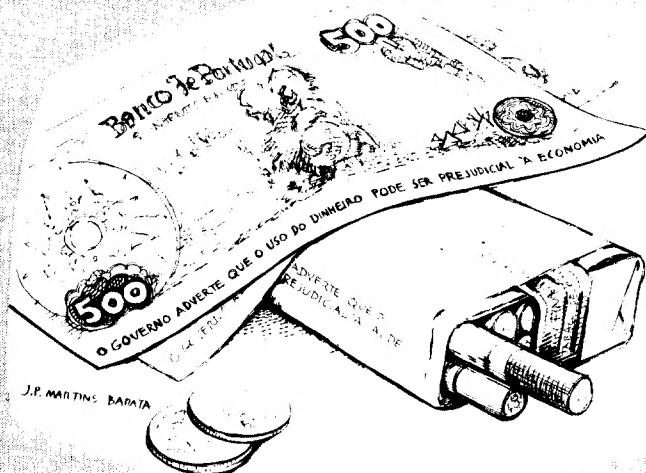
«O Governo adverte de que comer pode prejudicar a nossa balança comercial» (esta é para a porta dos supermercados e mercearias).

Esta coluna, que se entende como um espaço de refúgio último do bom-senso caseiro e vulgar, oferece algumas sugestões no âmbito da saúde da vida cívica (ainda que sem chegar ao ponto de recomendar uma saudável e atraente «desobediência cívica», porque para praticar uma boa desobediência cívica é preciso ter profundos e arraigados hábitos de obediência cívica, dos quais, infelizmente, nem nós-nem a Igreja! nos podemos orgulhar...)

Então, por exemplo: no fim das declarações de impostos, os contribuintes escreverão «Os cidadãos advertem o Governo que o mau uso deste dinheiro lhe acarretará dissabores».

Com o pagamento da taxa de televisão, o utilizador mandará um papelinho impresso dizendo «O telespectador adverte a RTP de que qualquer taxa deve corresponder a um serviço decentemente prestado, e já começa a estar farto».

Ao votar, o eleitor entregará ao presidente da assembleia de voto uma «declaração de voto» neste sentido: «O eleitor adverte os eleitos de que o mau uso dos poderes que lhes forem confiados por esta eleição poderá prejudicá-los nas próximas eleições» (e não me digam que é anticonstitucional ou outra parvoíce dessas, advertir os nossos eleitos acerca de coisa tão grave e importante: só os ditadores é que não podem sei-



advertidos! Serão os nossos eleitos ditadores em potência?!

Portanto («Um país advertido vale por dois» e «Quem me adverte meu amigo é»), cada um, avisado, saberá com o que conta sem margem nem desculpa para dúvidas, e assumirá as suas responsabilidades.

Eu, por exemplo, sinto-me tentado neste momento, a prejudicar um bocado a minha saúde atendendo um cigarro (nacionalizado) — sei que me vai fazer mal, mas que ajudo ao mesmo tempo o Orçamento Nacional.

Estou advertido do perigo pessoal que corro. Mas aproveito, pela minha parte, para advertir o ministro acerca do destino a dar à taxa resultante daquele meu sacrifício pessoal.

Atenção, Ernâni! Considere-se advertido!...

J.P. Martins Barata

24 horas

Relações Espanha-Israel

O rei Hussein da Jordânia e o primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, falaram do eventual restabelecimento das relações diplomáticas entre a Espanha e Israel, ontem à noite em Amã, soube-se de fonte próxima da delegação espanhola, citada pela Agência ANOP. Gonzalez deve encontrar-se hoje com Yasser Arafat, chefe do Comité Executivo da OLP que se encontra actualmente em Amã.

Viena

Os Estados Unidos teriam pedido à Áustria para colocar as suas instalações radar anti-aéreas à disposição da NATO, «em caso de ataque nuclear por parte da URSS», afirmou ontem o «Krasnaia Zvezda» («Estrela Vermelha»), diário do Exército soviético. A imprensa da Áustria tinha aludido a uma carta nesse sentido, enviada pelo

embaixador dos Estados Unidos em Viena, sr. Helene Von Damm, enviada, no passado dia 26 de Janeiro, ao ministro austriaco da Defesa, Friedrich Frischenschlager. Tal missiva havia sido denunciada pela Embaixada americana em Viena, que a considerava falta de tendência a prejudicar as relações entre Viena e Washington.

Ciriaco de Mita

Ciriaco de Mita, de 56 anos, foi reeleito secretário-geral da democracia cristã italiana, no termo do 16.º congresso deste partido. Ciriaco de Mita tinha sido eleito secretário-geral da democracia cristã pela segunda vez em 5 de Maio de 1982, durante o precedente congresso.

Ainda o «caso Flick»

O antigo chanceler alemão federal, Helmut Schmidt, negou que tivesse exercido a menor influência, quando estava no poder, para o desagravamento fiscal de 800 milhões de marcos concedido ao cartel industrial «Flick». Schmidt era ouvido como tes-

temunha pela Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o

«Caso Flick», escândalo político-financeiro em que o ministro da Economia, Otto Lambsdorff é acusado de ter recebido 135 000 marcos de

Cidadãos turcos protestam

Cidadãos turcos e do Curdistão ocuparam ontem, durante cerca de duas horas, o secretariado do Partido Socialista Suíço (PSS) em Berna. Os ocupantes pretendiam protestar mais uma vez contra as condições de detenção nas prisões turcas e chamar a atenção para uma greve da fome levada a cabo desde o passado dia 5 de Janeiro por 82 presos da penitenciária de Diyarbakir, no Curdistão. Pediram para se avistarem com representantes da imprensa antes de serem termo à acção. Durante uma conferência de imprensa improvisada, exigiram que a Suíça deixe de ajudar a Turquia e que o Partido Socialista encare a possibilidade de enviar uma comissão de inquérito a este país. A ocupação terminou sem incidentes.

Presidente do PT no Tribunal de Manaus

Luís Inácio da Silva apelidado «Lula», presidente do partido dos Trabalhadores Brasileiros (PT - oposição), será julgado a partir de hoje, pelo Tribunal Militar de Manaus, por ter infringido a «Lei de Segurança Nacional» (LSN), em 1980. «Lula», que

comparece perante os juizes da companhia de mais quatro sindicalistas, entre os quais se conta o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG), é acusado de ter incitado os camponeses à violência.

Acidente ferroviário na RDA

Pelo menos 11 pessoas morreram ontem à noite num choque de comboios na estação de Hohenturm, perto de Halle, República Democrática Alemã. No choque, envolveram-se o comboio «expresso» Berlim-Saarbrücken e uma composição parada na estação. Ficaram feridas 46 pessoas, seis delas em estado grave.

Cranston desiste

O senador Alan Cranston desistiu da corrida à nomeação pelo Partido Democrata às eleições presidenciais deste ano nos Estados Unidos. Cranston, que foi o primeiro a anunciar a candidatura à corrida pelos democratas há mais de um ano, foi também o primeiro a abandoná-la, depois de se ter colocado em penúltimo lugar

nas eleições primárias de New Hampshire, com 2 por cento dos votos.

Da sua campanha, Cranston reivindicou o mérito de ter lançado para o debate, entre os seus três principais temas, o congelamento dos arsenais nucleares e a necessidade de acabar com a corrida às armas «antes que acabem connosco».

Atentado em Tóquio

Um incêndio criminoso destruiu uma parte do edifício, situado no centro de Tóquio, onde se instalam os escritórios da direcção do aeroporto internacional de Tóquio-Narita, anunciou a polícia nipónica.

O atentado, que não fez vítimas, foi reivindicado

por telefone, junto dos jornais da cidade, por um grupo que se diz chamar «Exército Revolucionário de Chukaku». O grupo «justificou» a sua acção como sendo de luta contra o impedimento dos trabalhos de extensão do aeroporto de Narita, a cerca de 60 km de Tóquio.

Canadá: Trudeau demitiu-se

O presidente do Partido Liberal do Canadá (PLC), Iona Campagnolo, anunciou ter aceiteado a demissão do primeiro-ministro canadiano Pierre Trudeau como líder da formação partidária.

Campagnolo anunciou que o novo líder do partido, que automaticamente será o primeiro ministro do Canadá, será eleito em Junho próximo numa convenção nacional do PLC.

«Ter sido líder de um partido como o nosso foi uma das maiores alegrias da minha vida», escreveu Trudeau numa carta enviada a Iona Campagnolo.

Depois de sublinhar que permanecerá no cargo até à eleição do novo dirigente, Trudeau refere que «este é o momento mais adequado para que outra pessoa assuma a responsabilidade».

O primeiro ministro agradeceu «a cada um dos membros do Partido Liberal a ajuda, a lealdade e a amizade com que me brindaram».

«Ficarei sempre agradecido ao Partido — disse — por me ter dado a oportunidade de servir o meu país».

«Como presidente do Partido Liberal — finaliza a carta de Trudeau a Campagnolo — quero que tomes todas as medidas necessárias para convocar uma convenção nacional no local e altura mais apropriados».

Antes de tomar posse do cargo de primeiro-ministro, em 6 de Abril de 1968, Trudeau foi secretário particular do primeiro-ministro Lester Pearson.

O presidente do PLC assinou a decisão de Trudeau de se demitir se deveu a razões pessoais e não a pressões políticas dentro do partido.

A sucessão

Dois homens, Jean Chretien e John Turner, pareciam ser, segundo a France Presse, os melhores colocados para suceder a Pierre Elliott Trudeau na chefia do Partido Liberal do Canadá e no cargo de ministro.

Desde há vários meses, acrescenta aquela agência noticiosa, o actual ministro da Energia e o antigo ministro das Finanças de Trudeau terçam armas na sombra e não escondem as suas ambições, enquanto outros, como Marc McGuigan e Lloyd Axworthy, respectivamente ministros da Justiça e dos Trans-



portes, estão ainda na expectativa.

Além disso, Marc Lalonde, titular da pasta das Finanças e fiel lugar-tenente do actual primeiro-ministro, indicou a sua intenção de se não candidatar, tal como Iona Campagnolo presidente do PLC.

John Turner, que abandonou oficialmente a cena política canadiana em 1975, devido a desacordos com Trudeau, tem a seu favor o facto de representar a alternância anglofona na chefia do Partido Liberal.

Por outro lado, Turner, advogado de Toronto, de 55 anos, representa a «direita» liberal e poderá portanto atrair certos votos que pendem actualmente para a oposição conservadora, por reacção contra o «French Power» personificado desde há 16 anos, em Otava, por Pierre Elliott Trudeau.

Por último, John Turner pode igualmente esperar o apoio dos meios financeiros.

Pelo contrário, a popularidade de Jean Chretien no Quebec tal como no resto do Canadá — nomeadamente no Oeste, ponto fraco da implantação liberal — talvez lhe não chegue para ultrapassar o «andicap» de ser francófono, notam os observadores citados pela AFP. «Não faço da alternância um dogma e não há vergonha em ser vencido por um dogma e por John Turner» afirma Chretien de 50 anos, não deixando assim qualquer dúvida sobre a identidade do seu principal adversário.

Advogado por formação, o «rapazinho de Sahawinigan» (entre Montreal e Quebec) reivindica desde já o apoio de 40 deputados do Quebec.

Quebec

O primeiro-ministro do Quebec, René Levesque, declarou que a demissão do primeiro-ministro do Canadá poderá marcar o fim dum governo ultrapessoal e ultra centralizador.

Este homem — disse Levesque — deixou a sua marca, «uma marca profunda mas também frequentemente contestável».

Na opinião de Levesque, Trudeau anunciou a sua retirada na sequência do malogro do sonho de bilinguismo, uma política que custou caro ao Quebec, que lhe foi imposta à força e que falhou na Manitoba e no Ontário, onde não são reconhecidos todos os direitos das minorias francófonas.

A decisão de Pierre Elliott de se demitir se for realmente definitiva» concluiu o primeiro-ministro quebequense, marca o fim «dum longo e importante capítulo da história política do Canadá».

A homenagem dos EUA

Os Estados Unidos prestaram homenagem ao papel desempenhado no estabelecimento de uma «cooperação estreita» entre Washington e Otava por Pierre Elliott Trudeau.

«O povo e o governo americanos prestam homenagem a Trudeau, que teve relações estreitas com quatro presidentes sucessivos dos Estados Unidos durante os últimos dezasseis anos», indicou o Departamento de Estado em comunicado à imprensa. O governo americano «está disposto a cooperar estritamente com o governo canadiano no futuro, como sucedeu com Trudeau», acrescentou o mesmo Departamento.

Sobre desarmamento

Encontros «privados» EUA-URSS

A Casa Branca confirmou ontem a existência de conversações secretas entre Washington e Moscovo para explorar possíveis acordos sobre controlo de armas.

A revelação, feita pelo secretário norte-americano de Estado, George Shultz, numa entrevista ao «Wall Street Journal», foi confirmada pelo porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes.

Shultz disse na mencionada entrevista que os «encontros privados» não incluíram ainda uma negociação pormenorizada com vista ao reatamento das conversações de Genebra sobre Euromísseis e armas estratégicas (START) suspensas por Moscovo no final do ano passado após a instalação dos primeiros euromísseis.

Larry Speakes disse, por sua vez, que existe um «diálogo contínuo» com a União Soviética e que, além de encontros anunciados publicamente se efectuam outros «em segredo». Entre estes contactos, Speakes mencionou as entrevistas regulares em Washington com o embaixador soviético Anatoly Dobrynin e as do chefe da missão norte-americana em Moscovo, Arthur Hartman, com altos funcionários soviéticos.

Holandeses contra

Uma sondagem de opinião

feita recentemente a pedido do governo revelou que larga maioria dos holandeses (foram consultadas mil pessoas) é contrária à instalação de 48 mísseis na base de Woensdrecht.

O primeiro-ministro Ruud Lubbers, comunicou na quarta-feira os resultados deste inquérito ao Parlamento por solicitação da oposição.

De acordo com esta sondagem, 63% das mil pessoas interrogadas, contra 24% disseram-se opostas e esta implantação. Por outro lado, 45% do eleitorado cristão democrata e 34% dos liberais são contrários aos euromísseis na Holanda. Assim, mais de 80% das pessoas que são partidárias do governo estão neste problema ao lado da oposição de esquerda.

Missil de cruzeiro

A União Soviética está em condições de desenvolver um novo tipo de missil de cruzeiro com capacidade nuclear a bordo de alguns dos seus submarinos segundo o chefe dos serviços de informações da marinha americana.

O contra almirante John Butts, que depunha na terça-feira perante a Comissão as Forças Armadas da Câmara de Representantes, declarou que os primeiros desses engenhos — SS-NX, 21 — poderiam ser instalados a

bordo de submersíveis soviéticos «a partir deste ano».

Os SS-NX21, acrescentou, podem ser disparados em situação de mergulho a partir de um vulgar tubo lança torpedos e tem alcance de 3000 km.

Apelo da URSS

A URSS apelou aos Estados Unidos no sentido de se estabelecer «uma maior confiança» no capítulo internacional para «regressar a relações normais e correctas» condenando ao mesmo tempo, a atitude de Washington na Conferência de Estocolmo para o desarmamento na Europa (CDE).

Num comentário do seu especialista militar Vladimir Bogatchev, a agência oficial soviética TASS salienta a importância do «reforço da confiança entre os Estados» e aponta a necessidade «de negociações e não da acumulação das armas nucleares», do recurso «à diplomacia e não política da agressão».

Segundo a TASS, os países socialistas são de opinião que «o único caminho seguro para o reforço da confiança nas questões internacionais e a prevenção de qualquer guerra reside na cessação da corrida aos armamentos através do regresso às relações normais e correctas e da rejeição da guerra de propaganda».

Libano no «carne

URSS e

A URSS opôs-se à resolução da ONU pelo Conselho de Segurança de um projecto de resolução 4.ª feira à tarde. A luta entre os da URSS e da iniciativa do embaixador soviético Oclarou que a URSS se opôs aos azuis, mas que poderia não previr o fim do conflito na região de Beirute.

ESTE veto não vai vir a resolução da cibernética, pensa-se nos diplomáticos ocidentais ONU, citados pela AFP.

Com efeito, a iniciativa a cabo pela França não só garantir um cessar-fogo das hostilidades uma Força Internacional, mas também por todas as partes, como assegurar a retirada definitiva da Multinacional, que ainda «meio-presente» em B.

Depois da votação, o representante francês, Luc Barre de Nanteuil, deu que o seu resultado «é bom nem para as Nações Unidas, que não puderam cumprir as suas responsabilidades, nem para o Libano». Por turno, o representante francês, Rachid Fakhuri, iniciou a votação de «devo indescritível».

Na altura em que o representante libanês, Amin Gel decide, em Damasco, o do seu país, com o pretexto, Hafez El Assad, a soviética vai privar certo o chefe do Estado libanês uma das suas últimas, sublinham os observadores na ONU.

Apesar dos diminuídos das operações da ONU, nomeadamente Libano, o envio de «Cetes Azuis» para Beirute constituído, pelo mesmo símbolo da vontade da comunidade internacional dar a restauração da soberania e da independência de Beirute, dilacerado por nove de guerra.

Nas presentes circunstâncias, na ONU vislumbra-se mal como é que o Conselho de Segurança conseguirá a questão, embelecado pelo secretário-geral, Javier P. Cuellar e o Libano impedido aos «Quinze».

França aumenta para o Iraq

A França vai vender a 29 «Mirage F-1» e empregará milhões de dólares (65 milhões de contos) — ream hoje fontes oficiais em

Estas medidas foram tomadas durante as conversações da terça-feira passada nítida francesa pelo número de regime de Bagdade, Ya'ar-madhan, e o primeiro ministro francês, Pierre Mauroy.

Oficialmente, tanto as autoridades francesas como o iraquiano escusaram-se a afirmar o aumento da «cooperação» bilateral.

Numa conferência de imprensa em que revelou o objectivo sua visita a Paris, Ramadhasse que «o Iraque não pedira», mas não afastou a possibilidade de aceitar qualquer «oferta» que fosse oferecida seu país.

Relativamente a que: financeiras, o dirigente iraquiano assegurou que a França a o pagamento das dívidas que que ascendem actual a 2000 milhões de dólares.

"minho de Damasco"

Veta envio de "capacetes azuis"

O seu veto ao envio de uma Força de Paz para Beirute, durante a votação da Resolução 435 das Nações Unidas do Conselho de Segurança, preconizando esse envio, a resolução obteve 13 votos contra 2, a favor da Ucrânia. Justificando o seu veto, o presidente da ONU, Oleg Troyanovsky, declarou não se opunha ao envio de capacetes azuis, mas não podia aceitar uma resolução que exigia o envio de tropas americanas na

facilitar
se li-
meios
s da

va le-
ca vi-
ces-
s, por
al neu-
s par-
bém
Força
a está
Beirute.

repre-
de La
clarou
não é
s Uni-
enfren-
dades,
or seu
liba-
qualifi-
cação

pres-
mayel
futuro
idente
recusa
onte
de je
cartas,
adores

resul-
de Paz
nte no
apace-
teria
os, um
comu-
apoiar
rania e
e país,
nos de

instân-
bra-se
elho de
a reto-
a o se-
erez de
enham
para

enta vendas

ue

iraque
star qui-
res (65
elaram
aris.

ciadas
a-
capital
s do re-
sin Ra-
ministro

autorida-
irigente
a confir-
eração"

mprensa
o da sua
n disse
nada".

bilidade
plabora-
o seu

stões fi-
aquião
adiara o
o Iraque
ente a

manterem o «dossier» em aberto.

Os Estados Unidos — que fizeram recuar o seu contingente da Força Multinacional para os navios ancorados ao largo de Beirute — e a França, que mantém o seu destacamento (1200 homens) na capital libanesa, vão ter agora de decidir quanto tempo é que ainda irão manter as suas tropas na zona. Na ONU, não foi dada ainda qualquer resposta a este respeito.

Por seu lado, a URSS, ao utilizar o seu direito de veto, fez desaparecer certamente algumas simpatias dos Não-Alinhados, que se pronunciam, todos eles, a favor do projecto francês. Alguns Estados não-alinhados não deixaram de sublinhar os seus actuais receios pela segurança da população civil libanesa e, sobretudo, pela dos refugiados palestinos, que continuam sem qualquer protecção.

Luc de La Barre de Nanteuil considerou «politicamente muito importante» o apoio dado pelos Não-Alinhados e pela China. Em contrapartida, ficou admirado com o veto soviético, garantindo que Moscovo dera, há três semanas, o seu aval — em conversações de alto nível — à instalação de «Capacetes Azuis», sem evocar as condições que viriam a ser apresentadas depois.

Gemayel e Damasco

A visita do presidente libanês, Amin Gemayel, a Damasco, consagra o malogro da diplomacia americana no Líbano e o abandono deste país à sua sorte por parte do Governo de Reagan, apesar das declarações em contrário feitas pela Casa Branca, indica-se em Washington, escreve Gilbert Grellet, da AFP.



Imagens como esta colhida numa aldeia drusa do Líbano continuam a ser o pão nosso de cada dia, nesse país onde a invasão de Israel em Junho de 1982, com a cumplicidade dos EUA, agravaram os conflitos internos, cuja solução parece cada vez mais longínqua. (Telefoto UPI/NP/DL)

O porta-voz da Presidência, Larry Speakes, reafirmou ontem que a política americana no Líbano continua a ser «firme e sólida» no seu apoio ao governo libanês e ao presidente Gemayel.

Contudo, esta declaração esconde mal a realidade dos factos: os Estados Unidos rejeitaram a semana passada um apelo para acorrer em auxílio do presidente libanês, que pediu o apoio naval e militar americano na sua luta contra as forças antigovernamentais, sobretudo de fonte diplomática.

Depois da recente retirada dos «marines» de Beirute, esta recusa confirma, uma vez mais que Washington, incapaz de controlar a evolução da situação no Líbano, depois de 18 meses de esforços, se limita agora a um papel passivo de

espectador, deixando a outros o cuidado de resolver a crise.

Por outro lado, a frustração diplomática americana no Líbano foi ilustrada, esta semana, por informações segundo as quais o emissário da Casa Branca ao Médio Oriente, Donald Rumsfeld, se demitiria depois de ter efectuado uma última missão à região.

A Casa Branca recusou-se a comentar, ontem, as informações segundo as quais o apelo a favor da ajuda a Gemayel, transmitido na semana passada a Washington pelo conselheiro do presidente libanês para a segurança nacional, Wadi Haddad, tinha sido rejeitado pelos responsáveis americanos, nomeadamente pelo secretário de Estado George Shultz.

Foi na sequência de tal recusa que Amin Gemayel teve de tomar o «caminho de Damasco» e ir negociar o futuro do Líbano com o presidente sírio, Hafez El Assad, indica a maioria dos observadores diplomáticos em Washington.

Os mesmos meios acrescentam que o Governo Reagan espera que a mediação saudita permita conduzir a uma solução negociada para a crise do Líbano, o que permitirá a Washington orientar os seus esforços em direcção a um relançamento das negociações globais de paz no Médio Oriente.

Mas a passividade de Washington parece não ser apreciada por Riad. O rei Fahd da Arábia Saudita enviou ao presidente Ronald Reagan uma carta na qual lhe pede que mantenha um papel activo no Líbano e apoie um plano de solução saudita, prevendo, designadamente, a revogação do acordo israelo-libanês de 17 de Maio do ano passado, soube-se de boa fonte.

A Casa Branca limitou-se a confirmar que recebera a mensagem. Mas a agência ANOP refere hoje que a Administração Reagan está disposta a concordar com a revogação do acordo israelo-libanês de Maio de 1983.

Carro armadilhado

Os combates no Líbano e em Beirute acalmaram notoriamente nas últimas horas. Mas 36 pessoas (na sua maioria muçulmanas) ficaram feridas pela explosão de um carro armadilhado em Beirute ocidental.

A violenta explosão, que provocou avultados prejuízos materiais, ocorreu às 16.14 h locais (14.14 h de Lisboa) no sector de Talat El Jayat, num parque de estacionamento próximo do edifício da televisão libanesa.

Fontes policiais e hospitalares revelaram que as vítimas são quase todas crianças muçulmanas que jogavam à bola no parque, quando o carro explodiu.

O sector de Talat El Jayat é um dos mais populosos de Beirute e nele habitam numerosos muçulmanos chiitas e drusos.

O vencedor em New Hampshire

Um homem de "ideias novas"

Alto, ar juvenil que lhe valeu em 1979 ser considerado um dos «10 homens mais sedutores dos Estados Unidos», o senador do Colorado, Gary Hart, de 47 anos, surpreendente vencedor da eleição primária democrática do New Hampshire, tem vindo a basear a sua campanha para a corrida à Casa Branca numa palavra-chave: «Novo».

Apresenta-se assim como o candidato da «Nova Geração», propondo aos Estados Unidos uma «nova chefia» assente em «novas ideias». Os seus adversários bem afirmam que essas ideias não são tão novas nem tão rigorosas como ele apregoa, mas o certo é que este tema de campanha tem valido ao senador do Colorado o apoio entusiástico de numerosos jovens militantes.

Num recente debate em que participaram todos os candidatos do seu partido presentes nas «primárias do New Hampshire», Gary Hart colocou a sua carreira política sob o triplo patrocínio de John Fitzgerald Kennedy, Robert Kennedy e George McGovern, um dos seus adversários na solicitação da investidura do Partido Democrático.

Gary Hart teve com efeito as suas primeiras armas alistando-se como voluntário na campanha presidencial de John Kennedy em 1960, colaborando depois na corrida de Robert Kennedy à investidura do partido democrático em 1968 e na do McGovern.

Autor de um livro intitulado «Uma Nova Democracia», é um

dos representantes do «Novo Liberalismo» que considerou ter chegado o momento de ultrapassar o «New Deal» de Franklin Roosevelt e defender as tecnologias de ponta, contemplando uma «nova política industrial» decalcada no modelo japonês.

Gary Hart recusa definir-se como conservador ou liberal. «O que tento fazer — diz — é criar uma terceira via entre a direita e a esquerda».

Partidário de um congelamento mútuo e controlável dos armamentos nucleares, afirma que uma vez eleito deslocar-se-ia a Genebra para negociar com a União Soviética. Foi um dos primeiros a criticar a presença dos «marines» em Beirute e condena a política do presidente Reagan na América Central, considerando que o inimigo «não é o comunismo mas a pobreza».

Rádio Moscovo anunciou quarta-feira a vitória do senador Gary Hart nas eleições primárias democráticas no estado de New Hampshire, sublinhando a sua hostilidade face à intervenção americana no Líbano e a sua tomada de posição a favor de um degelo na questão dos armamentos.

O senador Hart constitui «um adversário vigoroso da intervenção militar americana no Líbano e um firme apoiante de um degelo da corrida aos armamentos nucleares», informou Rádio Moscovo no seu jornal falado em inglês. «Trata-se de um homem político relativamente jovem», acrescentou a estação.

Holden Roberto recebido nos EUA

Holden Roberto, dirigente da FNLA, encontrou-se em Washington com o senador republicano Richard Helms, segundo informou o «Washington Post», citado pela Novosti.

O jornal declarou que durante o encontro foi debatido o aumento da ajuda financeira concedida secretamente pelos Estados Unidos às organizações que combatem o Governo de Angola.

Entretanto, as Forças Armadas angolanas, no prosseguimento do combate a «focos de

banditismo alimentados do exterior», mataram 18 membros de um grupo «fantoche» na província do Bie — noticiou a ANGOP, citando fonte oficial.

Segundo a agência angolana, a acção decorreu a cerca de 2 quilómetros de Munhango e o grupo destruído deixou no terreno, além dos mortos, vários armamentos, incluindo carregadores, cartuxeiros, granadas e um obus de RPG-7.

A ANGOP acrescenta que a vida decorre normalmente nos outros pontos da província.

No País Basco francês

Preso o chefe dos Comandos Autónomos Anticapitalistas

A polícia francesa anunciou que prendeu terça-feira a noite em Bayonne José António Aguirre Aristondo, considerado um dos máximos dirigentes dos «Comandos Autónomos Anticapitalistas».

De acordo com a agência EFE, referidos pela ANOP e que cita «fontes fidedignas», José António Aguirre Aristondo foi preso por não ter em ordem a documentação de residentes em França.

Os «Comandos Autónomos Anticapitalistas» são considerados próximos da ETA Militar e

reivindicaram a responsabilidade do atentado contra o senador socialista Enrique Casar Vila, na semana passada, em San Sebastián.

José António Aguirre Aristondo é considerado pela polícia espanhola como um dos principais dirigentes dos «Comandos», que habitualmente se responsabilizam por acções mais violentas do que a própria ETA Militar. Não estão confirmado se estes grupos actuaram à margem da direcção da ETA Militar ou em acções combinadas.

Bolívia

Residência vigiada para general golpista

O general Alfredo Villaroel Barja, comandante chefe das Forças Armadas bolivianas, ordenou ontem a prisão do seu predecessor, o general reformado Humberto Cayoja Riart, que lançou na véspera um apelo ao Exército para que combatesse a «anarquia».

Recorda-se que, num discurso pronunciado em Santa Cruz, 1000 km a Leste de La Paz, Riart afirmou que a Bolívia vive em «regime de anarquia pseudodemocrática». O mesmo general reformado pediu ao Exército que assumisse as responsabilidades que lhe são conferidas pela Constituição para assegurar a «paz e a tranquilidade» dos cidadãos.

Este «apelo» ao golpe do general Cayoja Riart, autor em Maio de 1981, de uma tentativa falhada contra o general Luiz García Meza, parece ser apoiado pelo ex-ditador Hugo Banzer, que teria reconquistado as boas graças de Washington.

Entretanto o ministro da Defesa, Manuel Cardenas, declarou que não pôde de parte a possibilidade de golpe de Estado.

Cardenas precisou que o general reformado Cayoja Riart foi colocado na situação de residência vigiada por ter declarado na véspera que seria preciso haver, na Bolívia, «uma mão forte para governar o povo».

Pelo seu lado, o dirigente da Central Operária Boliviana (COB), Juan Lechin, declarou que o futuro do país está nas mãos das Forças Armadas, mas que seria desastroso para estas fomentarem o golpismo.

O regresso do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária) ao governo poderá entretanto auxiliar o presidente Siles Suazo a fazer frente à crise provocada pela greve geral dos transportes, que entrou hoje no sétimo dia, Freddy Justiniano, novo ministro da Indústria e Comércio, ex-militante

do MIR, do vice-presidente Jaime Paz Samora, partido membro da coligação de esquerda que venceu as últimas eleições democráticas na Bolívia e abandonou o governo em 1983, devido a divergências com o MNRI (Movimento Nacionalista Revolucionário de Esquerda).

A recomposição da coligação de três partidos (MIR, MNRI e PCB) é defendida pelos comunistas bolivianos para dar uma «maior base de apoio social e político» ao regime democrático restaurado na Bolívia há menos de dois anos.

Justiniano precisou que aceitou o cargo de ministro «a título pessoal» e que a sua presença não significa o regresso do MIR ao Poder, mas fontes próximas da presidência afirmaram que Siles Suazo está decidido a prosseguir as negociações para a «reformulação» completa do actual governo.

Os motins na Nigéria causaram entre 63 a cem mortos

Foram mortas 63 pessoas e 33 ficaram feridas, durante os confrontos que opuseram, na passada segunda-feira, em Yola, os membros da seita de Maitatsine às forças da Polícia, anunciou a Polícia nigeriana, num novo balanço. Por outro lado, foram presas 429 pessoas.

Contudo, segundo a Imprensa nigeriana, o balanço poderia elevar-se a 100 mortos e 200 feridos.

De acordo com um porta-voz do Quartel-General da Polícia, só segunda-feira à noite é que as autoridades conseguiram dominar a resistência dos extremistas muçulmanos, que tinham provocado

numerosos estragos desde esse manhã, incendiando o mercado de Yola, designadamente.

A Imprensa indica por outro lado que o recolher obrigatório foi instaurado na cidade de Yola, e qual regressou a calma. Os votos da companhia nacional «Nigeria Airways» para Yola foram contidos suspensos.

O chefe do Estado, general Muhammadu Buhari, deslocou-se à zona, para avaliar a situação, tendo visitado o hospital da cidade, onde estão a ser tratadas mais de cinquenta vítimas dos motins, indica a agência de Imprensa NAN.

Da Associação de Municípios de Setúbal

Tutela administrativa tem vários pontos inconstitucionais

A Associação de Municípios do Distrito de Setúbal denunciou esta manhã em conferência de imprensa algumas das «indefinições» e «arbitrariedades» que enformam o regime de tutela administrativa constante do «pacote legislativo autárquico» ontem parcialmente aprovado pelo Conselho de Ministros. De acordo com Hélder Madeira e Ezequiel Lino, membros da presidência da Associação, «há nele pontos inconstitucionais».

Concretamente, aqueles dois elementos da AM daquele distrito puseram a tónica no facto de «uma simples inspecção a uma Câmara, mesmo que não haja qualquer falta grave, permitir que o Executivo seja extinto pelo MAI e em seu lugar ser nomeada uma Comissão Administrativa, sob a sua responsabilidade, que eventualmente nem representa a força ou as forças maioritárias desse concelho». Isto, na óptica da Associação de Municípios de

Setúbal, é inconstitucional, como inconstitucional será o facto dos elementos que integram uma câmara demitida não poderem candidatar-se às eleições subsequentes nem ao acto eleitoral que se lhe diga.

Segundo Hélder Madeira e Ezequiel Lino, não é ao MAI que cabe julgar a maior ou menor gravidade de um eventual erro ou falta, mas aos tribunais. Note-se, entretanto, que o CM deliberou na sua reunião de ontem solicitar da AR a prorrogação, por mais sessenta dias, relativamente ao diploma que regula o regime de tutela das autarquias, podendo aquele e outros pontos mais controversos da proposta virem ainda a ser alterados.

A Associação de Municípios do Distrito de Setúbal abrange treze concelhos e considera-se vocacionada para resolver muitos dos problemas que as autarquias não resolveriam isolada-

mente. Aproveitou já o seu Plano de Actividades e Orçamento para o ano em curso, sendo este da ordem dos 16 mil contos e para o qual cada CM contribui com 0,5 por cento das verbas que lhe são atribuídas pelo OGE.

Afirmando que a sua criação em Março do ano passado veio «suprir uma lacuna na actividade», os Municípios do distrito, a Associação fará incidir a sua acção em 84 sobre as mais diversas áreas, desde educação e cultura ao ensino, saúde, segurança social, urbanismo, ambiente e ecologia, desporto, juventude, administração e gestão autárquica, saneamento básico, defesa do meio ambiente e gestão dos recursos hídricos.

O ano passado, a sua maior iniciativa foi a jornada que promoveu sobre loteamentos ilegais; este ano, de acordo com Hélder Madeira, assumirão particular relevo o seminário sobre «Poder Local e Transportes», já

no próximo dia 10 de Março, o «Encontro sobre o Poder Local e o Ensino», em 5 de Maio, e a Conferência sobre Desenvolvimento Regional no distrito de Setúbal, que em princípio decorrerá em Outubro.

Sobre esta última iniciativa, a Associação de Municípios do Distrito de Setúbal acentua o facto desta região ter vindo a ser «altamente afectada pela política deste Governo», uma vez que na sua área há empresas que há meses não pagam os salários aos seus trabalhadores, ao mesmo tempo que Soares e Mota Pinto «preparam o desmantelamento do sector público» que neste distrito é de «primordial importância», afirmaram.

Presentemente, aquela Associação tem entre outros, estudos elaborados sobre «organização e informática», «formação profissional dos trabalhadores das autarquias» e «licenças, taxas e tarifas».

tem a palavra o leitor

Numa estação dos CTT

Em Boliqueime - Algarve, existe uma Estação dos CTT, cujo serviço de expediente/balcão, é simplesmente inacreditável. Há dias fui à referida Estação, onde se encontravam várias pessoas esperando a sua vez para serem atendidas, pessoas essas já com uma idade bastante avançada, idosos que recebem ali a sua Pensão miserável. Porém um dos idosos queria registar uma carta, como não sabia ler nem escrever, disse à funcionária dos CTT que não sabia preencher o boletim de registo por ser analfabeta. Ai a empregada dos CTT de nome Georgina, disse em voz alta para todos ouvirem e em tom nada Académico isto: SE NÃO SABE ESCRIVER VÁ PARA A ESCOLA.

A pobre da senhora, residente nesta freguesia, ficou vermelha, e à saída até chorou. Valeu-lhe a uma senhora conhecida que lhe preencheu o boletim.

Será com pessoas com esta educação, à frente dos CTT desta terra, que se faz um bom serviço à população?

Peço à sr.^a D. Georgina pelo menos o mínimo de respeito e consideração pelos clientes dos CTT em Boliqueime, e principalmente pelos idosos, que nunca tiveram culpa de terem vivido a sua juventude num sistema tão ridículo que até o acesso às letras era para muitos travado.

Dagoberto José Simão do Vale
Casa Branca/Campina
Boliqueime
8100 LOULÉ

Agricultores do Porto reclamam feiras de gado

Mais de 500 agricultores do concelho de Paços de Ferreira, Amarante e Santo Tirso (distrito do Porto) reclamaram «a imediata abertura das feiras de gado».

Em plenários concelhios efectuados nos últimos dias nas instalações das cooperativas agrícolas locais, patrocinados pela Aliança das Ligas Agrícolas do Norte, os agricultores aprovaram moções formulando aquela exigência.

A «ALAN», com sede no Porto, divulgou ontem um comunicado informando que «o principal assunto debatido nestes plenários foi o dos prejuízos que decorrem do encerramento das feiras de gado».

No comunicado, assinala-se que «nem a Junta Nacional de Produtos Pecuários interveio até agora, nem as autoridades concelhias e regionais criaram, por outro lado, soluções alternativas».

Os aumentos dos preços dos factores de produção — adubos, rações, pesticidas, gasóleo e electricidade — foram também motivo de intervenções nos plenários como causas de «consequências desastrosas para a lavoura».

Estes prejuízos — acrescenta o documento — «são agravados pela falta de pagamento de indemnizações, designadamente do gado abatido por doença, e o subsídio de gasóleo de 1983».

Os participantes nos plenários decidiram contactar os presidentes das câmaras «para os colocar a par da situação e reclamar que intercedam no sentido de serem tomadas medidas para resolução dos problemas que afectam a lavoura da região».

Decidiram também integrar-se na jornada nacional de reclamação e protesto dalavoura portuguesa, junto ao Palácio de S. Bento, convocada para 19 de Março em Lisboa.

Nessa ocasião, será entregue ao Governo um abaixo-assinado de agricultores «exigindo a imediata abertura das feiras do gado».

Estão entretanto marcados novos plenários de agricultores do distrito do Porto, designadamente em 4 e 5 de Março, nas cooperativas agrícolas de Paredes e Felgueiras, respectivamente.

Defendida a habitação rural

O respeito pelo ambiente humanizado e pela imagem arquitectónica das construções mais significativas que abundam pelas manchas rurais constitui o principal objectivo do trabalho «Habitação Rural», divulgado pelo Instituto Fontes Pereira de Melo.

O referido trabalho, da autoria do arquitecto-urbanista José Luís Pinto Machado, inclui um rol de sugestões para a renovação da construção de habitações e tem assim a explanação de métodos construtivos e elementos tradicionais que integram e caracterizam a habitação rural de diferentes zonas do País.

«As sugestões ora apresentadas — lê-se na introdução do livro — têm como meta orientar os agregados familiares a construir as suas casas por si sós e procurar que na reparação, na beneficiação ou na reconstrução das respectivas habitações se mantenha a tradição, a beleza e as características das casas então contruídas por seus pais e avós».

Salienta o autor que não pretende demonstrar que as famílias rurais habitem do mesmo modo que os seus antepassados e que se obriguem a não demolir a velha casa degradada e destelhada, mas «esclarecer que a concepção da arquitectura popular é mais bela, mais simples, mais integrada no ambiente e mais económica que os controvertidos «modelos» de casa importadas da cidade e do estrangeiro».

O arquitecto Pinto Machado diz ser incumbência do Governo «enviar os maiores esforços para a recuperação do degradado — porque histórico — mobiliário e providenciar para a sua requalificação e para a melhoria da qualidade de vida da respectiva população».

No Brasil aumentam as pressões para eleição directa do presidente

Os estrategos políticos do governo já começam a rever suas posições, depois da realização, em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, na última sexta-feira (dia 24), de um comício gigante pelo restabelecimento de eleições directas para a escolha do presidente da República.

Mais de 300 mil pessoas encheram o centro de Belo Horizonte, para ouvir, durante cinco horas, 49 pronunciamentos de políticos, artistas, intelectuais e representantes de comunidades, em favor das eleições directas.

Para os órgãos de segurança o número de manifestantes foi surpreendente. As expectativas, mesmo dos organizadores do acto, eram de que a frequência chegaria ao máximo na casa dos 200 mil.

Encravado, no centro do país, entre os estados ricos do Sul e os pobres do Norte e do Nordeste, Minas Gerais sempre actuou como uma espécie de fiel da balança política brasileira. Lá se misturam o conservadorismo do Nordeste com o progressismo do Sul.

Foi no estado de Minas Gerais, por exemplo, que brotou e cresceu o movimento militar que tomou o poder em 1964. Foi em Minas também, na década de 30, que se consolidou a revolução constitucionalista.

O êxito do comício gigante de Belo Horizonte, segundo observou o mais respeitado analista político do país, o jornalista Carlos Castello Branco, «não deixou ao sistema muitas alternativas que não seja a negociação da sucessão presidencial com todos os

segmentos da sociedade».

O regime, controlado pelos militares que deram o golpe de 1964, pretende que o substituto do presidente actual, o general João Baptista Figueiredo, seja escolhido no âmbito do partido governista, o PDS — democrático social.

Uma convenção do PDS escolheria um dos quatro nomes que se candidataram à sucessão (o do vice-presidente, Aureliano Chaves, o do senador pernambucano, Marco Maciel, do ex-governador de São Paulo e deputado federal, Paulo Maluf e do actual ministro do Interior, Mário Andreazza). Posteriormente enviaria a indicação para que o Congresso Nacional o formalizasse como presidente.

Este mecanismo vem funcionando há 20 anos. A única diferença desta vez é de os pretendentes não serem generais do Exército, como nas anteriores.

Por sugestão de um deputado oposicionista, Dante de Oliveira, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro — PMDB — será votada, em Abril, pelo Congresso Nacional, uma emenda constitucional que repõe a escolha do futuro presidente pelo voto popular.

Mais de 1,2 milhões de pessoas já saíram às ruas das principais cidades brasileiras, para se manifestarem favoráveis à aprovação da emenda e à provável realização de uma eleição directa, já em Novembro próximo.

O analista político Carlos Castello Branco não tem nenhuma dúvida de que as emocionantes manifestações que já se realizaram pelo país «vão abrir a porta para aprovação da emenda do

deputado Dante de Oliveira ou compor o governo federal a renegociar».

O ministro-chefe da Casa Civil, jurista Leitão de Abreu, um dos principais articuladores político do governo, já vem mantendo contactos com algumas lideranças oposicionistas para discutir a possibilidade de um entendimento em torno da questão sucessória.

Leitão já teria confessado a alguns amigos de que o governo está temeroso de que as eleições directas venham a ser aprovadas pelo Congresso, em Abril. Já não existe mais a certeza de que o partido governista teria maioria na votação da emenda Dante de Oliveira.

Os congressistas brasileiros continuam sofrendo pressões. De um lado as manifestações políticas estrondosas e, do outro, os representantes do regime, que sabem que se o próximo pleito para presidente da República for directo, eles serão aliçados do poder.

No Rio e São Paulo, os organizadores do movimento pró-directas colocaram, nas praças públicas, grandes painéis com os nomes dos deputados e senadores que estão a favor ou contra as directas, ou melhor, os que estão a favor ou contra o povo.

Muitos políticos diante destes painéis sentiram-se constrangidos e têm pedido que sejam retirados dos painéis. Outros como o deputado da extrema-direita do Rio de Janeiro, Amaral Netto, manda que seus correligionários destruam os painéis.

(Arnaldo César — IPS)

Concurso do Ensino Primário põe fim à efectivação

No próximo ano lectivo nenhum professor não efectivo do ensino primário se poderá efectivar.

A generalidade dos professores efectivos daquele grau de ensino que pretendam transitar de escola para número não poderá fazê-lo; o número de lugares a funcionar será substancialmente reduzido e aumentará muito significativamente o número de alunos por turma.

Todas estas calamidades que se abatem sobre os professores do ensino primário, se devem ao concurso de professores para o quadro geral, aberto anteontem pelo ME e a decorrer durante 10 dias.

As vagas que surgem a concurso são 747, indicando o aviso de abertura que 2 mil lugares são considerados negativos, ou seja, não são recuperados durante o mecanismo de concurso.

Explica a Federação Nacional dos Professores em comunicado que, na prática, isso significa que se 747 professores dos lugares agora considerados negativos concorrerem a outra escola, os seus anteriores lugares serão automaticamente suspensos e, portanto, não será lá colocado qualquer professor. Como o número de lugares negativos é de 2000, pode prever-se que quase a totalidade dos 747 lugares venham a ser ocupados por profes-

sos nestas condições.

Nove mil quinhentos e setenta e oito professores do ensino primário não são efectivos, sendo, portanto, inadmissível que o quadro geral não seja substancialmente alargado, permitindo que uma parte importante desses professores se efective.

A efectivação dos professores significa não só melhoria das suas condições de vida mas maior estabilidade para o ensino.

Central térmica de S. Miguel custará milhão e meio de contos

As obras de construção da nova central térmica da ilha de S. Miguel, orçadas em cerca de 1,5 milhões de escudos, iniciam-se em Setembro — anunciaram fontes oficiais.

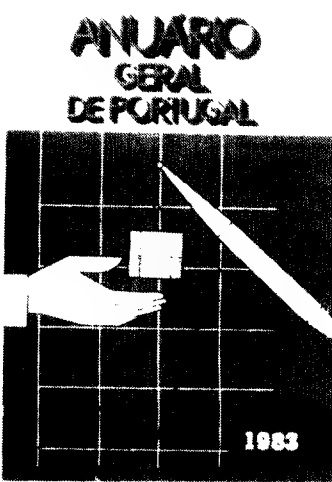
Uma nota governamental afirma que a Secretaria do Comércio e Indústria dos Açores autorizou já a abertura de um concurso público para a empreitada de construção.

Nesta central serão instalados, numa primeira fase que cus-

tará 240 milhões de escudos, dois grupos geradores de 7,5 megawatts (MW) cada, como o «DL» em tempos noticiou.

A instalar na estrada Ponta Delgada Ribeira Grande, a nova central vai substituir gradualmente a antiga, localizada na zona norte da cidade de Ponta Delgada.

A obra conta com um financiamento do Banco Europeu de Investimentos e deverá estar concluída nos finais de 1985.



A edição tem como director José Felicidade Alves e é propriedade da EPNC, Empresa Pública dos Jornais Notícias e Capital.

ponta esquerda

111 111 211 1111



DESPORTO

Na sua agenda

FUTEBOL: TORNEIO INTERNACIONAL DE JUVENIS DO ALGARVE. É a 7.ª edição de uma festa futebolística que, desta feita, tem a participação das turmas representativas da Argélia, da Bélgica, da França e de Portugal. Jogos no próximo dia 3: Portugal-França e Argélia-Bélgica (a partir das 15 horas, no Estádio de S. Luís, em Faro); dia 4: Portugal-Argélia e Bélgica-França (no Estádio Dois Irmãos, no Alvor) e dia 6: Portugal-Bélgica e Argélia-França (em Portimão). Árbitros e fiscais de linha bem cotados: Francisco Silva Gil Rosa, Veiga Trigo, Rosa Santos, Carlos Valente e João Rosa. Os nossos futebolistas: Altique (Barreirense), Zé Carlos (FC Porto); António Luis, Facheco, Vítor Pestana e Rui Manuel (Torralta); Elísio, Guedes, Navalho, Samuel e Paulo Guilherme (Benfica); Sampaio (Braga); Fernando Mendes e Lima (Sporting); Lomba e Carlos Ribeiro (Vitória de Setúbal).

JOGOS MÉDICOS NACIONAIS com a sua meia maratona pelas 9 e 30 de 6 do corrente, na Aldeia das Açoteias. Medalhas e diplomas esperam todos os atletas, que até podem não ser médicos. Uma iniciativa da Revista Portuguesa de Medicina Desportiva, com Manuel Martins, Renato Graça e Carlos Mota na comissão organizadora.

ESTORIL PRAIA CRESCE e caminha para os 20 mil associados, mercê da iniciativa de Júlio Graça, presidente da direcção da colectividade da Amoreira. Na campanha de conquista de adeptos, muitos prémios têm sido periodicamente atribuídos: Ana Patrícia Fernandes dos Santos Gonçalves (16 meses de idade) ganhou uma viagem a Londres para duas pessoas, enquanto Rui José da Silva Figueira e António Cordeiro Pêrnão, embolsam outros prémios. A 15 do corrente haverá o sorteio entre quantos entraram no mês de Fevereiro para associados dos «canarinhos». Vale a pena tornar-se sócio do Estoril Praia.

SEXIAL PROMOVE o «Torneio 25 de Abril» em futebol, para veteranos. Uma organização da Câmara Municipal local, que começa a desenrolar-se no sábado.

TENIS JUVENIL desenvolve-se: no âmbito do programa de apoio elaborado há meses, a Federação vai efectuar, de hoje a 6 deste mês, nos «courts» do Estádio Nacional (Lisboa), um encontro Portugal-Espanha (individual e por equipas) para jogadores infantis (menores de 14 anos), rapazes e meninas.

Hora de reciclagem

Infelizmente, com o aproximar do termo dos campeonatos nacionais de futebol os casos avolumam-se na razão directa dos sobressaltos de cada emblema em relação à luta pela sobrevivência ou, no topo distante, entre quantos lutam directamente pelas mais saborosas conquistas. E, neste infernal torvelinho, ficam envolvidas arbitragens colocadas no centro dos furacões, futebolistas envolvidos em jogos de interesses que arrastam milhões, outros milhares equacionados no jogo das tesourarias, dos compromissos, dos contratos que é forçoso cumprir: ou deixar para quem vier depois e, em cada símbolo fecha a porta escancarada e siga para outro rumo.

Está fértil em amarguras o futebol português, com juizes atirados da Rocha Tarpeia, pouca gente morando no castelo mas, fora da ponte

levadiça, multidão em cólera, buscando o mais pequeno pretexto para o desaguar de mágoa, para a fuga a um quotidiano marcado por mil rasgões até uma evasão total às agruras que estão semeadas no percurso de cada cidadão do ainda resistente país que nos serviu de berço.

E forçoso, imediatamente obrigatório, um severo acto de reciclagem de todos nós: e, afoitamente, sem receios nem melindres, cada um de nós assacar para si um pedaço de culpa do torvelinho que cerca os estádios, os rinques, as pistas, os cenários desportivos onde (afinal) fica o espelho, real e perfeito, sem deformações, da frustração que, de há anos a esta parte, marca sucessivas etapas da vida sem qualquer clarão no fim do túnel.

NEVES DE SOUSA

Manchester United na bolsa de vendas

As negociações para a venda da maioria das acções do Manchester United (da 1.ª divisão inglesa) de futebol foram confirmadas num comunicado conjunto do clube e de Robert Maxwell, o milionário interessado na compra.

A oferta de Robert Maxwell (proprietário de uma empresa editorial e presidente do Oxford, clube da 3.ª divisão) ronda, em libras, 14 milhões de dólares (cerca de 1,9 milhões de contos).

Para obter o controlo do Manchester United, o clube mais rico da Inglaterra, Maxwell necessita apenas de adquirir a carteira de acções do actual presidente (Martin Edwards) que detém 500 mil (51 por cento do total).

Edwards tornou-se presidente e director executivo do United (em 1978) quando o Manchester realizou uma emissão de acções no valor de um milhão de libras (cerca de 189 mil contos).

Ultimamente as acções registaram acentuada valorização, subindo de uma libra (1,4 dólares) para 2,20 libras (3,08 dólares), cotação da semana passada.

Os adeptos do clube interrogam-se (assim) se a operação em curso beneficiará o Manchester ou se estão perante um acordo entre milionários em proveito dos seus negócios.

A oferta de dez milhões de libras (14 milhões de dólares) pode significar que Edwards venda as suas acções e ganhe uma fortuna, ou uma quantidade importante de acções será concedida ao novo proprietário, o que lhe daria o controlo do clube, que passaria a ter mais dinheiro para operar.

Além de ser o mais rico, o Manchester United é o clube inglês

com mais apoio dos adeptos, traduzido numa assistência média de 40 mil espectadores nos jogos no Old Trafford.

As receitas dos desafios naquele estádio totalizaram na época passada o montante global recorde de 636 mil libras (cerca de 1,2 milhões de contos), o que cobriu em grande parte o contrato com Robson «capitão» da selecção inglesa, que orçou os 1,5 milhões de libras. Os êxitos do clube não têm estado, (porém), à altura do seu potencial: não ganha o campeonato desde 1967 e foi este ano afastado da Taça (que conquistou a época passada) por uma equipa da 3.ª divisão.

Taça de Inglaterra

O Everton venceu o Aston Villa por 2-0 na 1.ª mão da meia-final da «Taça de Inglaterra». O vencedor desta eliminatória encontrar-se-á com o Liverpool na final, em fins de Março.

Campeões africanos

O Desportivo de Maputo qualificou-se para a 2.ª eliminatória da Taça dos Campeões Africanos de futebol, ao derrotar em Mbabane, por 1-0, o Wanderers da Swazi-

lândia, na 2.ª mão da 1.ª eliminatória. O Desportivo vai ter como próximo adversário o campeão de futebol do Uganda.

Por seu lado, o Primeiro de Maio (de Benguela) venceu o Atlético de Malabo (campeão da Guiné Equatorial) por 3-0 também em jogo da Taça dos Campeões Africanos. Os golos foram marcados por Fusso, Maluka e Zandu. No jogo da primeira mão o campeão angolano havia perdido por 2-0.

Campeonato brasileiro

A modesta equipa do Moto-clube (do estado de Maranhão) venceu, por 1-0, a poderosa equipa do Botafogo (do Rio de Janeiro), em partida da 8.ª jornada da fase eliminatória do Campeonato brasileiro da 1.ª Divisão. Eis os restantes resultados: Treze - Bangu, 1-0; ABC - Fluminense, 1-2; Cruzeiro - Brasil, 4-0; São Paulo - Tuna Luso, 3-1; CRB - Atlético MG, 1-2; Catuense - Curitiba, 0-2; Goiás - Operário MS, 2-1; Brasília - Palmeiras, 1-3; e Auto Sport - Portuguesa, 3-2.

Máximos

400 metros

O norte-americano Tony McKay estabeleceu um novo máximo mundial dos 400 metros planos em pista coberta, ao conseguir o tempo de 45,79 segundos.

A nova melhor marca mundial foi obtida durante um encontro de equipas das universidades da Georgia, Mississippi, Florida e Ala-

bama. O anterior recorde do mundo na distância pertencia ao alemão federal Hartmut Weber, desde 1981.

A melhor marca mundial dos 400 metros planos ao ar livre é das mais antigas actualmente e encontra-se em poder do norte-americano Lee Evans (43,86 segundos) desde 18 de Outubro de 1968.



A equipa de ciclismo (seniores B) que vai competir com as cores do Bombarreense/Agrifull foi apresentada à imprensa. Treinada por Afonso Henriques é constituída por Célio Marques, Nuno Simão, Vítor Paulo, José Jorge, Carlos Nunes, Fernando Aguiar, Américo Silva e Carlos Preença

Placard

Hóquei nacional

Resultados dos encontros em atraso, a contar para a 17.ª jornada do campeonato nacional de hóquei em patins: Sporting-Benfica, 7-1 e Porto - Sanjoanense, 5-1. Classificação: 1.º Porto, 50 pontos; 2.º Sporting, 47; 3.º Juventude de Viana, 41; 4.º Belenenses, 40; 5.º Sanjoanense, 40; 6.º Benfica, 38; 7.º Oliveirense, 34; 8.º Sesimbra, 33; 9.º Paço de Arcos, 32; 10.º Académica da Amadora, 31; 11.º Sporting Tomar, 31; 12.º Oeiras, 30; 13.º Famalicense, 29; 14.º Carvalhos, 25; 15.º Parede, 22 e 16.º Alenquer, 21.

Barreirense: assembleia

Realizou-se a assembleia geral dos associados do Barreirense, que teve na presidência Manuel Monteiro Crespo. O acto, que decorreu no ginásio sede da colectividade do «D. Manuel de Melo», foi muito concorrido e proporcionou acesa discussão em torno do relatório da gerência transacta, após o que foram eleitos os novos presidentes: dr. José Duarte Farajão Aires Pereira (Assembleia Geral), Fernando Nunes da Silva Cardoso (Direcção) e Henrique Rodrigues José (Conselho Consultivo e de Contas).

Sport- Society

Gama «maestro»

A British Leyland apresenta hoje a gama «Maestro», no decorrer de um «cocktail» que se processa, pelas 18 e 30, no Hotel Ritz.

Lancia-Martini

Markku Alen, Attilio Bettega e

Esgrima: títulos

José Bandeira (em Florete), Pedro Faria (Espada) e Quitéria Barbosa (Florete) foram os vencedores do Torneio Nacional de Esgrima, realizado em Lisboa, nas salas do ACM e CDUL. Outros resultados técnicos em Sabre: João Marquilhas (seniores), Jorge Rodrigues (juvenis) e Vítor Capela (juniores). Nos dias 18 e 19 do corrente realizam-se nas Açoteias (Algarve) os Campeonatos Nacionais de Espada, Sabre e Florete, femininos.

Hipismo: ralde

João Paulo Potes (montando «Paxá») e Armando João Moura (em «Almirante») foram os vencedores das duas provas do «Raide Hípico Cidade de Évora-84». Na 1.ª prova, de velocidade livre, na distância de 140 quilómetros (repartidos por três etapas) a classificação dos primeiros foi a seguinte: 1.º Armando João Moura (montando «Almirante»); 2.º Maria Luísa Maurício («Ginjinha») e 3.º Zina Maria da Silva Oliveira («Trovão»). A 2.ª prova, de velocidade controlada (na distância de 45 quilómetros) forneceu os seguintes resultados: 1.º João Paulo Potes («Paxá»); 2.º João Barreto Mexia d'Almeida («Bolinha») e 3.º Francisco José Lança («Pincel»).

PROGNOSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 9 DE 4 DE MARÇO DE 1984

Clube do Ar: 122 111 111 2112; Rádio Totobola: 122 1XX XX2 1122; O Distrito de Setúbal: 122 1XX 211 112X; O Diário: 1X2 1X2 1X1 21X2; Correio de Coimbra: 1X2 1X1 1X2 1122; Correio do Vouga: 122 111 1XX 1122; Defesa de Espinho: 1X1 1XX 12X 1122; Diário de Lisboa: 1XX 111 112 1XX; Diário do Porto: 1X2 112 1 21X2; Ecos do Cacia: 12X 1 12 XX22; Estrela da Manhã: 1X2 111 12X 2122; Eu Sei Tudo: 1X2 11X 1XX 2122; Folha do Domingo: 1X2 1X1 11X 21X2; Gazeta das Caldas: 1XX 1X1 1XX 1X22; Jornal da Beira: 1X2 1X1 11X 2122; Jornal do Fundão: 112 1X1 1XX 2X22; O Jornal da Lixa: 112 1X1 11X 21X2; Jornal de Santo Tirso: 12X 11X 112 1X22; Jornal de Sintra: 122 11X 1X1 1X22; Jornal Linhas de Elvas: 112 111 11X 11X2; Manchete Desportiva: 111 11X 1X1 1122; Maria da Fonte: 122 111 112 2122; Notícias do Douro: 122 1X2 1X1 1X2X; Notícias de Felgueiras: 1X2 1X1 XXX 1X1X2; Notícias de Guimarães: 112 1XX 11X 2X22; Penalti: 111 1X1 211 1X12; O Algarve: 1XX

1X2 X21 2122; Rádio Alitude: 1X2 1X1 1X2 2XXX; Reconquista: 11X 111 111 2222; Ritmo e Amizade: 122 11X 111 1X21; RDP/Secção Desportiva: 12X 11X 12X 1X1X2; Jornal «A Voz das Beiras»: 1X2 111 1X1 1X22; Voz de Lamego: 122 11X 111 2X22; RDP/Tempo de Desporto: 122 1X1 11X 1122; Música e Não Só: 1XX 1XX 122 2X21; O Mensageiro: 1X1 111 1X2 1X21; RDP/Ponto de Encontro: 12X 1X2 XXX 12X2; O Jornal de Amarante: 1XX 11X 1XX 2122; RDP/Reportagens Exteriores: 122 111 1XX 2212; RDP/Clube da Manhã: 1X2 12X 11X 2122; RDP/Manhã Manhã: 1X2 11X 1X1 1X1X2; RDP/Programa da Manhã: 12X 11X 112 11X1; O País: 1XX 111 112 2XX2; Ontapê de Canto: 122 1X1 112 212X; Gazeta de Felgueiras: 122 111 11X 1X1X; A Comarca de Arganil: 122 111 1XX 2122; Diário de Coimbra: 1X2 1X1 1XX 1X1X; Notícias de Chaves: 1X2 1XX 11X 1X1X2; Jornal a Defesa: 1X2 1XX 112 2X22; Notícias do Douro: 122 1X2 1X1 1X1X2; Notícias de Gouveia: 1X2 1XX 1X21

2122; RDP/Centro-Desporto em Análise: 1X2 111 11X 2122; Jornal a Voz de Palmela: 1XX 112 2XX 2X11; Jornal do Sul: 1X2 111 1X2 XX2X; A Voz do Domingo: 1X2 111 112 112X; Rodapé: 112 1XX 2X1 2212; Reporter do Marão: 1X2 111 1X1 1X1X2; Notícias de Évora: 1X2 111 11X 1X1X; O Emigrante: 1XX 1XX 1X1 21X2; Alvo Desportivo: 112 111 111 1111; O Comércio de Leixões: 112 1X1 1X1 2XX2; Jornal de Gaia: 1XX 1XX 1X2 XX22; Jornal da Graça: 122 12X 11X 2122; Estúdio 64: 122 112 11X 212X; Jornal de Notícias: 12X 1X1 11X 21X2; O Primeiro de Janeiro: 1X2 111 111 XX2X; Quadrante Norte: 122 111 11X 1X22; Rádio Alvo: 122 111 111 1111; Rádio Placard: 111 111 111 1111; Rádio Sports: 122 111 111 2112; Repórter do Dia: 122 1X1 11X 1X22; Resenha Desportiva: 12X 111 11X 1X1X; A Voz dos Rídiculos: 1X1 1X1 111 1X1X; Jornal Voz do Ave: 1X2 11X 111 11X2; Alvo: 122 1X1 1X1 12XX; A Ordem: 1X2 11X 112 2122; Alvo Suplemento: 1X2 11X 1X1 1XX2

assim vai o

totobola

	X	1	2	3	4	5
1.º CLUBE DO AR	17					
2.º RÁDIO TOTOBOLA	11	17				
3.º O DIÁRIO	6	17				
4.º CORREIO DE COIMBRA	75	2	1	1	1	1
5.º CORREIO DO VOUGA	42	33	2	7	4	1
6.º DEFESA DE ESPINHO	43	26	4	7	4	1
7.º DIÁRIO DE LISBOA	60	19	4		2	1
8.º DIÁRIO DO PORTO	64	26	7	7		1
9.º ECOS DO CACIA	17	34	14			
10.º ESTRELA DA MANHÃ	10	22	35			
11.º EU SEI TUDO	3	14				
12.º FOLHA DO DOMINGO	10					
13.º GAZETA DAS CALDAS	2	7				
14.º JORNAL DA BEIRA						
15.º JORNAL DO FUNDÃO						
16.º JORNAL DA LIXA						
17.º JORNAL DE SANTO TIRSO						
18.º JORNAL DE SINTRA						
19.º LINHAS DE ELVAS						
20.º MANCHETE DESPORTIVA						
21.º MARIA DA FONTE						
22.º NOTÍCIAS DO DOURO						
23.º NOTÍCIAS DE FELGUEIRAS						
24.º NOTÍCIAS DE GUIMARÃES						
25.º PENALTI						
26.º O ALGARVE						

DESPORTO

ponta esquerda

Andebol: juvenil agride árbitro

Incrível: José Guerreiro Ferreira (guarda-redes juvenil do Liceu Passos Manuel) agrediu o árbitro José Silva, no decorrer do encontro da turma liceal com o Sporting. Julgado sumariamente (no Palácio de Justiça) o caso transitou agora para a Polícia Judiciária.

Sacavenense: "chicotada"

Outro treinador dispensado devido aos insucessos do "team" que dirigia: Orlando Moreira deixou o Sacavenense.

Boavista: castigo levantado

Castigo anulado: ficou sem efeito a interdição por seis jogos que a Federação de Futebol aplicara ao Boavista, na sequência do relatório elaborado por Alder Dante após o jogo Boavista-Portimonense, para a Taça.

Árbitro: irradiação

muda para suspensão

O Conselho Jurisdicional da Associação de Futebol do Porto reduziu para um ano de suspensão a pena de irradiação que havia sido imposta ao árbitro Manuel Gonçalves Martins, na sequência de uma denúncia feita pelo Coimbrões sobre um alegado caso de corrupção, oportunamente notiado pelo "DL". Com base em declarações escritas dos dois auxiliares de Manuel Gonçalves Martins, o Sporting de Coimbrões acusou aquele árbitro de ter cedido a pressões do Trofense, visando a manutenção desta equipa na 1.ª divisão distrital. O caso de suborno ter-se-ia verificado na véspera do jogo Trofense-Gondomar, que foi ganho pela equipa da casa pela margem de 3-0. O jogo decisivo e que meteu festa, à qual se associou o árbitro da partida. Manuel Gonçalves Martins declarou, entretanto, que não ficou conformado com a redução e que, por isso, irá recorrer ainda para o Conselho Superior de Justiça da FPF, pois terá de provar a sua inocência e accionar os mecanismos para punir «Os difamadores».

Belenenses-Barreirense: esclarecimento "azul"

Comunicado público do Belenenses: «A direcção do Clube de Futebol «Os Belenenses» reuniu para analisar as notícias dadas por alguns jornais sobre os «incidentes» ocorridos no Estádio do Restelo, depois do jogo de domingo com o Futebol Clube Barreirense, relativamente às quais deliberou difundir o seguinte comunicado:

«1 — Dada a justa indignação motivada pela actuação parcial do árbitro Santos Ruivo no jogo da 1.ª volta Barreirense - CF «Os Belenenses», a qual poderia eventualmente originar um clima de certo nervosismo por ocasião do jogo no Estádio do Restelo, foi solicitada à PSP, a título preventivo, especial atenção na montagem do policiamento, ao que esta correspondeu através de reforço dos efectivos destacados para o efeito.

«2 — O jogo foi igualmente correcto, não obstante algumas atitudes a destoarem do jogador Lima e, no final, houve em desaguiado entre jogadores das duas equipas, em razão da atitude provocatória de um jogador do Barreirense, à entrada do túnel para as cabanas, a qual foi presenciada pelo público que abandonava as bancadas.

«3 — A fim de prevenir as consequências de eventuais incidentes os dirigentes do Clube de Futebol «Os Belenenses» pediram ao Comando da força policial para tomar as medidas adequadas e aconselharam a reentrada do autocarro do Barreirense após o que se dirigiram às cabanas e passaram a acompanhar pessoalmente, os dirigentes e jogadores do Futebol Clube Barreirense. Repudiaram-se, pois (frontalmente) as afirmações de um tal sr. Góis publicadas pela Imprensa, as quais não podem (certamente) traduzir a posição do seu clube, e aconselha-se esse sr. a passar a ponderar as suas declarações, tendo o cuidado de verificar previamente se os factos que refere correspondem ou não à realidade. Um clube com o prestígio e tradições como as do Futebol Clube Barreirense bem merecia ser melhor representado.

«4 — Saliem-se, por fim, que os ditos incidentes não passaram de burburinho, sendo certo que saíram do Estádio sem qualquer escória e sem serem molestados, não só o árbitro e seus auxiliares, como os jogadores do Futebol Clube Barreirense, Luis Horta, Neno e outros. Apenas um jovem atleta do Clube de Futebol «Os Belenenses» caiu acidentalmente de um muro, tendo sofrido contusão, felizmente sem a gravidade que a princípio se julgou ter.»

Olimpismo custa caro

As quatro medalhas conquistadas pela RFA nos Jogos Olímpicos de Inverno, que terminaram domingo, em Sarajevo (Jugoslávia) custaram à respectiva federação seis milhões de marcos (cerca de 300 mil contos). Este montante corresponde aos gastos que a Federação Alemã de Desportos de Inverno teve que suportar com a concentração e preparação dos diversos atletas que se deslocaram à Jugoslávia. Helmut Meyer (director da Comissão Federal de Desportos de Competição) declarou que o seu país pertence ao grupo de perdedores nestes 14.ºs Jogos, nos quais a actuação da Alemanha Federal foi a mais decepcionante de todos os tempos.

Luto no ciclismo

O seleccionador nacional espanhol de ciclismo de pista Horténsio Bidaurreta Garcia (de 56 anos) morreu vítima de um acidente de viação ocorrido próximo de Renteria, na provincia basca de Guipuzcoa. Orténsio Bidaurreta, que se dirigia de Irun para San Sebastian na sua viatura, perdeu o controlo do veículo, que foi embater contra uma árvore, provocando-lhe a morte. Seleccionador desde há cinco anos, Horténsio Bidaurreta foi um dos bons ciclistas nos tempos de Federico Bahamontes e de Jesus Loroño.

José Rafael e Filipovic contratados pelo Boavista

O farenses José Rafael e o benfiquista Filipovic rubricaram já contratos-promessa com o Boavista, com validade pelas duas próximas temporadas. A notícia é dada no nosso prezado colega «A Bola» (em reportagem do jornalista Alfredo Barbosa) que acrescenta estar igualmente comprometido com os axadrezados uma outra figura de um «grande» lisboeta, enquanto Valentim Loureiro continua a acreditar na possibilidade de recrutar Chalana.

Mão dura da justiça federativa:

Filipovic (por expulsão no encontro com o Estoril) e Jorge Gomes, do Sporting de Braga (pelo jogo das Antas) foram os jogadores mais fustamente punidos na reunião de ontem do Conselho de Disciplina da FPF, sendo castigados com três jogos cada.

No que respeita aos encontros da 18.ª jornada da 1.ª Divisão, foram ainda suspenso, com um jogo, David Byrne e Garcês (Estoril) e Bento (Benfica).

Relativamente à jornada do último domingo, foram punidos com um jogo: Pedroto (Portimonense), Jorge Silva (Boavista), Pinto da Rocha (Espinho), Frasco e Lima Pereira (FC Porto), Alexandre Alhinho e José Luis (Farense), José Pedro, David Byrne e Vieira (Estoril), Pires (Rio Ave), Torres (Varzim), Nascimento (Setúbal), Jorinho (Salgueiros) e Mário Jorge (Sporting). Foi mandado instaurar um processo de inquérito ao Águada, sendo já multado em 15 mil escudos, enquanto o Sporting de Espinho foi penalizado em 12 contos. O Conselho de Disciplina da FPF aplicou, também, um mês de suspensão ao técnico-adjunto do FC Porto, o professor João Mota.

Recorda-se que o dianteiro benfiquista Filipovic, segundo pública declaração, chamou «pa-

lhaço» ao árbitro do jogo com o Estoril: o juiz lisboeta António Ferreira, que expulsou o jugoslavo.

Festas deixou Alvalade

Terminou o contencioso Festas-Sporting: o jogador já deixou Alvalade, estando livre para assumir compromisso na próxima época.

Salgueiros: treinador

António Jesus é o novo treinador da equipa de futebol do Salgueiros, ocupando o cargo anteriormente desempenhado por Octávio Machado e, nas últimas duas semanas, pelo guarda-redes Fidalgo.

Na época passada, António Jesus conduziu o Tirsense da 3.ª à 2.ª divisão e, na presente temporada, já dirigiu o Felgueiras. O presidente salgueirista eng.º Cruz Mesquita, afirma que o nome de Jesus surgiu, por consenso de todo o seu elenco directivo de uma vasta lista, da qual fazia parte Mário Lino, que não aceitou o convite feito pelo clube logo que Octávio pediu a demissão.

Borota em Inglaterra

O guarda-redes jugoslavo Borota (Boavista) encontra-se em Inglaterra por 10 dias, para prestar provas no Newcastle da 2.ª Divisão inglesa.

O jogador deslocou-se àquele país com conhecimento do presidente do clube do Bessa, bem como do treinador Henrique Ca-

listo, devendo regressar ao Porto em meados da próxima semana, depois do jogo Liverpool-Benfica, a que Borota assistirá.

Setúbal no Kuwait

Ontem, o Vitória de Setúbal jogou em Al-Kuwait, com a selecção C do Kuwait. Resultado: 0-0. A turma sadina regressa hoje ao nosso país e segue directamente para o Norte, com vista ao encontro com o Boavista, no Bessa.

Petrodólares são tentação

Depois do Vitória de Setúbal, mais clubes estão preparando digressões ao Kuwait: o Sporting de Braga joga por lá de 19 a 21 do corrente (embolsando 2500) enquanto o Benfica pediu 5400 contos por cada espectáculo.

Reservas lisboetas

Empate sem golos foi o desfecho do jogo disputado ontem, no campo n.º 3 do Estádio da Luz, entre o Benfica e o Sporting, a contar para o torneio de reservas da AFL. Sob a direcção do árbitro lisboeta Valdemar Porto, alinharam:

Benfica: Delgado; Pedro Miguel I, Carlos Pereira, Bastos Lopes II e Ventura; Mendes, Hernâni e Pietra (Mesquita, aos 74 m); Gilmar, Ciro e Jorge Marques.

Sporting: Melo; Eugénio, Kikas, Ferrinho (Leopoldo, na 2.ª parte) e Boskovic; Morato, Carlos Xavier, Janson (Quaresma, aos 34 m) e Araújo; Rodger Wilde e Fernando Cruz.

Cartão amarelo a Kikas (57 m) e Fernando Cruz (80 m).

Outro jogo: Estrela da Amadora, 1-Torriense, 0. Hoje processam-se mais encontros: Estoril-Belenenses (15 e 30) e Odivelas-Sacavenense (21).

Salta? Não salta? É a festa do futebol: o golo. (Foto Bruno Neves)

Sporting: Melo; Eugénio, Kikas, Ferrinho (Leopoldo, na 2.ª parte) e Boskovic; Morato, Carlos Xavier, Janson (Quaresma, aos 34 m) e Araújo; Rodger Wilde e Fernando Cruz.

Cartão amarelo a Kikas (57 m) e Fernando Cruz (80 m).

Outro jogo: Estrela da Amadora, 1-Torriense, 0. Hoje processam-se mais encontros: Estoril-Belenenses (15 e 30) e Odivelas-Sacavenense (21).

Desporto: mitos e símbolos

A propósito do livro desportivo

Manuel Sérgio

Houve tempo em que tudo se esperou do conhecimento científico. Renan, no século passado, sentia um deleite enorme em envolver os deuses mortos num lençol de púrpura, para proclamar, em seguida, o valor de uma civilização pela razão inversa do seu fervor religioso. O enternecido e erudito vigário de Nossa Senhora da Razão (assim chamava o nosso Eça ao Ernesto Renan) estava convicto que as ciências bastavam ao Homem, para lhe satisfazer as suas aspirações mais profundas.

Não é assim, como se sabe. Os limites da ciência constituem, no fim de contas, a afirmação implícita de que, no Homem, nem tudo é científico. A filosofia ou a religião dão respostas de ordem diferente, como diria Pascal, às necessidades mais autênticas da humanidade. E de ordem diferente... porque necessárias! Isto não quer dizer que possamos prescindir do conhecimento científico. Sem ele, não há método, não há desenvolvimento, não há exactidão e rigor.

As actividades corporais (o treino, a dança, a ginástica, o jogo e o desporto) não seriam o que são hoje, sem a revolução epistemológica do século XVII, sem as conquistas da biologia, mormente a partir do século XIX, e sem os novos critérios propostos pela psicologia pós-freudiana. As ciências, sem constituírem o único e todo o conhecimento, fundam o saber indispensável à descrição racional dos vários aspectos da realidade e à sua transformação. Também a ciência da motricidade humana, onde o desporto se integra, é condição de progresso desportivo. Mas não se queda por aqui: ao concorrer ao progresso desportivo, pela razão mesma desse progresso, permite um melhor conhecimento do Homem.

Revelador da nebulosidade, em que o espírito do salazarismo desgarrado, neste campo, as décadas dos anos 30 e 40 marcaram um dos períodos mais negros da história do nosso desporto. Reduzida a zero a autonomia da pessoa humana, a única realidade que permanece é a Nação que se identifica com o Estado e cujo poderio e prestígio devem prevalecer sobre qualquer outra preocupação. Salazar e seus turiferários procediam directamente do «integralismo lusitano» e manifestavam, por isso, um desprezo ostensivo pelas actividades corporais. E assim, o dr. António Leal de Oliveira, autor do «Manual de Ginástica», obra de sério valor científico, teve contra si a desconfiança do Estado Novo; Cândido de Oliveira foi sujeito a índices expurgatórios (o meu Amigo Acácio Rosa é disso testemunha fidedigna e honestíssima); José Esteves sofreu, ao publicar «O Desporto e as Estruturas Sociais», da antipatia insopitável do «Santo Ofício» salazarista.

A propósito do livro desportivo em Portugal, muito há a dizer sobre a luta da razão contra o dogmatismo, do movimento contra a esclerosação, da ciência contra a inciência agressiva e atrevida. Pasteur aconselhava o sábio a pendurar à porta do laboratório, antes de entrar, as suas crenças religiosas e políticas. Porque a ciência há-de ser objectiva, desinteressada e impessoal, universal. A obsessão delirante dos que vêem no desporto um terreno, onde tudo é permitido, há-de soçobrar, por fim. É que o desporto é ciência e tem homens de ciência que o não deixam atolar no lodo do oportunismo, nem atrelar ao carro vencedor de um César qualquer...

MICROSEPIO

Golfe: Torneio Pró-AM

Henrique Paulino cotou-se como melhor profissional do primeiro Torneio Pró-AM de Golfe de Espinho (que se desenrolou no Oporto Golf Club) ao totalizar 71 pancadas, duas acima do par do campo. Arrecadou, por isso, 25 contos, a que juntou mais 30, o que significa 85 contos em dois dias, pois ganhara antes 30 no circuito. Classificação dos primeiros cinco no Pró-AM, disputado por 20 profissionais e 42 amadores: 1.º Frederico Bonno - João Sousa, 63 pancadas; 2.º António Feliciano - Henrique Paulino, 63; 3.º Marika Manuel C. Bstó - Joaquim Rodrigues, 64; 4.º José Chaves - Henrique Paulino, 64; 5.º Mario Brandão - Henrique Paulino, 64. João de Sousa (30 contos) e Joaquim Rodrigues (15) juntaram-se a Henrique Paulino nos profissionais que conquistaram prémios em dinheiro.

Halterofilia lisboeta

O Luso do Barreiro (com sete títulos) dominou os Regionais de Halterofilia da Zona Sul (juvenis, juniores e seniores) que se disputaram no ginásio do União Piedense. Vencedores juvenis na categoria de 52 quilos: Carlos Luis (Luso), 122,5 quilos; 60: Luis Vilela (Luso), 162,5; 67,5: Paulo Frade (Luso), 197,5; 82,5: Ildo de Sousa (Luso), 145; Juniores: 52: António Gonçalves (U. Piedense), 145 quilos; 60: Paulo Duarte (Luso), 185; seniores: 52: Alberto Marques (Luso), 162,5; 56: Mário Miranda (Ginásio da Baixa da Banheira), 145; 60: João Novelo (Ginásio da Baixa da Banheira), 205; 67,5: João Teles (Luso), 230; 75: António Figueiredo (Piedense), 215. Participaram nos campeonatos 19 levantadores do União Piedense, Luso do Barreiro e Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira.

Meia-Maratona: Entre Rios-Penafiel

Vicente Fonseca (de Unhais da Serra, Covilhã), venceu a meia maratona Entre Rios-Penafiel, que reuniu 285 atletas trabalhadores de vários pontos de Portugal, filiados no Inatel. O vencedor cobriu os 21 quilómetros do percurso em uma hora sete minutos e 57 segundos o 2.º classificado, (Francisco Ribeiro, individual, de Lisboa) gastou uma hora oito minutos e seis segundos e o 3.º (Vitor Silva, da Salvador Caetano, Porto) fez uma hora oito minutos e quinze segundos. A 1.ª atleta feminina foi Fátima Gonçalves, do Bonjoia (Porto), que gastou uma hora 28 minutos e 56 segundos, Alberto Rocha (Guimarães) ganhou em populares, com uma hora 14 minutos e 55 segundos e Valdimiro Raposo (individual de Lisboa) foi o melhor em veteranos, com uma hora doze minutos e 57 segundos. O triunfo absoluto por equipas pertenceu ao Bonjoia (Porto), seguido do Sindicato dos Metalúrgicos (Porto), e da Casa do Povo de Maxial (Torres Vedras).

Atletismo madeirense

Francisco Viveiros (SPIROC) venceu (no Funchal) o «circuito da Ribeira Brava» com o tempo de 10'27" para os quatro quilómetros de percurso. Na 2.ª posição classificou-se Humberto Rodrigues (SPIROC) e na 3.ª Paulo Carreira (Marítimo), que gastaram (respectivamente), 10 m 32 s e 10 m 33 s. Por equipas venceu a SPIROC, seguida do Marítimo. A prova, organizada pela Associação de Desportos da Madeira, teve a participação de 27 concorrentes.

Uma aventura de Valerian... e Laureline

METRO CHATELET, DIRECÇÃO CASSIOPEIA

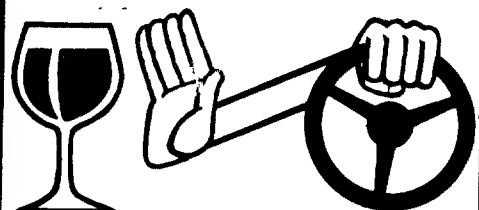
Mezieres
Christin

18



Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Se conduzir
não beba

Advogados e oficiais no lançamento de livro sobre a morte do cadete Manuel Cabrita

Na Casa do Alentejo foi anteontem à noite lançado o livro «Estranha Morte do Cadete Cabrita», da autoria do pai da vítima Manuel Cabrita Charneca, tendo a sessão servido de pretexto para um debate sobre a Justiça Militar e sobre a violência no interior dos quartéis, no Portugal pós-25 de Novembro. A morte do cadete Cabrita, recém-formado em Engenharia, ocorreu em circunstâncias ainda nebulosas, em 10 de Setembro de 1981, apenas 23 dias após ter começado a recruta na Escola Prática de Artilharia em Vendas Novas.

A sessão foi iniciada com uma intervenção do nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo

que, na qualidade de um dos jornalistas cujos artigos o autor transcreveu na sua obra, considerou a publicação do livro «como um acto de coragem numa área, a das mortes em exercícios militares ou deles decorrentes, quase sempre pautadas pelo silêncio medroso ou cúmplice dos familiares das vítimas». Depois os actores Mário Pereira e Rogério Paulo leram uma entrevista inserida no livro, bem como dois poemas de Manuel Cabrita Charneca.

Seguiu-se o debate em que intervieram os drs. António Goucha Soares, Abranches Ferrão, Alcina Bastos, os coronéis Carlos Vilhena e Varela Gomes e o major Tomé.

Mário Tomé diria que «nos quartéis do pós-25 de Abril e antes do 25 de Novembro a morte do cadete Cabrita não teria sido possível». Goucha Soares, um dos advogados que analisou o processo do cadete Cabrita, afirmaria que a questão deveria ser tratada inicialmente nos tribunais civis, com uma queixa-crime, mas para isso tornam-se necessários os depoimentos de antigos camaradas de pelotão do cadete Cabrita. Abranches Ferrão, referindo-se à sua participação no julgamento dos assassinos do general Delgado, diria que até ao final da sua carreira «nunca mais poria os pés nos tribunais militares», dada a experiência que foi a sua passagem por Santa Clara.

Se os jovens
pudessem...ALBERTO SILVA
17 anos estudante“Não tenho
vocação
para mandar”

- A escola, vai bem?
- Vai. Alguns programas, são péssimos...
- Em que área está mais à vontade?
- Sou mais fraco em Ciências e melhor em Letras.
- O que gostaria de fazer no futuro?
- Jornalismo...
- Porquê?
- É do que eu gosto. A Comunicação Social fascina-me.
- E acha que vai ser fácil realizar essa ambição?
- Parece-me que não.
- Qual é a sua opinião sobre esta onda de assaltos registados nos últimos dias?
- É mau. Penso que é uma consequência da situação a que a sociedade chegou.
- Quais seriam as suas soluções para o problema?
- Acho que é muito difícil responder. Se houvesse mais empregos, mais dinheiro e outras condições de vida, talvez toda a gente se entendesse melhor.
- Reforçar a repressão policial é solução?
- Repressão é que não. Trata-se de um problema de fundo, estrutural, e isso não dá nada...
- Como tenciona passar o seu Carnaval?
- Eu queria divertir-me...
- E o que o impede disso?
- Eu sei lá... Não tenho ideia nenhuma... Talvez vá a uma festa qualquer...
- Mas para isso é preciso olhar para o calendário?
- Claro que não! Em qualquer altura do ano é bom. Mas o Carnaval é um tanto ou quanto especial. Há um divertimento maior...
- Quando as pessoas se mascaram, é por desejarem ser outras?
- Às vezes, é possível. Mas acho que na maior parte dos casos é só por gozo.
- E você, já desejou ser outro?
- Não sei...
- Vive em casa própria?
- Não, vivo com os meus pais. Ainda é cedo para pensar nisso.
- Porquê?
- Em primeiro lugar, porque não tenho meios de me sustentar. Depois, porque ainda sou novo.
- Espera vir a casar?
- Não sei.
- Mas é um passo necessário?
- Penso que quando duas pessoas gostam uma da outra, não precisam de assinar papéis ou ir à Igreja, para viverem juntas.
- Se o convidassem para o Governo, qual seria a sua primeira medida?
- Não me sinto com vocação para mandar. E só depois de lá estar é que poderia ver o que haveria a fazer.

C.P.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

César custa a morrer

Há sempre alguém depois de alguém, alguém que é mais alguém do que o alguém anterior. Vá lá alguém compreender estas coisas...

Pensava eu — oh santa ingenuidade! — que o Viana Baptista esticava no máximo o dedo indicador. Mas já estaria na forja um chamado Anselmo Rodrigues, o qual veio ontem clamar, não contra a greve, evidentemente, porque clamar contra a greve não é... como hei-de dizer... não é «democrático». Veio clamar contra os trabalhadores que fazem greve.

Exercício de alarme. A se-reia do medo. A ameaça não já velada, indiciada, pudica — mas directa. Com base em quê? Com base em panfletos anónimos...

Entre as várias coisas que disse, uma houve que vez muito mal em dizer. Disse que as greves pretendiam derrubar o Governo.

Fez mal, tendo em conta os interesses do próprio Governo. Anselmo é amigo da onça. Porque depois de saberem isso, é natural que a adesão à greve seja muito maior.

Era aquilo a reportagem?

Antes de ontem, o Telejornal deu a notícia do assalto ao banco em Vilamoura. Referiu-se a uma reportagem

feita no local. Pois bem: a reportagem só ontem foi para o ar...

Mesmo atendendo à distância a que fica o Algarve (aliás, todas as partes do país ficam excessivamente longe do Telejornal) a demora, por excessiva, causa estranheza. Tem-se por adquirido que a imprensa é um **media** mais lento do que a Televisão. Pois o **Telejornal** apostou em desmentir o conceito...

O mais intrigante de tudo é que a deslocação do repórter a Vilamoura se mostrou totalmente desnecessária. Quer dizer: ele não fez nada mais do que aquilo que poderia ter feito sem sair da Redacção do Telejornal, em Lisboa. Não falou com ninguém, não obteve nenhuma informação prestantes — e mesmo aquilo que os companheiros do trabalhador assassinado disseram dele, foi apresentado em discurso directo. A identidade da vítima resumia-se nisto: era casado e deixa um filhinho.

Telejornal filtra as notícias com precauções excessivas. E ficam os espectadores na ambiguidade de desconhecer quem é que, com o seu silêncio, a RTP quer desfavorecer — ou ajudar...

Reflexão turística

Falava-se de turismo. Com

o repórter a mal enjorcar a contradição: por um lado, era de opinião de que os turistas que nos visitavam pertenciam ao tipo dos turistas pobres — e por outro lado, que estávamos em presença de um turismo de qualidade...

Lá que foram turistas por uma pá velha, isso foram, este ano: à volta de nove milhões de turistas, é obra!

Mas é mentira. Carlos Amorim, técnico de turismo, ouvido por Henrique Garcia, põe tudo no sã. Os nove milhões não foram de turistas, mas sim de entradas — ou seja, contando todos os que passam a fronteira e logo saem. Turistas propriamente ditos não terão atingido os quatro milhões. E as divisas que deixaram cá não chegaram ao valor mais alto já obtido.

Cita ainda o caso dos turistas americanos. Este ano, o número deles não chegou sequer a representar a metade dos turistas americanos — em 1972...

Convido desde já os meus leitores a uma reflexão sobre este caso. Puxem da cabeça, meninos, puxem da cabeça, não queiram que lhes façam sempre a papinha...

Avé, César!

«Pai Herói» morre. Mas devagar.

Carina Brandão reconhece agora que o seu amado espóso está inocente. «Como é que eu não percebi isso!» — exclama, com uma pancada na testa. Tontinha. Ela não percebeu isso porque não vê a telenovela desde o princípio. Estava tudo bem explicadinho.

O episódio de ontem mostrava-nos César (personagem representando por esse grande teleactor que é Carlos Zara) a ser alvo de quatro ameaças de morte. Certamente para evitarem o alongamento da telenovela é que não transmitiram o meu telefonema, que passo a transcrever:

EU — Avé, César!

CÉSAR — Avé, pilantra.

EU — Oiça aqui. Você tem quatro fulanos aí que querem lhe matar...

CÉSAR — Me estou nas tintas...

EU — Pois eu te digo que você se deve deixar matar e quanto antes por qualquer um ou por todos ao mesmo tempo. É melhor pra nós, porque acaba a Telenovela e é melhor pra você porque...

CÉSAR — Porque o quê?

EU — Porque se não, sou eu que lhe mato. Avé, César!

CÉSAR — Avé, salafrário! Tenham confiança, leitores. Agora vai.

A TV dia a dia

Carnaval é festa de doidos ou acto cultural?

Com o Carnaval à porta, «Devlin Connection» despede-se dos telespectadores. O último episódio é também o 13.º, protagonizado como de costume por Roch Hudson e Jack Scalia. No ar, no canal 1, a partir das 21.30 horas.

O que mais oferece o serão televisivo?

As 18.10, «Janela Mágica» insere durante 50 minutos as séries «Musti», «Aranhinho» e «Chapi, Capô». Depois, vem mais uma das «Histórias no Jardim», hoje dedicada às «Conversas dentro de um guarda-fatos».

Atenção, também, a «Res Pública», no ar às 19.30 horas. O programa, quase sempre interessante, é dedicado hoje ao conceito do Crato. Vejamos de que abordagem foram os seus autores capazes...

O «prato-forte» da noite é um «Panorama» coordenado, como habitualmente, por Pedro Luís de



Em «Panorama», o Carnaval em análise

Castro, inteiramente preenchido com «Carnaval: festa de doidos ou acto cultural?». Talvez, no final de contas, ele seja ambas as coisas. Mas difira a sua opinião para depois das 23.15, quando o programa tiver acabado.

No segundo canal, registre-se a exibição, a partir das 20 horas, do último dos «Passeios em Coimbra», dedicado à «Coimbra Setecentista».

Cidade pouco conhecida, não obstante o seu rico património,

Coimbra vai ser-nos revelada através da Biblioteca Joanina, verdadeiro emblema do barroco coimbrão. Depois, vai-nos ser apresentado o seminário maior, encerrando o programa com a evocação da reforma pombalina e uma visita aos grandes edifícios que Pombal fez construir: Museu de História Natural, Laboratório Químico, Jardim Botânico...

Vasco Granja oferece-nos às 20.25 horas «Filmes para Todos», seguindo-se cerca de meia hora mais tarde, a segunda parte de «Horowitz em Londres», na rubrica «... Da Música». Trata-se, como aqui se referiu na semana passada, de um concerto que Horowitz deu no Royal Festival Hall de Londres, e no qual serão interpretadas Cenas Infantis, de Schumann, a segunda sonata de Rachmaninoff e uma valsa de Chopin.

Alterações significativas no fim-de-semana

E chegamos ao fim-de-semana, que em matéria de novos programas, vai registar alterações e inovações significativas.

O programa juvenil abre a programação de sábado, por volta das 11 horas. Mas é depois de «Aventura é Aventura», que se manterá na nova «greja», que as notícias começam a ser «frescas».

«Buck Rogers», o conhecido personagem de ficção científica da banda desenhada, vai estar no pequeno ecrã, sob a forma de uma série filmica. As 18 horas, Gil Gerard (Buck Rogers), Pamela Hensley (princesa Ardala) e o robot Twiki, passarão a estar semanalmente entre nós.

Pelas 20.30, Mário Viegas vai dar-nos a conhecer os grandes poetas portugueses. «Kennedy», uma série norte-ameri-

cana sobre a vida do presidente do mesmo nome, com Martin Sheen no protagonista, preencherá o resto da noite. A série tem apenas três episódios, mas já foi encontrado o substituto: «The Jewel in the Crown», sobre os últimos anos do domínio britânico na Índia (15 episódios), e uma reconstituição da vida do compositor Giuseppe Verdi, em nove episódios, e que chegou a estar anunciada para o passado mês de Fevereiro.

O segundo canal continuará a inserir o programa desportivo «Troféu» e uma rubrica sobre teatro (Teatro para Sempre).

O documentário de David Attenborough, sobre a vida no planeta, que será estreado no canal 2 às quartas-feiras, voltará ao pequeno ecrã no primeiro canal, às 15 horas de domingo. O

programa de Júlio Isidro, «A Festa Continua», mantém-se até às 19 horas. Antes do Telejornal, uma nova série norte-americana: «The Dukes of Hazzard». Uma outra série, produzida pelo criador de «Os Marretas», Jim Henson, propõe-nos um mundo de fantasia e imaginação.

Mas uma das mais destacadas estreias é dada pela série «Marco Polo», superprodução italiana-americana-japonesa e

chinesa, rodada durante dois anos em três continentes e contando com a participação de cerca de 40 mil pessoas, entre actores e figurantes. Um monumento, segundo parece...

Para o segundo canal, «parente pobre» da RTP, a noite televisiva de domingo tem duas sugestões: continuação da série da «Família Bellamy» e o «Cine-clube».



DIA 9:

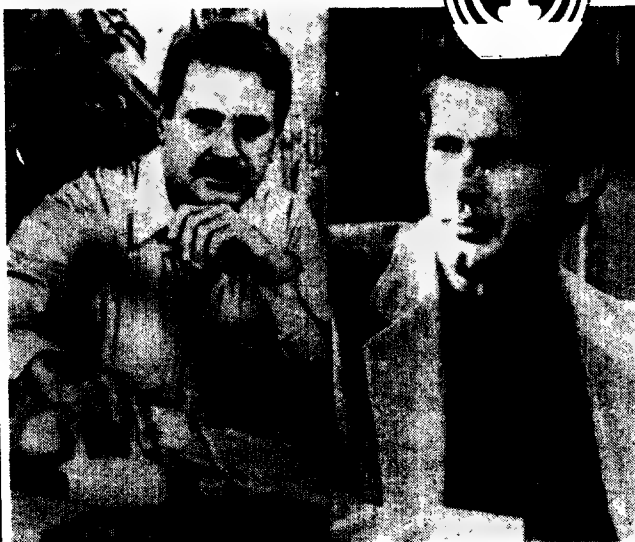
Lotaria da Primavera

4800\$00 = 60 MIL CONTOS

400\$00 = 5 MIL CONTOS

CASA VIOLA - A Sorte que «Toca»
LISBOA - BRAGA - S. JOÃO DO ESTORIL

Hoje



Terminam esta noite, na RTP-1, as exibições dos episódios da série policial «Devlin Connection»

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.02 Sumário

18.10 Janela Mágica

19.00 Teleregiões

19.30 Residência — Concelho do Crato.

20.00 Telejornal

20.30 Telenovela — «Pai Herói» (episódio n.º 173).

21.30 «Devlin Connection» — último episódio. Intérpretes: Rock Hudson e Jack Scalia.

22.20 Panorama — Carnaval, festa de doidos ou acto cultural.

23.15 Últimas Notícias



Passeios de Coimbra, tem esta noite o seu último programa na RTP-2



19.32 Desenhos Animados

20.00 Passeios em Coimbra — último programa.

20.25 Animação — Vasco Granja apresenta filmes para todos.

20.50 ... Da Música — Horowitz em Londres.

21.45 Telenovela — «Gabriela» (episódio n.º 100).

22.25 Último Jornal

Amanhã



12.00 Meio-Dia, 13.00: Jornal da Tarde, das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV; 18.00: Sumário; 18.10: Janela Mágica; 19.00: Teleregiões; 19.30: Curso de Inglês; 20.00: Telejornal; 20.30: «Pai Herói» — 174.º episódio; 21.15: Aplauso — com «Roaring Through The Twenties»; 22.20: Viva a Cultura ao Vivo; 23.00: Últimas Notícias.

19.30 Desenhos Animados. 20.00 Conheça Melhor; 20.30 Festival de Jazz-Cascais/83; 21.30: «Os Marquês da América»; 22.45 «Gabriela»; 23.15 Último Jornal.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Devlin Connection»
(21.30)



Horowitz em Londres
(20.50)



Carina fica revoltada com Hilário, dizendo que não lhes perdoa por não terem esclarecido tudo e entregue César à Polícia. Walkiria diz ao delegado que Helen caiu do barco e Horácio exhibe um documento que prova o estado mental dela. Gustavo manda providenciar o vestido de casamento e abraça muito emocionado Walkiria. André confessa a Ana que não está bem e que ele e Carina vivem em mundos opostos. André procura César e tenta justificar o que fez, acusando Carina de tê-lo tratado como um cachorro de estimação. André diz a Carina que vai dar-lhe a última chance e que depois da estreia do «balet» ela terá que largar tudo e ficar somente com ele, definitivamente. Nuno chega a casa de Ana, dizendo a Jenny que vai pedir oficialmente a sua mão em casamento.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Exposições

Continua patente ao público na **Galeria de Arte do Casino do Estoril** a colectiva a favor das vítimas das cheias de Cascais. Cerca de 400 trabalhos de pintura, desenho, gravura, cerâmica, tapeçaria e escultura estarão expostos nessa colectiva.

Laura Cesana e Gisella Santi continuam a expor trabalhos de pintura na sede do Instituto Italiano de Cultura em Portugal, à R. do Salitre, 146.

Continua patente ao público a exposição de **Leonel Moura**, intitulada «O Vento Sopra Onde Quer», no Espaço Inter-Média, à R. Tenente Raul Cascais, a S. Mamede.

O pintor **Barata Moura** apresenta no Salão do Palácio do Turismo de Sintra a sua exposição Portugal de Norte a Sul. Das 10 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

Continua patente na Sociedade de Geografia de Lisboa a

exposição **Vida e Obra de Bernardino Machado**. A exposição, com mais de 500 peças sobre a Primeira República e sobre a vida e a obra do seu último Presidente, fica agora patente numa instituição, a Sociedade de Geografia, de que Bernardino Machado foi sócio desde 1881 e seu presidente em 1910 e 1912.

É inaugurada esta noite, pelas 21.30 h, no Museu Distrital de Santarém, numa organização do núcleo daquela cidade da Associação de Amizade Portugal-URSS, em colaboração com a Associação de Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém, uma exposição subordinada ao tema **Protecção e Restauro de Monumentos na URSS**. A mostra conta com 70 apêns ilustrados e pode ser visitada das 15 às 22 horas.

Música

No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, o Coro e a

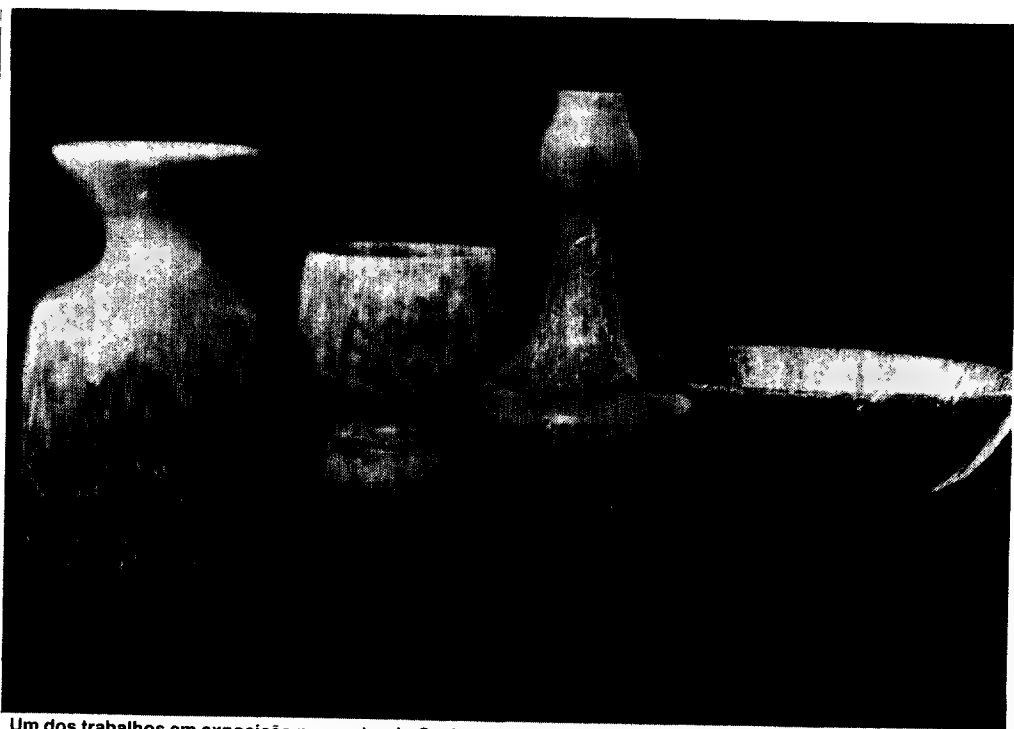
Orquestra Gulbenkian vão apresentar-se hoje pelas 21.30h, sob a direcção do maestro Gerard Oskamp, tendo como solistas Mário Falcão (harpa), Marina Ferreira (contralto), Carlos Guilherme (tenor), e António Wagner (barítono). O Coro e a Orquestra interpretarão obras de Mozart, de Debussy e de Mendelssohn. Com o mesmo programa, este concerto será repetido amanhã, sexta-feira, às 18.30 h.

No Auditório do Instituto Alemão a **Juventude Musical Portuguesa** realiza pelas 18.30 h mais um dos concertos da presente série. Carlos Franco e Maria Luísa Gama Santos, na flauta e piano, interpretarão obras de Handel, Bach, Schubert, Hindemith, Debussy e Frank Martin.

O som da Índia estará presente esta noite no B'Arte, à R. de S. Boaventura, 16, ao Bairro Alto, pela citara de **Swami Jayesh**.

Colóquio

A convite da Sociedade Portuguesa de Estudos do século XVIII, com o apoio da Cooperativa de Estudos e Documentação, Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Embaixada de França, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, Faculdade de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra e da Sociedade Portuguesa de Filosofia, **Jacques D'Hondt**, proferirá esta noite, pelas 21 horas, na Sociedade Portuguesa de Filosofia, uma palestra subordinada ao tema «Ce que Marx doit à Hegel». Amanhã, pelas 18 horas, na Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII o tema será «La Mort de L'Art».



Um dos trabalhos em exposição na mostra do Casino do Estoril

Teatro

«António Aleixo, Poeta do Povo», é o espectáculo que continua em cena no **TIL/Teatro Livre**, na R. Leão de Oliveira, n.º 1, junto ao Largo do Calvário. A peça tem música original de Filipe Trigo, sonoplastia de Clívio de Carvalho, luminotécnica de José Mendes, dramatização, direcção plástica e encenação de Ruy de Matos. A execução musical, com arranjos de Júlia Miguel e Tózi, é de Carlos Fernandez, Filipe Oliveira, Filipe Trigo, João Nuno Represas, Júlia Miguel e Tózi. Do elenco fazem parte Agosti-

nho Macedo, António Crispim, Carlos Hernandez, Carlos Macedo, Clemente Santos, Fernando Guerreiro, Henrique José, José Capela, Kim Cachopo, Maria João Vieira, Natália Teles, Paulo d'Almeida e Zita Esteves.

Cinema

Inicia-se hoje no AR.CO a nova programação dedicada ao **cinema francês** (1923-59), que se prolongará até 26 de Maio, com sessões às quintas, sextas e sábados. Da extensa programação destacam-se

obras importantes do cinema francês, assinadas por, entre outros, René Clément, Yves Allégret e Max Ophüls. A iniciar o ciclo é hoje exibido às 21.45 o filme de René Clair «Paris qui dort».

Cinencontros, no City Cine, exhibe esta noite, às 23.45 h **Voando Sobre um Ninho de Cucos**, de Milos Forman.

Roma, Cidade Aberta, de Roberto Rossellini, é esta noite exibido, pelas 21.30 h, nas Caldas da Rainha, numa iniciativa da Casa da Cultura, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.



Pintura de Gisella Santi

TURISBEL - Empresa Luso-Belga de Empreendimentos Turísticos, SARL

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral ordinária desta Sociedade para o próximo dia 16 de Março de 1984, pelas 9 horas, na Rua do Alecrim, 65 3.º andar, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalho:

- 1.º Discutir, aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal respeitante ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1983;
- 2.º Eleição dos Corpos Sociais para o biênio de 1984 a 1986;
- 3.º Deliberação sobre localização da sede social.

So poderão tomar parte nos trabalhos da assembleia geral os accionistas que, até oito dias antes da data designada nesta convocatória, depositem as acções de que são titulares num banco de Lisboa ou na sede da Empresa, salvo se desempenharem qualquer cargo nos órgãos de gestão da Empresa.

Se a hora do dia designado nesta convocatória não estiverem presentes accionistas que representem mais de metade do capital social devidamente documentados em condições de participar nos trabalhos das assembleias reunidas, em segunda convocatória no dia 31 de Março, pelas 10 horas, com qualquer número de accionistas presentes, seja qual for o capital que estes representem.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1984

O Presidente da Assembleia Geral

Gabriel José de Lemos Salta

Rua do Alecrim 65-3 1200 LISBOA - Portugal
Apartado 21005 Tel 326181/2/3/4

rádio

Antena Um

17.00. ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim - o espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite - Antena Um no Casino Estoril; 23.30: Último jornal. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Tratos e retratos; 17.40: Árias de óperas; 18.05: Música; 19.30: Música de todos os quadrantes; 20.10: Interpretes portugueses; 21.10: Solos de órgão, de Buxtehude; 22.00: Música de câmara; 23.00: Ciclo Wagner; 01.00: Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Mostra som; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 23.00: Desporto; 23.00 24 h hora. Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Tema com variações; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; 21.30: Pentagrama. Noticiários a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 974

HORIZONTAIS:

- 1 Inutilizar. Equipos.
- 2 Curas. De outro modo.
- 3 Vazios. Gálio (s.q.). Solitário.
- 4 Recolhidas em asilo.
- 5 Cidade da antiga Caldeia. Velhacões.
- 6 Aquele que
- 7 Sensação de fadiga considerável, por efeito de um esforço muscular.
- 8 Ratavam Matemática.
- 9 Ave pernalta. Erbio (s.q.).
- 10 Guardar segredo.
- 11 Pronome pessoal. Recusa. Também não.
- 12 Tempo do verbo ser. Sadias. Homem efeminado (Prov. minh).

VERTICAIS:

- 1 Campeão. Pronome relativo (inv.). Está reconhecido a.
- 2 Negativa. Alcool de melão. Pedras de moínho.
- 3 Morro da cidade do Rio de Janeiro. Freguesia do concelho de Coimbra.
- 4 Reino da Federação Indonésia. Punhado.
- 5 Igualmente. Cidade da Itália.
- 6 Lantânio (s.q.). Falhas.
- 7 Segurem.
- 8 Aéreo.
- 9 Medida itinerária do Japão. Átomo. Magnetizo.
- 10 Cidade de Itália. Cidade da Alemanha.
- 11 Sufixo que designa abundância. Pronome reflexo. Recrea.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9824

HORIZONTAIS:

- 1 Talhada. Adicionam.
- 2 Ave de rapina. Rouco.
- 3 Alcool de melão. Ofereces. Senhor em inglês.
- 4 Cadeia de montanhas graníticas. arborizadas, da Sibéria. Oriental. Aparência.
- 5 Lavrar. Trepara.
- 6 Anel. Cólera.
- 7 Membro de ave.
- 8 O mesmo que vimieiro. Senhora.
- 9 Tempo do verbo ir. Duna na Suécia. Pertences.
- 10 Cidade do Peru. Vais para fora.
- 11 Irmão de Moisés. Cidade de Itália.

VERTICAIS:

- 1 Realizaria. Cidade de Espanha.
- 2 Recuara. Menina (Bras).
- 3 Inclinar. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- 4 Caminhar. Atilho. Autores.
- 5 Compaixão. Camareira.
- 6 Domesticação. Título honorífico na Índia.
- 7 Estou. Preposição e artigo (pl.).
- 8 Ondas curtas. Ave pernalta do Novo Mundo. Apellido.
- 9 Ruína. Caminharas. Carta de jogar.
- 10 Despachara. Monarcas.
- 11 Interjeição designativa de reprovção, desagrado, ódio ou vingança. Transporta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 973

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM. Barata.
- 2 Ura. Mui.
- 3 Ia. Turrando.
- 4 ONU. Em. Or.
- 5 Tomar. Aas.
- 6 Bi. Asso.
- 7 Cerco. Sapa.
- 8 Talos. Sares.
- 9 Uva. Caiara.
- 10 Dosarias Di.
- 11 Os. Só. Mês.

VERTICAIS:

- 1 Quisto. TUDO.
- 2 Urano. Cavos.
- 3 Ea. Umbelas.
- 4 Airosas.
- 5 QUER. Cs. Ro.
- 6 Ao. Cl.
- 7 Aéreas. Saaz.
- 8 Amassais.
- 9 Ain. Soara.
- 10 TUDO. PERDE.
- 11 Amora. Asais.

Provérbio: Quem tudo quer tudo perde.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9823

HORIZONTAIS:

- 1 Ordem. Saras.
- 2 Coiro. Ataca.
- 3 Ará. Sem.
- 4 Sabá. Iara.
- 5 Oro. Vim. Sós.
- 6 Pisar.
- 7 Sagar. Ruína.
- 8 Asas. Moas.
- 9 Ias. Are. Dra.
- 10 Tas. Mía.
- 11 Amada. Arrua.

VERTICAIS:

- 1 Ocaso. Salda.
- 2 Ro. Arrasa.
- 3 Diabo. Gasta.
- 4 Erra. Pás. Ad.
- 5 Moa. Vir. Asa.
- 6 Vis. Pr.
- 7 Sás. Mar. Ema.
- 8 Atei. Rum. Ir.
- 9 Ramas. Iodar.
- 10 Ac. Rosnar.
- 11 Sacas. Asara.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (franco)	94\$50	100\$50
ALEMANHA FED. (m. i.)	49\$50	50\$50
AÚSTRIA (xelim)	6\$95	7\$15
BÉLGICA (franco)	2\$250	2\$450
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$110
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	103\$00	105\$00
(notas de 5 a 1000)	103\$35	105\$50
DINAMARCA (coroa)	13\$50	13\$90
ESPAÑA (peseta)	\$824	\$944
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	128\$70	130\$70
(notas de 5 a 1000)	129\$20	131\$20
FINLÂNDIA (marka)	22\$90	23\$90
FRANÇA (franco)	16\$05	16\$75
HOLANDA (florim)	43\$80	44\$80
INGLATERRA (libra)	192\$85	196\$85
IRLÂNDIA (libra)	152\$70	156\$70
ITALIA (lira)	\$072	\$082
JAPÃO (iene)	\$525	\$560
NORUEGIA (coroa)	17\$15	17\$65
SUECIA (co. 20)	16\$55	17\$15
SUÍÇA (franco)	59\$55	60\$65
VENEZUELA (bolivar)	7\$85	8\$85

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

OLIVEIRA RAMOS (Mestrado em História, T 20758), **ROCHA** (Especialização em História de São Teotônio (T 20758),

DL

PORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: **DIBOA**
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGACÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: **INTERPRESS**
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
2.34 3,9 m 8.20 1,2 m
14.55 3,7 m 20.26 1,2 m
Dia 2
3.09 4,0 m 8.49 1,1 m
15.28 3,8 m 20.56 1,1 m
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO 5°
BRAGANÇA -3°
VILA REAL -1°
PORTO 0°
COIMBRA 1°
CABO CARVOEIRO -
PORTALEGRE 4°
LISBOA 6°
ÉVORA 4°
BEJA 2°
FARO 3°
SAGRES -
PONTA DELGADA 10°
FUNCHAL 15°

últimas

O MINISTRO DA JUSTIÇA inaugurou ontem o novo edifício do Tribunal de Loures, onde se deslocou acompanhado pelo GC de Lisboa, presidente do STJ, PGR e outras individualidades. Rui Machete foi recebido pelo presidente da CM de Loures, Severiano Falcão, que, no discurso de abertura, afirmou que «estas mos a viver um momento especial e preocupante no que se refere a esta autarquia».

AUTORES DE CINCO ASSALTOS autuados, todas situadas na freguesia de S. Cosme, Gondomar, Mário Manuel da Silva Pereira voltou a cair sob a alçada da justiça, na sequência das diligências efectuadas pela 2.ª Brigada da 4.ª Secção da Polícia Judiciária do Porto, que conduziriam à sua captura. Os assaltos verificaram-se entre 12 de Julho e 25 de Dezembro do ano passado e renderam ao seu autor cerca de 200 contos. Os investigadores conseguiram, entretanto, recuperar parte dos objectos furtados junto de pessoas que os haviam comprado sem saberem que se tratava do produto de um roubo.

UM DOS FILHOS do cardiologista sul-africano Christian Barnard foi hoje encontrado morto na sua residência, na Cidade do Cabo - anunciou a agência noticiosa sul-africana SAPA.

A agência acrescentou que o corpo de André Barnard, 32 anos, foi encontrado por sua mulher na banheira da residência, com uma seringa no chão.

André Barnard, que exercia medicina na Cidade do Cabo, era um dos filhos de Barnard e de sua primeira mulher, Louwjtje.

Christian Barnard, que se encontra actualmente em Singapura, foi o primeiro médico a realizar uma transplantação cardíaca, em 1967.

Carlos do Carmo e José Mário Branco solidários com os 'Matulões'

Carlos do Carmo e José Mário Branco serão, esta noite, as estrelas das comemorações do «segundo milénário» (vinte anos) da república coimbrã «Ninho dos Matulões», em luta acesa pela sua existência, devido a uma ameaça de despejo. Os dois artistas actuarão, a partir das 21 e 30, no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, num espectáculo de solidariedade com os «Matulões». Está prevista ainda a participação de grupos locais, caso do GEFAC, um dos mais prestigiosos organismos autónomos da Academia, ligado à recolha e divulgação do nosso folclore.

Os «Matulões», que têm vindo a ser apoiados, também, pela Reitoria da Universidade e pela Câmara, têm programadas outras iniciativas de natureza cultural e recreativa, no âmbito de uma «campanha de cobres» para compra do imóvel onde está instalada a «república».

Tuberculose aumenta no Algarve

O responsável pela delegação de Faro dos Serviços de Luta Antituberculose manifestou preocupação pelo aumento das doenças pulmonares, nos últimos anos, no Algarve.

Em declarações à Anop, Ataíde Ferreira sublinhou que a região é uma zona com características sociológicas substancialmente diferenciadas das restantes do País, não só pelo fluxo turístico como pelo grande número de trabalhadores sazonais, nomeadamente na construção civil, o que - disse - dificulta as acções de controlo das doenças. Justificando o aumento das doenças pulmonares na região,

o clínico deu exemplos estatísticos referindo que entre 1968 e 1975 foram detectados 228 casos de tuberculose, quando o normal seria um máximo de 217.

O número de doentes aumentou em 1980, agravando-se em 1981, com 294 casos conhecidos.

Contudo, frisou, no ano de 1982 deu-se uma pequena descida, entrando a doença numa fase de estabilidade, receando-se no entanto novo agravamento logo que forem conhecidas as últimas estatísticas.

Na óptica do responsável pelos Serviços Antituberculose de Faro, o agravamento da doença explica-se pelos efeitos da popu-

lação em trânsito e pela descolonização que, disse, «Trouxe para Portugal numerosa população em condições deficientes e com traumas psicológicos muito grandes que não são indiferentes ao aparecimento da doença».

O médico apontou como factores de peso no evoluir da doença, os problemas da habitação e de alimentação de uma população deslocada.

No entanto - reconheceu - «não houve tragédias», porquanto os Serviços de Luta Antituberculose, controlaram a situação e os doentes estão a ser tratados.

Amanhã na Cidade do Cabo Maputo e Pretória retomam conversações

A África do Sul e Moçambique - que estão prestes a assinar um pacto de não-agressão - avistar-se-ão, amanhã, na Cidade do Cabo, para mais uma sessão de conversações a nível ministerial, anunciou hoje um porta-voz oficial sul-africano citado pela FP.

Segundo a agência moçambicana «AIM», uma delegação chefiada pelo ministro dos Assuntos Económicos, Jacinto Veloso, partiu hoje do Maputo, com destino à Cidade do Cabo.

A equipa sul-africana será dirigida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelof «Pik» Botha e incluirá os ministros da Defesa, general Magnus Malan e da Lei e da Ordem, Louis Le Grange, indicou à AFP um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da África do Sul.

Os três homens fizeram parte da delegação de Pretória que se

deslocou no passado dia 20 de Fevereiro ao Maputo, para conversações, no termo das quais os dois países vizinhos se comprometeram a assinar proximamente um acordo de não-agressão. Tal acordo deverá dar azo a uma normalização das relações bilaterais, em matéria de trocas económicas e turísticas, pensam os observadores.

A agência «AIM» anunciara, na passada segunda-feira, que o governo do Maputo, o Gabinete Político e o secretariado da FRELIMO (o Poder) bem como o Parlamento tinham aprovado o projecto de acordo bilateral em matéria de segurança. Por seu turno, o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros precisara que não tinha sido estabelecido qualquer texto definitivo, declarando que «as negociações prosseguem».

Colóquio sobre agricultura organizado pela UGT

O ex-ministro da Agricultura, Basílio Horta, considerou ser urgente normalizar a situação na zona da Reforma Agrária, com o funcionamento simultâneo de três tipos de explorações: as unidades colectivas, a exploração privada e as cooperativas.

Basílio Horta, que participava num colóquio sobre a agricultura portuguesa, organizado pela UGT, considerou fundamental o estabelecimento da confiança na titularidade e no uso da terra na área da Reforma Agrária onde, disse, importa acabar com a entrega de reservas e com novas expropriações de modo a que trabalhadores das UCP's cooperativas e proprietários privados possam laborar em segurança.

O ex-ministro e actual deputado do CDS traçou um quadro negativo do sector agrícola português onde, sublinhou imatematicamente, «estamos a regredir praticamente para os tempos da

pedra lascada».

Para Basílio Horta, a questão agrícola em Portugal «é uma questão de regime», dado que integra «aspectos políticos que a influenciam decisivamente».

Depois de apontar o muito elevado grau de dependência externa do País em matéria de produção alimentar, a revelar uma tendência sempre crescente, o orador aludiu às causas que, no seu entender, se encontram por detrás da actual situação.

De entre elas salientou o retrocesso, «quase escandaloso» do investimento no sector agrícola, a estagnação tecnológica e de equipamentos (utilizamos 2,5 a seis vezes menos adubos do que a média da CEE e possuímos cinco vezes menos tractores e ceifeiras debulhadoras).

Falou ainda na estagnação da política de redimento do minifúndio

Presidente da Câmara de Viseu acusado de 'abuso de poder'

PORTO, 1 — O presidente da Câmara Municipal de Viseu, António da Costa Vidal (PSD), foi ontem alvo de duras críticas na sessão pública da Assembleia Municipal, e acusado, nomeadamente, de «abuso de Poder» embora a oposição não tenha conseguido derrotar uma moção de confiança em sua defesa, na altura avançada pela bancada social-democrata.

O presidente da Câmara foi acusado, com elementos e dados concretos, de se ter deslocado à República Federal da Alemanha, durante oito dias, em visita que não era de trabalho e de, não obstante, ter tido ajudas de custo, da ordem dos sete mil escudos por dia, pagas pelo Município.

António Vidal, foi igualmente acusado, com documentos, de que a firma de que é sócio-gerente, ter vendido aos Serviços Municipais - de que igualmente é presidente - materiais no valor de mais de mil contos. O presidente, na ocasião, não negou esta transacção, não permitida por lei, informando apenas os deputados municipais de que a venda dos materiais da sua empresa, porque mais baratos, foi feita em benefício dos Serviços Municipais e, portanto, do Município.

A moção de confiança que os sociais-democratas logo apresentaram para defesa do Executivo, onde são maioritários, recebeu 31 votos a favor (PSD), 20 votos contra e 8 abstenções.

Nesta mesma sessão da AM viseense, que decorreu entre as 10 horas da manhã e as seis e meia da tarde, foram igualmente aprovadas moções sobre problemas do ensino e sobre as comemorações do X Aniversário do 25 de Abril.



Dia Internacional da Mulher será comemorado em todo o país, afirmaram hoje Carolina Mega e Natal Guerreiro do MDM

MDM comemora 8 de Março exigindo legislação sobre a mulher

No próximo dia 8 de Março, o Movimento Democrático de Mulheres (MDM) entregará ao presidente da Assembleia da República um levantamento de questões relativas à mulher que, no seu entender, exigem imediata legislação adequada. A iniciativa hoje anunciada em conferência de imprensa, pretende assinalar a passagem do Dia Internacional da Mulher que, como é sabido, se comemora naquela data. Entre as questões contidas naquele levantamento contam-se algumas respeitantes à situação da mulher trabalhadora à violência exercida sobre elas e à imagem da mulher veiculada pelos manuais escolares.

O MDM, no âmbito das comemorações do 8 de Março, fará ainda entrega da sua distinção

de honra às trabalhadoras de uma empresa têxtil de Setúbal, a Lundberg. Em 1982 e 1983, a distinção foi respectivamente entregue a Maria Lamas e a Virginia de Moura. Para além destas iniciativas, o Movimento promoverá também comemorações em praticament todos os distritos do país.

O Segundo Encontro de Mulheres do Distrito de Lisboa, realizado no passado dia 26, e que contou com a participação de 300 delegadas foi também abordado na conferência de imprensa. Segundo NATAL Guerreiro, do Conselho Nacional do MDM, as duas grandes reivindicações saídas do encontro centram-se na exigência da reposição do poder de compra e na legalização efectiva do aborto».

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º Prémio - 55.208 - 72.000 contos
2.º Prémio - 26.645 - 15.000 contos
3.º Prémio - 40.624 - 6.000 contos

O 2.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilita-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

55 207 - 961.500\$00

55 209 - 961.500\$00

PRÉMIOS DE 300 CONTOS

857; 6 247; 9 343; 10 506; 12 661; 14 380; 14 919; 14 951; 15 507;
15 932; 16 351; 19 496; 22 811; 22 839; 27 012; 28 823; 29 288; 31 795;
31 968; 32 973; 34 978; 36 239; 39 771; 41 003; 41 994; 43 114; 44 402;
45 658; 48 256; 49 655; 52 534; 55 422; 55 941; 58 067; 62 399; 63 164;
63 514; 64 799; 65 994; 69 188; 69 470; 74 815; 74 995; 77 239 e 77 737.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

30.000\$00 - 070; 080; 242; 127; 513; 93; 923 e 933
24.000\$00 - 208; 624 e 645.
15.000\$00 - 14; 2º e 3º
6.000\$00 - 8 (terminação)

PRÉMIOS DE 15.000\$00 (CENTENAS)

26 601 e 26 700; 40 601 a 40 700 e 55 201 a 55 300

NOTA: O direito aos prémios prescreve-se a 3 / 9 / 84

PARA MAIS INFORMAÇÕES, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

ANTÓNIO RAMOS ROSA
"Os ventos
são azuis sobre
a beleza incerta"

Pedro Alvim



GRAVITAÇÕES, o mais recente livro de António Ramos Rosa, oferece-nos a poesia discursiva em que o poeta já nos iniciou: há uma causalidade ao longo da escrita que, ligando e proporcionando as coisas do mundo, no-las oferece numa grande interdependência de tudo. Essa causalidade perpassa pelos poemas como um hifen finamente desenhado, um traço sinuoso e não sinuoso, que se desprende do ar e toma as coisas da terra, as pedras, os ribeiros, as ervas, as águas mansas que, de quando em quando, sobem as margens como um sopro que respira...

Esta poesia só pode parecer branca, inodora, cega, a quem, no decurso dos dias, se não percebe dos pequenos incidentes que preenchem o espaço que todos nós habitamos. Há quem viva e nunca repare nas coisas que se situam por entre os actos que, quase por rotina, vamos executando. Os felizes, aliás, são quase sempre cegos — e a dor só acomete aqueles que vêem para além do que é claramente visto.

Há uma racionalidade que não admite a poesia. E não admite a poesia porque esta é desmesura, é quebra de toda e qualquer medida, rompe com o equilíbrio da razão. É uma prudência que vem já dos tempos antigos: certamente que Parménides, cioso da unidade da sua ciência, de maneira nenhuma consentiria determinadas liberdades — e o próprio Platão temia (que a audácia nos seja permitida) aqueles que não discorressem pura e simplesmente como filósofos. Os poetas, se fossem consentidos como interlocutores nos seus "Diálogos", talvez viessem a romper com as suas aporias, essa ausência de portas, esses becos sem

saída com que terminam os seus escritos.

Mas é precisamente a desmesura da poesia que a torna uma outra linguagem dos homens. Dir-se-ia que «un esprit de finesse», um espírito de finura, subitamente proporciona na surpresa de um relâmpago afirmações e juízos que a linguagem normal, embora adjectivada de racional e lógica, raramente (ou nunca) consegue elaborar. A linguagem poética é um outro dizer, e quando profunda, quando abissal, procede das raízes do ser que nós somos. Dir-se-ia que outras palavras, anteriores àquelas que formam o discurso através do qual nos entendemos quotidianamente, subjazem no mais íntimo de nós, algures nos pés, no estômago ou no cérebro. Num canto, enfim, qualquer do nosso corpo.

Não será atrevimento nosso se adelantarmos a afirmação de que essas palavras primeiras, que de maneira nenhuma são as palavras gastas dos dias dos nossos pendentes calendários, se assemelham em muito ao verbo límpido e obscuro dos pré-socráticos. Ao lermos, por exemplo, os fragmentos de Heráclito, temos a sensação (apesar de muito conspurcado que sejas) de estarmos a secar as palavras iniciais do Ser. Ousemos: do Ser, em caixa alta e numa atmosfera muito rarefeita, de princípio de tudo, de terra apresentando sobre terra...

São essas palavras primitivas, essas expressões à superfície do Ser, que, em defesa do nosso juízo, vamos encontrar em Ramos Rosa. Escutamos algumas, despojadas de contextos de qualquer espécie. Fiquemo-nos pelo princípio que há nessas palavras, no começo que elas são com, há muitos milhares de anos elas já foram.

Continua na pag. 2

As cem vidas
de Michel Ragon

Michel Ragon publicou *Les mouchoirs rouges de Cholet*, o seu primeiro romance histórico, um fresco da Vendaia e uma homenagem àqueles a quem chama seus «compatriotas». Conta-nos com tanta precisão quanta paixão a aventura de um punhado de insurrectos do tempo da Revolução Francesa.

Esta epopeia é, porém, apenas um dos aspectos do talento dessa figura, espantosa e múltipla, de um homem que já foi servente, alfarrabista e autodidacta e que hoje é doutor em letras e professor de história da arquitectura na Escola de Artes Decorativas de Paris.

POR onde começar? Um amigo dos pintores Soulages, Hartung e Atlan, uma criança pobre da Vendaia, um crítico de arte, um prototipo, uma *Histoire mondiale de l'architecture et de l'urbanisme modernes* (três volumes publicados por Casterman), onze romances, três casamentos, uns trinta livros já publicados, um autodidacta, um operário agrícola, um camineiro hippie antes que esta palavra surgisse, um alfarrabista, um doutor em letras... que tem, no gabinete de trabalho uma coruja empalhada.

E isto é só uma parte do inventário. O dono de tudo é Michel Ragon, de sessenta anos mas com bem umas cem vidas e com uma energia que o não deixa parar nos seus projectos: um romance a sair agora do prelo, a ideia de uma continuação deste livro sobre a Vendaia, duas ou três outras obras em preparação... um belo futuro que virá completar um passado impressionante e um presente bem preenchido... Para quem ainda tenha dúvidas, é altura de enfrentar a verdade: o autor de *L'architecte* e de *Le prince et la démocratie* (Albin Michel), o autor de *Vingt-cinq ans d'art vivant* (Casterman) e o romancista de *Drôles de métiers* (1953) e de *L'accent de ma mère* (1980) (estes dois editados por Albin Michel) são uma e a mesma pessoa.

Doido por viagens
e leituras

Michel Ragon perde-se no seu itinerário — uma odisseia que fez de um pobre rapazinho da Vendaia sem dinheiro, orfão de pai aos oito anos, um intelectual apaixonado pela arte contemporânea que vive numa casa de sonho aos olhos dos que com ele compartilham esses amores e onde o olhar, mal se desvia de um quadro de Hartung, logo poisa noutro de Soulages.

Aos catorze anos teve de deixar a escola e a cidade da sua infância, Fontenay-le-Comte, para ir trabalhar para Nantes: primeiro como moço de recados e depois como empregado de armazém e ajudante de guarda-livros. Aos vinte e um anos, veio para Paris, onde teve todos os ofícios — de operário fabril a alfarrabista (durante sete anos). Mas isso não o impediu de viajar, numa época em que ainda não havia tal moda. Foi operário agrícola em Inglaterra durante um ano — casou com uma inglesa com quem se conservou durante um ano — casou com uma inglesa com quem se conservou durante onze anos até conhecer a segunda esposa, neo-zelandesa — e depois seguiu para o Japão num cargueiro.

«Em resumo — diz ele —, foi toda uma vida errante, que correspondia ao estado de semi-vagabundagem em que eu vivi até aos trinta e cinco anos.»

Doido pela leitura — já assimera na escola —, «mas li sempre livros sérios. Sou completamente fechado para a leitura de divertimento, sou incapaz de chegar ao fim de um romance policial». Lia sem parar no pátio de recreio. Um dia, o professor, convencido de que tal interesse só podia ser des-

perdo por «más» leituras, interveio para repreender Michel Ragon e apoderou-se do «objecto»: era o *Traité de l'histoire de l'Antiquité*. Desmoraliza bem quem pretenda reprimir as crianças.

Michel Ragon leu logo na adolescência os autores clássicos: «Ou me emprestavam livros ou eu comprava outros. Em especial os pequenos volumes clássicos da Larousse e da Hatier. Quando as pessoas dizem que não lêem por falta de dinheiro, isso é uma desculpa, é um pretexto para não

ler nada. Quem quiser ler tem sempre meios para isso. Eu, aos catorze anos, lia Jean-Jacques Rousseau; e aos dezoito, embora estivesse num meio difícil, entre estivadores, descobri Gide.»

O primeiro livro escrito por ele — «tinha vinte e três anos e o livro era muito mau» — foi um ensaio: *Les écrivains du peuple*. Foi refeito mais tarde, transformou-se na *Histoire de la littérature ouvrière* e, por fim, na *Histoire de la*

Continua na pag. 2



As cem vidas de Michel Ragon



Continuação da pág. 1

littérature prolétarienne (Albin Michel, 1970). Assim que chegara a Paris, Michel Ragon ligava-se aos círculos anarquistas e ao movimento da «literatura proletária», especialmente a Henri Poulaille, que foi para ele uma espécie de pai espiritual. Foi «numa óptica populista como a de René Fallet» que publicou os seus primeiros romances, entre os quais **Drôles de métiers** e **Drôles de voyageurs**.

«Mas, entre o Novo Romance, que atraía toda a atenção dos intelectuais, e o marxismo, que prendia toda a atenção dos meios de comunicação, não havia — continua ele — lugar nenhum para uma literatura de essência libertária. Foi, talvez, por isso que abandonei durante anos o romance em proveito da história da arte. Isso era também um meio de ganhar a vida, tal como o foi também para muitos poetas do século XIX. Théophile Gautier e Baudelaire eram críticos de arte...»

«Durante bastante tempo senti-me pouco à vontade entre as minhas duas culturas», conclui.

De facto, ao contrário dos seus amigos René Fallet e Bernard Clavel, Ragon tem a paixão da teoria, da abstracção, e não sente repugnância pelo discurso conceptual. «Clavel — diz ele — admira-se ainda de eu me ter feito intelectual». Se, conforme explica, Ragon se fez crítico de arte para escrever sobre os seus amigos pintores e, a seguir, especialista de arquitectura para ser útil aos seus amigos arquitectos, foi para si próprio que adquiriu conhecimentos e competência nesses domínios — pelo prazer de dominar o saber para depois ensinar.

«Já fiz cursos nos Estados Unidos e no Canadá. Para grande surpresa minha, iam correndo bem, eu tinha bons contactos com os estudantes. E diziam-me que, em França, seria diferente. Comecei em 1972. Fui professor agregado antes de defender tese com base em trabalhos publicados — eu nunca tive estudos universitários e só possuía o diploma secundário —, mas tive também esses mesmos bons contactos com os estudan-

tes. Ao princípio, terá sido, talvez, melhor que agora, visto que, ao fim de doze anos, já devo ter ganho uma certa deformação como docente. Talvez tenha de acabar com isto antes que me transforme num 'prof'».

De repente, em 1980, depois de doze anos de silêncio literário, o conceituado historiador de arte, o professor catedrático, arrisca-se novamente ao romance. «Por morte de minha mãe, quis saber que cultura havia por trás daquela mulher. E encontrei a **Vendeia**. **L'accent de ma mère** é o sotaque da minha terra». Este regresso à origem não foi apenas literário, pois ele voltou a ver a família que tinha na Vendeia, a «tribu dos Ragon». «Esse contacto com os meus compatriotas suscitou-me o desejo de escrever um livro para eles».

E assim fez, com **Les mouches rouges de Cholet**: dois anos de pesquisas, uma documentação enorme «e um enorme trabalho de escrita, embora eu dê a impressão de escrever com facilidade. Pois quero ter uma linguagem clara e o mais simples possível, o que é difícil. Principalmente para os autodidactas, que, a princípio, escrevem sempre de uma maneira enfática. Eu também não escapei a isso».

Quando Michel Ragon faz a lista das suas actividades, é fácil compreender-se que não tenha vida mundana. Não tem tempo para isso; e aborrece-se com tal facto. Mas é mais difícil imaginar que dorme oito horas todas as noites, que gosta das «longas marchas», de «petiscar com os amigos», de «fazer coisas em casa, criar rosas» na sua casa de campo. No fim de contas, tem apenas um defeito: é incapaz de tecer o elogio da preguiça.

JOSYANE SAVIGNEAU

Desenho de Cagnat

O infortúnio da Vendeia

O romance de Michel Ragon começa como o **Génésis**: no caos. Estamos em 1796, nos arredores de Herbiers, na Vendeia. Quando o protagonista, Dochagne, sai do tronco de árvore onde se ocultou durante semanas a seguir ao desastre de Savenay, comendo ervas e bolotas de noite e bebendo água das covas, como os cães, a paisagem que se lhe depara está devastada pelas colunas de Turreau. Que idade terá Dochagne, com aqueles cabelos brancos? Esqueceu-a. De onde é? Já não sabe. E aquilo que descobre completa-lhe o terror: sebes queimadas, campos saqueados, aldeias demolidas pedra por pedra e onde apodrecem cadáveres amontoados de crianças de peito, de mulheres esventradas, de velhos desmembrados; por toda a parte outras tantas Oradours, com alguns esqueletos ambulantes aqui e ali, receosos, hesitando reconhecer-se uns aos outros como seres humanos.

Mas lá vão juntos para recomendar o mundo, para reinventar tudo, para tudo reaprender e reconstruir, lutando durante vinte anos sem compreender muito do que lhes ia acontecendo —

quando, por acaso, em Paris as pessoas lembravam aqueles homens da Vendeia tão inquietantes, tão atrasados, tão rebeldes a toda a autoridade. Napoleão — que a seus olhos era um Anticristo — isentou-os os impossíveis para os ajudar a recompor-se; o «roué» da Regência restabeleceu-lhos e nada encontrou de melhor para lhes enviar em «prova do seu amor» que o duque de Angoulême ladeado por Turreau, que os dizimara. Como se achariam eles entre as exigências do «maire» republicano e as outras, não menos duras, dos «senhores» regressados do exílio, que recuperavam as terras a tanto custo arroteadas de novo? Quem havia de compreender o próprio Deus, representado primeiro pelos párocos ajuramentados e depois pelos párocos concordatários? E a Revolução, em que aspecto lhe dizia ela respeito, a eles, camponeses encarniçados em sobreviver com o pouco que lhes era deixado, uma vez que era coisa de burgueses e de nobres — nobres «brancos» contra nobres «azuis» — cujo preço, era, afinal, pago por eles?

Com o tempo, aprendeu-se a conhecer essa região em que já só subsistiam as superstições, em que os males mais evidentes naturais pareciam outros tantos malefícios, em que a batata, esse tubérculo inocente e salvador, era repelida como «fruto do diabo» trazido pelos «rabos brancos». Os anos passaram e, mais de quinze anos depois da morte de Luiz XVI, as perseguições continuaram; a miséria tinha-se reduzido tão pouco que a mortalidade continuava muito grande e o alcoolismo e as epidemias vinham reforçá-la.

A inutilidade da esperança

Aos poucos, a quente fraternidade do recomeço foi-se desfazendo. A estupidez, a inveja e a dramática incompreensão que regem as sociedades humanas reapareciam e nem todos os mortos morriam de morte natural. Por fim, foram repelidos da comunidade aqueles que, chegados ali por acaso e, em tempos, bem recebidos, porque representavam um capital de forças e iniciativas fecundas, eram novamente «estranhos à região». Para esses, como Dochagne, viria o êxodo para Sul, de mãos vazias e apenas com a coragem por bagagem. Tinham compreendido a inutilidade da esperança.

O leitor, esse, fica de coração apertado ao fechar este livro forte e implacável. Ali se mostra o reverso de uma epopeia à luz do dia e na sua inimaginável crueldade; ali grita a desgraça física e moral de todo um povo. Aqueles incómodos maçadores tinham de encontrar quem os cantasse — quem lhes cantasse, não a glória (que a tiveram), mas a miséria sorte que lhes coube quando, vencidos, de todos foram abandonados e esquecidos — principalmente por aqueles mesmos por quem eles tinham andado na guerrilha. A Vendeia — cinco guerras fratricidas — é a Irlanda francesa.

GINETE GUITARD
AUVISTE

Um grito visceral
não modulado fictício.
Um dado sonoro.
A ferida que arde.
O fantasma

Carlos Leite

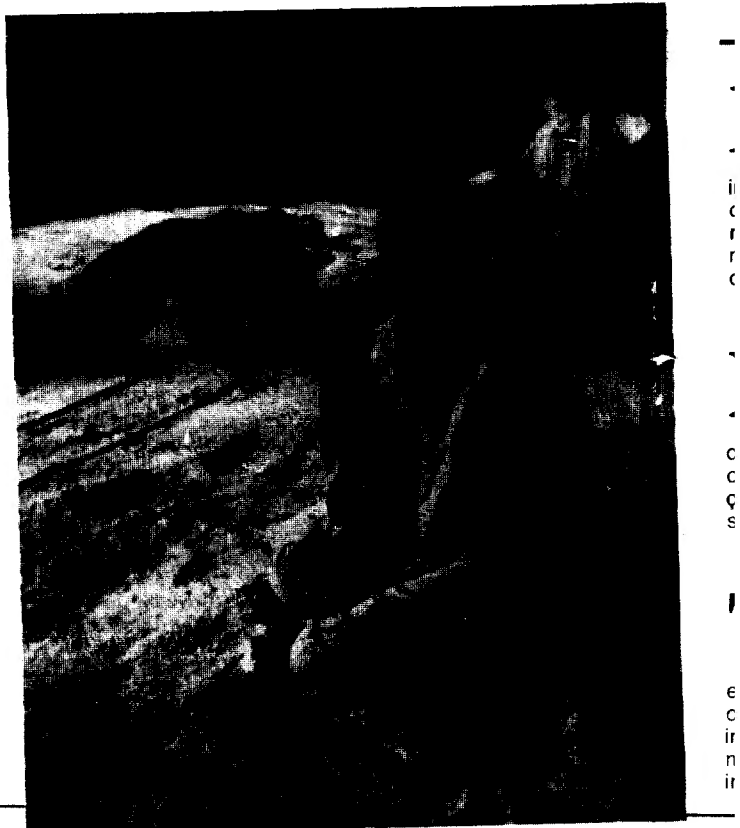
1.

A emulsão do mundo faz-me vir sempre ao princípio e ao cinema de mim vou as vezes que o coração da todas, sempre, como quando porque eu tinha um fo e animal, sem alma, o grito metia o nariz e os olhos e as orelhas e as mãos na do que havia. Silêncio & som que dividiram em imagens a manhã de 6 de Fevereiro. Viria depois o corpo, tantos, em comas e conjugações perfeitas copulativas e adversativas histórias tempos tempos tempos de verbos feitos a fazer-se.

2

Nada não pode não ser agora um paraíso agora a nascer. Só que é também a morrer agora. ISTO pode provar que isto é um gosto, prazer de morte, no toque disto, no tacto, nos olhos por exemplo das crianças. As crianças, como o resto, estão a morrer e a nascer em todos os momentos, só que reproduzem-se infinitamente mais rápido, vêm o Universo a nascer e nós a morrer. Haveria também motivo para o poema dum poema, o canto do que desaparece e vê e sabe e não está t o bêbado disto, o escolhido de «Sempre e sem fim»

Os verbos da ir



ANTÓNIO RAMOS ROSA

Continuação da pág. 1

Ei-las, pois, num regresso aos primeiros lábios do mundo:

«A caligrafia das águas sobre a pedra; as árvores despertam dormem apertadas na concavidade do rumor; a progressão das formigas em torno da árvore de claras malhas como um leopardo; as vagas sombras imóveis as folhas verdes; o nascimento da terra e do cavalo; as manhãs a meia-noite o turbilhão; pela água limpa a nitidez aviva-se e é a matriz de todos os nomes que cintila; entre desejo e sombra umas pálidas pernas uma fugaz fornalha o som do orvalho; os ventos são azuis sobre a beleza incerta; o sol repousa numa obscura nuvem; absoluta a

suavidade sem espera; ela tem a cor de uma fábula e é um animal; um só trajecto até à opacidade; os deuses não guardam não reservam o indizível fulgor das suas fugas brancas.» Etc.

Que nos perdoe Ramos Rosa esta nossa dispersão sem lei: fomos de um poema a outro poema, colhemos (quanto a nós), as iniciais raízes do Ser que, subterraneamente, habitam a sua escrita, o seu discurso, o seu logos. Mas sentimo-nos nas profundidades do verbo — e de tal maneira que nos ficámos pelo «é» de Ser. Como sair agora desta forma verbal, tanto na terceira pessoa, sendo ela tão primeira, tão inicial, tão princípio de tudo...? Deixemo-nos estar — e contemplemos.

A poesia de Virgílio Alberto Vieira

Luis de Miranda Rocha

UMA editora do Porto, a Limiar, vai publicar brevemente um novo livro de Vergílio Alberto Vieira: **Pedra de Transe**.

O livro arquiva três sequências: **Fulgurações**, **Pedra de Transe**, **As Cegas Direcções**. As duas últimas são inéditas (embora um ou outro poema da última já tenha sido publicado, e um poema, pelo menos, saiu em tempos neste suplemento). **Fulgurações** teve aqui há um ano uma edição restrita a uma centena de exemplares exclusivamente reservados a ofertas.

Em vésperas de novo livro deste autor, valerá a pena reparar na obra poética que ele até agora publicou. Com uma advertência, desde já: é que, nestas referências, não aparecem os dois primeiros livros, da juvenília, que o próprio VAV há algum tempo riscou da sua bibliografia. Nem um livro de poemas chamado **A Paixão das Armas**, do ano passado, e que VAV não incluiu na sua série de poesia, preferindo enquadrar o título numa série designada por «ciclo colonial». O livro será um tanto marginal em relação ao fundamental ou central do seu projecto poético.

A obra poética de VAV que aqui consideramos resume-se pois a dois livros e umas cinco ou seis sequências. Os livros são **«Terra Interior»** (publicado em 1977 pela Centelha, de Coimbra) e **A Idade do Fogo** (publicado em 1980 pela Limiar, do Porto). O primeiro livro compõe-se de cinco sequências: além da que dá título de capa, **Prontuário do Corpo**, **Os Sinais da Terra**, **Outros Poemas da Terra**, e **Poética de Fernando Pessoa**. **A Idade do Fogo** compreende uma longa sequência que dá título ao volume e outra, mais curta, titulada **Os Olhos de Verdi**.

Uma das ideias mais impressionantes que se tem desta obra é a

do despojamento do acessório, redutivamente, até aos limites do âmbito do estritamente essencial. Um relance pela obra poética do autor até agora publicada mostra uma constante preocupação nesse sentido. Mas mostra também como tem havido uma longa hesitação ou uma regular alternância entre duas ou três vias processualmente diferentes, a nível, pelo menos, do âmbito formal do livro e das dimensões e proporções (das concepções ou noções, portanto) do texto, da construção textual. E da linguagem, do seu trabalho de escrita.

Numa das vias seguidas haverá assinalar, antes de mais, o carácter fragmentário, avulso, da prática escritural, textual, discursiva. Não há propriamente poemas — numa acepção de objectos como uma visível, sensível ou detectável coesão estrutural, coerência interna, temática e de desenvolvimento, unidade estilística (semântica, sintáctica). Há pequenas peças soltas, desconexas, desarticuladas, na aparência desde logo visual da página, ocorrências verbais, nominais, predicativas, adjectivas, a palavra surgindo muitas vezes como unidade poética mínima, impondo-se em princípio apenas pela sua capacidade de denotação, desamparada de qualquer apoio ou estímulo que lhe suscite as potencialidades ou virtualidades conotativas.

Estas revelam-se pela apreensão global da sequência. São então alguma coisa surpreendentes a coesão, a coerência e a unidade, a existência (activa desde a fase prévia, pretextual, p. ex.) de uma ordem, de uma ordenação, de uma orientação — capital, central, medular, estruturadora do processo de construção textual e atractiva da linha discursiva (impedindo que alguns nós tornem impossível a continuidade da voz, o avanço da fala). Vê-se isso, bem desde logo na primeira sequência do poema do primeiro livro de poesia da actual bibliografia do autor. Referimo-nos a **Prontuário do Corpo**. Ver-se-á que é aqui que **Fulgurações** e **Pedra de Transe** mais insistentemente nos reportam.

Noutras sequências de **Terra Interior**, porém, o caminho seguido é, se não outro, pelo menos, mais largo e aberto, para saídas alternativas à atomização verbal, vocabular, significativa, à asfixia da fala para que uma prática verbal excessivamente economizadora tenderia, à atrofia de sentido que aqui por vezes parece perfilar-se como uma perspectiva ameaçadora de destruição, de autodestruição (do significado latente ou emergente, por uma espécie de relutância ou inibição (ou devoragem, ou devoramento), por parte dos signos (ou por por parte do autor em relação aos signos).

Em **Sinais da Terra**, o autor ganha um fôlego mais vasto, mais espesso, mais forte, para a sua voz. O sentido exigente da economia perdura e prevalece sobre toda a tendência excessiva ou perdulária, mas o processo verbal desenvolve-se por aposição, acumulação, sobreposição, sem pausas, de imagens, de metáforas, a elipse ocultando-se sob um aparente cerramento ou falsa continuidade discursiva à superfície da qual o sentido dir-se-ia que roda, desliza, avança e volta. Veremos VAV reincidir nestes processos de elaboração e organi-

zação do discurso e de construção textual em **As Cegas Direcções**, de **Pedra de Transe**, quanto a nós com mais ágil destreza e resultados de repercussão maior, — talvez (é uma hipótese) pela fixação titular das referências em que uma leitura tem de se apoiar desde inicialmente.

Na sequência que dá título ao livro, **Terra Interior**, há um trabalho diferente que se faz. O destaque titular do primeiro verso propondo-se-nos como epigrafe ou mote (numa acepção não clássica, já se vê) do poema — e é de poema que podemos falar, pelo cerramento ambiguo em que laboram o processo semântico e sobretudo o processo sintático da versificação, onde o espaçamento entre-versicular, os cortes rítmicos, as soluções de continuidade discursiva, os saltos da composição ou construção textual, — tudo isto desempenha uma função produtiva de efeito poético calcular, ponderado.

Outros poemas da terra prossegue estas formalidades assumptivas e processuais, com a diferença de expressas e concretas referências culturais — que reencontramos titularmente em **As Cegas Direcções** mas já havia em **Prontuário do corpo** disseminadas pelos fragmentos do **corpus** textual. Na mesma linha, **poética de Fernando Pessoa**.

A poesia de VAV ganha no segundo livro, principalmente na sequência que lhe dá título, **A Idade do Fogo**, uma projecção específica que se prende com o tempo, a história — a temporalidade, a historicidade —, libertando-se um tanto das atractivas obsessões, das obsessões atractivas do corpo e da terra — da corporalidade, da terrenidade — sem, certamente, lhes perder (poder perder) o sentido, que perdura e prevalece antes de mais e sempre como ascendente referencial, pretextual, motivico, temático, e a todo o instante pesa sobre as formações imagísticas e metafóricas. Agora tanto se pode dizer que esta sequência é de um poemário (reunião ou colectânea de poemas) que se trata, como que se trata de um só poema, em fragmentos. Neste caso, porém, os fragmentos apresentam-se-nos proporcionados como poemas — estruturas discursivas e textuais conseguidas com um mínimo de (aliás, fortes) — coesão, coerência, unidade. As variações, as alterações, as diversidades visíveis ocorrem mais de fragmento para fragmento, ou de poema para poema. Desde logo, poemas versificados alternam com poemas em prosa. Mas entre estes poemas ou fragmentos em prosa, tal como entre os fragmentos ou poemas em verso — uns e outros irregularmente distribuídos ao longo da sequência — há uma unidade sensível, uma visível coerência, uma perceptível coesão. Podemos vê-las em todas as instâncias do labor verbal, à excepção da formal ou ambiguo assumpção discursiva que é diversa entre a prosa e o verso.

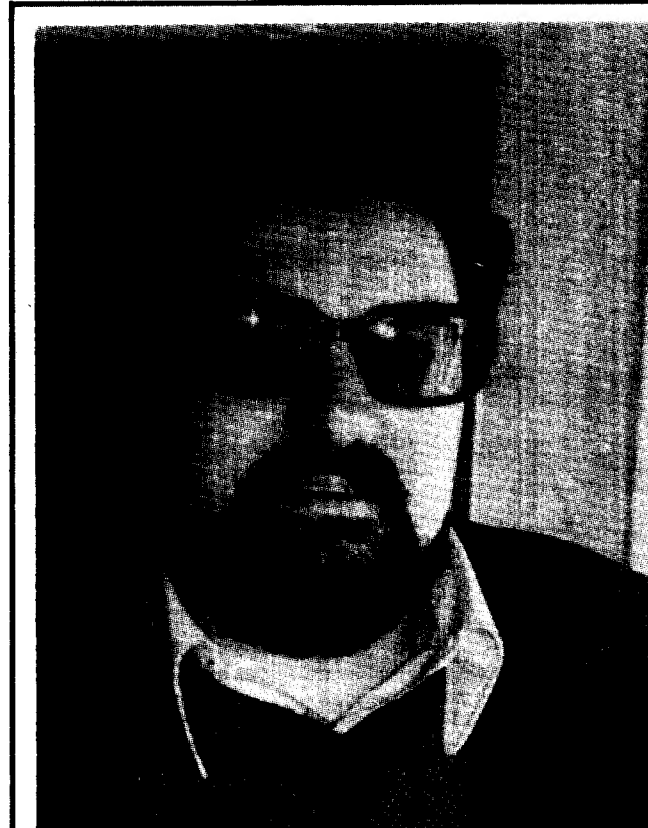
Os Olhos de Verdi é uma sequência de oito poemas ou um poema em oito fragmentos, — em qualquer caso, com nitida semelhança ao que em verso se fazia na sequência anterior. O específico interesse desta sequência agora é o aparecimento de uma figura — o cavalo, supomos, que polariza o mais do trabalho meta-

fórico (acepção genérica de labor de linguagem) que aqui se faz.

Uma constante de toda esta obra é o impressionante esforço sempre feito no sentido de evitar excessos, redundâncias, lugares-comuns, facilidades construtivas, expressivas, e tudo quanto possa sobrar do fundamental, do essencial. Ocorreria então, perante o poemário de VAV, que este desiderato já estava amplamente realizado e que dificilmente a estratégia poética do autor poderia exigir mais

do que os resultados conseguidos, — ou menos, no sentido da economia, da redução, do despojamento.

Porém, desde há algum tempo sabemos que não, — que não somente o autor estava insatisfeito com os resultados até então produzidos pelo seu trabalho mas também que era possível ir um pouco mais longe no labor aplicativo da sua estratégia. Sabemo-lo pelo menos desde **Fulgurações**. Podemos agora confirmá-lo em **Pedra de Transe**.



AURELIANO LIMA

Prémio de ensaística para Serafim Ferreira

INSTITUÍDO pela Biblioteca Pública Municipal de Gaia, para comemoração dos 50 anos da sua criação, acaba de ser atribuído o primeiro prémio deste concurso, no valor de cinquenta mil escudos, ao escritor e crítico Serafim Ferreira pelo seu livro «Aureliano: a arte do silêncio».

Trata-se de um ensaio crítico e biográfico, em forma de texto poético, um tanto à margem da nossa crítica instituída e académica, sobre a personalidade e a obra do escultor e poeta Aureliano Lima, há anos radicado e refugiado na sua solidão de Gaia, onde tem criado uma obra de poeta e de escultor que o consagra no panorama da literatura e da arte contemporânea portuguesa.

O ensaio agora distinguido, cuja edição será em breve publicada pela Biblioteca Pública Municipal de Gaia, incide nessa «aventura» pessoal e num tempo cultural que arrancou nos anos 40 em Lisboa, Coimbra e Porto (e um pouco, aliás, por toda a parte), nos anos distantes do tempo salazarista e do seu obscurantismo mental.

Aureliano Lima, escultor que há poucos meses, realizou o monumento-escultura de homenagem a Fernando Pessoa, erguido na Vila da Feira e inaugurado por Eanes, publicou agora novo livro de poemas, «Espelhos Paralelos», na «Brasília Editora».

ncípio do mundo
ção das trevas permite:
um focinho húmido,

as na alma

vereiro de 1949.

ora.

atos,
do,

poema,
está triste,
m fim a vida».

incompletude

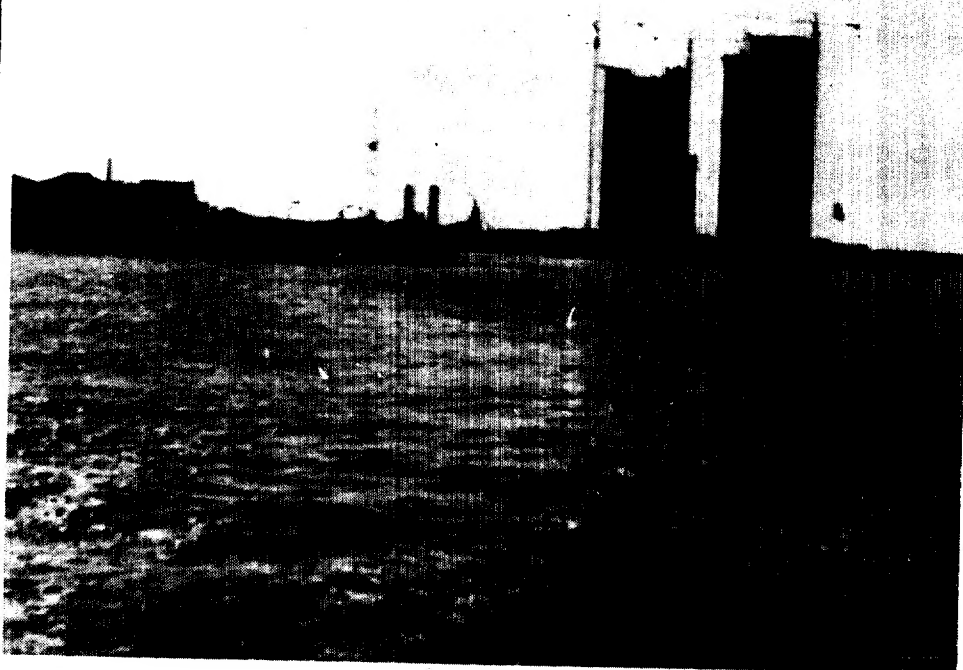
Silva Carvalho

INCAPAZ de começar assisto espantado ao vazio da vontade, da memória. Sem palavras. Aflição como um naufrago isento. Repentinamente um aceno, o afluxo de sangue intelectual, a dor. Brota a primeira palavra, incapaz. Logo seguida de outras, ligadas por invisíveis liames da imaginação consciente. E eu calo-me. Deixo o discurso ser eu. Súbito apaziguado e alegre, união das forças que me rodeiam com apelos inarticulados, acusmáticos. E assim, ou de outra maneira, escrevo o vulcão poema, o espasmo que leva a lava ao desconsolo de uma vertente vertiginosa.

MAS não basta. Preciso de captar e conter a dimensão do real. De dizer com as mesmas suadas palavras a diferença instalada. E assim me perco, longe do sentido educado, por invios destroços que fumegam o passado e os vícios meridocres do conforto vesgo. Elaboro com amor o vazio, a clareira, o oco. Ai deposito signos imemoriais nascidos na hora, sem contradição aparente. Ai instigo a revolução, a única saída para a morte serena.

TENHO feito a feliz fealdade dum compasso inculto e sem mestre. Com a idade atinjo o desassossego da recompensa furtiva. Avalio mal a extensão da fuga. A desmedida do sentido. Vou na transparência como um sorriso nos lábios da esfinge. E odeio a cultura que enche de riqueza a miséria que me cabe. Sim, a ironia, o logro essencial da compreensão inteligente ou intuitiva do universo e dos homens. Mas que fazer? Como possivelmente viver a felicidade sem interrupção? E sobretudo o querer, irracional e feroz dita-me os verbos da incompletude básica.

Trafaria



A NDA, dá-me a mão e vamos percorrer juntos a cidade. A minha cidade, a tua cidade a cidade que muitos de nós dizem ser sua, a nossa Lisboa.

Partiremos do Rossio voltando as costas ao Tejo. Sim, voltemos-lhe as costas, embora saibamos, embora sintamos que ele nos espia atentamente, silenciosamente, navios embandeirados num baloiço manso... Voltemos as costas ao Tejo, cujos tentáculos líquidos já não possuem o «Tollan».

Esqueçamos o Tejo, e mais o seu amor agora impossível pelo «Tollan». Tejo e «Tollan»: que paixão de água e limos não foi essa! E também de lama, também de gaivotas, também de olhos dominicais espiaando os seus movimentos. Tão imperceptíveis esses movimentos!

Eu gosto da cidade, da nossa cidade, ao entardecer. Quando a cidade lentamente se começa a tornar desabitada, ainda com muitas direcções, mas já um tanto adormecida...

Mas Lisboa não dorme. Está sempre acordada, trémula com os seus olhos estrelados. Com os olhos a acender e a apagar permanentemente, como num sono inquieto, ora em delírio, ora em tranquilidade.

Gosto da minha cidade com a sua pomposa estação do Rossio, as linhas ferreas perdendo-se lá muito longe. Dizem que vão dar a Sintra. Que será Sintra...? Talvez um bilhete postal, talvez uma página de um livro, talvez (quem sabe...?) uma simples vila. Gosto dos prédios da Ave-

nida da República. Eles dizem-se: «Somos velhos, és nova, não tenhas medo...» Gosto desses prédios, sempre em contraste, sempre em desafio com os edifícios modernos. Volumes de cimento, ornamentados de vidros e espelhos que sempre me confundem, côncavos, convexos, poligonais. O geometria simples e corrida dos grandes passeios pela cidade!

E os olhos, os nossos olhos, pelos azulejos das escadas dos prédios antigos da Praça do Campo Pequeno, que a Graça descobriu no outro dia, com um ar simultaneamente misterioso e assustado, e me veio mostrar. Ficámos as duas silenciosas, imaginando como seriam as pessoas, as coisas, a cidade por essa altura, por esse tempo já passado.

Há o contraste, o desafio, a diferença a dois passos quase: é a Feira Popular, com a montanha russa, o comboio fantasma, o aroma a sardinhas assadas, a caracóis, a frango assado.

Diz-me a Graça: «Pois tudo isto não parece trocar da solenidade, da compostura e da sobriedade dos prédios antigos...?»

E eu digo: «É o tempo, é o tempo...» Mas logo me deixo envolver pelos verdes do Campo Grande. Liberto a minha imaginação. Respiro fundo, fujo à poluição – e busco em volta as plantas já mordidas pelo rato que vejo passar velozmente...

Levanto a cabeça, como quem intimamente foge da terra, e lá estão elas, as palmeiras, fitando o Tejo, espiaando-lhe os movimentos. Ah, sim! Têm, forçosa-

mente, de ter um «p» maiúsculo... Porque são altas, esbeltas, esguias, silenciosas, atentas... Subitamente, têm um olhar fixo: lembram-me avestruzes. Avestruzes também com um «A» maiúsculo – e com dois pontos à semelhança de dois olhos atentos. Dois pontos que eu coloco como olhos. Serão os meus olhos...?

O entardecer vai crescendo, vou-me diminuindo no dia. O céu cobre-se de nuvens: primeiras são brancas, depois são cor-de-rosa, e entre uma cor e outra cor lembro-me de ti. Uma outra cor, no entanto: a cor verde dos teus olhos. Sei que hoje é o dia dos teus anos. Como gostaria de contemplar a cidade a teu lado... Que sufocação, que tédio, tudo tão na mesma!

Olha, anda ver o mar. Vamos à Trafaria, à Costa não, antes à Trafaria. Tu não sabes como eu amo a Trafaria. Gosto da Trafaria porque a Trafaria é triste e só. Só e triste como eu. Triste e só, sem multidão. Tranquila com os seus pequenos peixes de madeira, ancorados, submissos, espregando-lhes os movimentos por debaixo das pálpebras espessas e salgadas. Como um rei (ou um monstro?) o velho caci-lheiro de vez em vez impõe a sua autoridade, apitando e fazendo despertar súbditos adormecidos nas águas. Gosto da Trafaria porque me alimento dela. A Trafaria enche-me o peito de esperança e de fé. Não sei que fé, não sei que esperança. Mas fico melhor, mais leve, na água-madeira da Trafaria...

Anda, vamos ver o mar!

ELISABETE TAVARES

UM POEMA

J. O. Travanca-Rego

É uma lâmpada velha,
às vezes na treva mas procura
– como um pirilampo esfaqueado –
acender em sangue nas alturas.
É uma lâmpada velha – e não é de ouro

É uma lâmpada, eu diria que de terra,
desafiando à morte o sol: «Heia! Heia!» – vê ó luz –
se és capaz de em mim entrar!

É uma lâmpada. Podes chamar-lhe,
se te apetecer, o desejo duma rosa...
– É a face instantânea
que recusa cegar.

Pescador à linha

Luis Veiga Leitão

U MA BIOGRAFIA DE PEDRA. A palavra pedra é uma constante da sua escrita. Decerto não admira. Nasceu nas Terras do Demo. Pedras fêmeas o criaram e toda a vida foram, pelas andanças que teve, a sua sombra cigana. Nas manhãs da infância dou ao ritmo sincopado e fino do cinzel do pedreiro, devastado, polindo, lavrando as pedras de cantaria.

Alto Douro. Terras do sol e da pedra. Escriturário foi de Brigada Cadastral de Vinhas. Subiu enconstas arriba e passou a limpo altitudes, inclinações, solos graníticos e xistosos (xisto azul) e castas de cepas (Dado de Dama, Touriga Francesa, Malvasia Rei) que de pedregulho se nutriam.

Prisioneiro político, vestiram-no de pedra. As pedras carcerárias do Aljube e do forte subterrâneo de Caxias.

Embarcou no desterro. Replantou-se no Brasil: Rio de Janeiro e Niterói. Da baía da Guanabara, floresta de água, viagens diárias, ou dos jardins suspensos da casa de Vânia, estrada da Viração, quebrada a luz solar, seus olhos espelharam a grandeza cénica dos morros, catédrais fálidas: Pão de Açúcar, Urca, Corcovado, Dois Irmãos e, ao fundo, A Mesa do Imperador – calva cor pétrea dos exílios.

Hoje e de volta, nesta equestre e granítica cidade, espera, sem sombras de pressa, que a torre lhe feche os olhos e às pedras o devolva.

«Nada mais prejudicial à criação artística que a submissão a ordens burocráticas ou patronais impondo à iniciativa do criador parâmetros estreitos que cortem a imaginação e o sonho». Álvaro Cunhal, in 1.ª Assembleia de Artes e Letras da Organização Regional de Lisboa do PCP, 1978.

Quando uma criança faz um poema, a poesia regressa às suas primeiras fontes. Sofia tem oito anos. Talvez, menos. Tal como os poetas crescidos, gosta de estar só para melhor brincar com as palavras. Num crescendo, será sempre assim? Correu-se a tarde sem saúde. E longe ouviram-se cânticos ruidosos. As mãos faziam os

gestos com tristeza no mundo. As aves e os rios eram sobre tremores de terra.

PAZ. Na iminência de ataque nuclear centenas de falsos alarmes soaram já. Cada vez mais quebráveis os fios da espada de Damocles (hoje, missil) sobre as nossas cabeças, todas As cabeças do mundo.

Mais do que nunca, as estrofes de Paul Eluard, J'écris ton nom, em «Liberté», se ajustam à palavra Paz – raiz de todas as palavras vivas. Urge escrevê-la na

pedra, na cal, no ar, no chão, no pão, na ferramenta. Escrevê-la como quem respira, como quem olha, como quem ama. Rescrevê-la no poema de ontem: Não queremos o sangue das crianças/ Na boca das batalhas posto/ – Faço podre de lamas desertas/ mas correndo vivo sob o rosto/ Na alegria de flores abertas.

